M.C.
931
NNO XXV — N.º 29
18 de Julho de 1931
PREÇO: 1$000
FON
FON

Predestinação

(PAIZAGEM CEARENSE)

GILBERTO VEIGA

VOCÊS, que vivem neste mundo á cata de sensações, ávidos por tragedias e escandalos, curiosamente agrupados em torno de um accidente vulgar de rua; vocês que vivem sequiosos pelos martyrios alheios, esgaravatando a vida no que ella tem de mais intimo e mais reservado, venham commigo, silenciosos, medindo o valor dos corações e os bellos gestos espirituaes dos personagens desta narração um pouco fabulosa, mas, real, pelos invios caminhos cheios de impecilhos e sinuosidades da existencia humana, esquecidas através do Brasil longinquo, onde a civilização é uma coisa mythologica.

* * *

Alto sertão do Norte. Homens rusticos. Mulheres ignorantes. Crianças descalças e analphabetas. Choças de palha construidas com enormes sacrificios. Bois mugindo tristemente de chapada em chapada. Magros cães famintos lambendo as patas putridas e enxotando as moscas que lhes pousam nas orelhas feridas. Sol de oiro cahindo indefinidamente sobre tudo, estorricando arvores e hervas. Desolador! Sêcca! Sêcca por todos os lados! Fontes vazias. Arroios de leitos descobertos. Pedras em braza. Cannaviaes resequidos, para cuja consumpção uma chamma bastava. Toda extensão que os olhos abrangem é uma enorme fogueira rebrilhando através dos raios fortes do sol rubro e quente. Uma fornalha seria menos ardente! Pastagens sem vida, ao abandono dos bovinos, onde as perdizes morrem á fome. Codornizes que assistem, cheias de dores, mães desveladas, á morte dos filhos implumes, pela falta vital do alimento. Nem um grão! Nem uma fruta!

* * *

Bruno, caboclo destemido, que não ligava a mordedura de cobra ou a presa do maracajá, via, entretanto, com lagrimas nos olhos, os seus dois filhos, pequeninos ainda, succumbirem á sêde e á fome tremendas! Nem uma gotta dagua! Nem um pedaço de pão!

Olhava o céo pavorosamente azul, onde as nuvens que se formavam, momentaneamente, em rolos, eram impellidas para longe pelos ventos implacaveis. Nos campos, os cereaes morriam á mingua. Aqui e ali, se erguia um pé de milho, de mandioca, brancos e sêccos como esqueletos.

Em tudo a devastação, a loucura do calor, da febre!

Os homens erguiam os olhos tristes para os espaços luminosos e transparentes. As mulheres supplicavam ao Todo Poderoso, mostrando-lhe os filhos nús, a misericordia do seu auxilio. Nada! O céo parecia não se compadecer de seus infortunios!

— Deus se esqueceu de nós! — diziam, amargamente.

Morriam dias escaldantes. Cahiam noites abafadas. Raiavam madrugadas limpidas e suffocantes.

A descrença, a morte, a impaciencia conduziam aquella gente desvairada. Em cada peito oppresso uma amargura intensa. Em cada existencia dolorosa uma duvida tremenda...

— Chove! Não chove!

* * *

A debandada!

Pouco a pouco, aquella gente cabocla ia perdendo, de todo, a esperança. E passava, em grandes lotes, como nuvens de gaviões fugindo á tempestade. Como bandos de nomades ciganos, em busca de melhores paragens.

Homens esqualidos, mulheres semi-núas, crianças de collo. Grandes trouxas de trapos ás costas dos mais jovens. Rafeiros magros de orelhas cahidas.

Em cada bocca uma amargura. Em cada olhar uma saudade da terra que iam deixando. Da terra que lhes serviu de berço e lhes embalou o somno da infancia e os sonhos da mocidade...

Ao passarem pela casa do Bruno, vendo-o á soleira, com olhos cravados no céo, instigavam-no a acompanhal-os. Elle balançava a cabeça, tristemente, e ficava. Ficava com as suas illusões e as suas esperanças em Deus. "Era o ninho dos seus filhos". Não se sentia com coragem para abandonál-o. Era o pedacinho de terra onde elle conheceu a felicidade de um lar e o socego de noites claras. Não tinha forças para deixál-o.

E os que arribavam, como as aves no inverno, seguiam caminho a fóra, enviando-lhe com a mão esqueletica um adeus tristonho e mudo.

* * *

Bruno começava a se sentir fraco. Em torno delle, os filhos, seus rebentos queridos, a mendigarem, soluçando, um pedaço de pão e, sobretudo, um pouco do liquido precioso. Tinham resistido ás sêccas passadas. Essa, porém, era de arrepiar!

— Não póde ser! — falava, comsigo mesmo. — Deixemos de esperança. Vamos em busca de qualquer coisa que allivie os soffrimentos e nos livre da morte pavorosa!

Pensára maduramente. Estava resolvido. Iria em busca de sustento para os seus filhos miseraveis.

Jogára aos hombros uma cabaça e sahira desvairado, em busca de soccorro.

Seus pés desnudos, sobre as areias e pedras torridas, começavam a sangrar. Da fronte o suor corria em grossas bategas.

Quando o desanimo e o cansaço invadiam os seus membros já combalidos, volvia os olhos e os pensamentos á choupana onde os filhos e a mulher curtiam as agruras de um martyrio tremendo: a sêde! Quando seu estomago reclamava e suas entranhas se contorciam em dôres atrozes, recordava-se dos entes do seu coração.

Então, as energias, como por milagre, lhe invadiam o corpo esqualido e recomeçava a marcha com mais ardor, mais coragem.

Em toda parte a solidão, o sol vermelho resequindo o que já estava morto. Ossos brancos, descarnados. Caveiras núas de animaes ao longo dos caminhos poeirentos. Nem um pio de ave! Nem um signal de vida! A morte devastadora campeando e imperando em plena natureza adusta e madrasta!

Depois de tres dias de caminhada, sustentado apenas pelo amor da familia, Bruno encontrara, com os olhos em fogo, o coração pulsando desordenadamente, numa alegria desmedida, uma "capoeira" que escapára, miraculosamente, á sanha da sêcca monstruosa. Não era grande. Bastava, porém, para lhe renascer a alegria.

Um "capão" de terra fresca, coberto por algumas arvores, onde os passarinhos chilreavam, perdido no deserto! Ali a agua corria de mansinho numa gruta e uma palhoça se erguia meio occulta pelas carnaúbas. Uma apparição! Jamais elle esperava encontrar em pleno inferno um paraiso semelhante. Miragem? Não! Elle pegava, embevecido, nas folhas frescas e sentia o cheiro do matto verde e a caricia das suas sombras!

Mal se sustinha nas pernas bambas. Mal podia mover os pés inchados e abertos em fridas dolorosas.

Approximou-se da choça. Bateu á porta. Appareceu um caboclo vigoroso, mastigando.

— Tava comendo. Se é servido, não faça cirimonha.

Disséra que sim. Queria, porém, em primeiro logar, um bocado da-

(Conclúe na pag. seguinte)

gua. Tinha a lingua estalando como folhas sêccas.

Comeu farinha com rapadura. Bebeu. Deu graças a Deus e cobriu de bençãos aquelle irmão hospitaleiro e sua companheira bôa, pedindo para elles toda a alegria da terra. Contou-lhes sua historia terrivel.

— São muitos os que aqui têm viado — responderam.

Deram-lhe carne assada. Farinha. Rapadura. Encheu a cabaça de agua e, com as forças refeitas, abalou-se estrada em fóra.

Andou seguidamente, sem parar, os dias de regresso!

Milagre do coração! Força de vontade que tudo consegue! Amor dos filhos ao longe, da mulher sozinha chorando a dôr do isolamento e as torturas da fome e da sêde, tudo isso lhe emprestavam uma coragem e uma energia que não eram para o seu corpo combalido pelas necessidades e pelo desespero.

Ao atravessar as estradas poeirentas, de longe em longe, encon-

PREDESTINAÇÃO

(Conclusão)

trava viva alma e a soccorria com o pouco que levava. E, coberto de bençãos, corria em busca dos seus entes queridos.

Quando avistou a miseravel tapéra que cobria os seus filhos, sentiu uma alegria enorme e correu a amparál-os.

O magro cão que lhe guardava a porta empestava o ambiente com o ventre podre, ao sol. Entrou.

Seus passos morriam sem que ninguem viesse ao seu encontro. Um quadro pavoroso se apresentou aos seus olhos em braza. Na cama, sua companheira sem vida apertava um filhinho morto. O outro, o menor, sugava o seio frio da mulher inerte.

Bruno sentiu uma colera tremenda contra tudo. Blasphemou! Disse coisas monstruosas! Teve impetos de arrancar o coração do unico filho vivo e se esfaquear ali

mesmo, sob o mesmo tecto e mesma desventura. Pensou. Chorou em seguida. As lagrimas trouxeram-lhe resignação e coragem. Suave balsamo para as grandes dores!

Cuidou do filhinho quasi morto. Enterrou e regou com suas lagrimas doridas, de rustico e bom, os corpos amados.

E deixou para sempre aquelle sitio amargo e terrivelmente adusto!

* * *

Tempos depois, Bruno, com o filho ás costas, á semelhança da Preguiça carinhosa, e os ossos quasi chocalhando, entrava no Amazonas, o "Inferno Verde".

— Mais um dia! — diziam.

E elle se misturou á turba dos exilados da sêcca. O peor de todos os exilios!

Guardava para si o segredo e a tragedia da sua vida negra, vendendo o seu trabalho para sustento do unico amor sobrevivente á furia impiedosa dos sertões da sua terra!

As mulheres e o telephone

DE MARK TWAIN

ASSEGURO-TE, leitor amigo, que uma palestra telephonica é o que de mais interessante nos póde offerecer a vida moderna. Sobretudo, si a gente tem a ventura de se encontrar proximo ao apparelho e, desde logo, sem tomar parte na conversação.

Hontem me foi dado escutar uma dessas deliciosas palestras, emquanto me preparava para escrever um artigo sobre a psychologia feminina.

Chamaram a meu telephone e, antes que eu pudesse perguntar quem era, pude ouvir o seguinte semi-dialogo:

— Assim?... E' engraçadissimo!... Como occorreu?

— ...

— Que dizes?

— ...

— Ah, vamos!

— ...

— Não. O melhor é impedir que chegue a ponto de ebulição. Póde-se manejar muito mais commodamente.

— ...

— Que? Como?

— ...

— Não, mulher. E' preferivel ir para traz.

— ...

— Sim. Não te ficaria mal. No emtanto, eu a enfeitaria com algum adorno vistoso e agradavel: valencianas ou coisa parecida.

— ...

— Encontra-se em qualquer livraria. E' muito importante. Sobretudo o ultimo capitulo.

— ...

— Prega todos os dominigos, agora.

— ...

— Talvez. Eu uso agulhas mais grossas.

— ...

— Como?... *(A' parte)*: Menino, fica quieto!

— ...

— Em si bemol.

— ...

— Ah!... Assim?... Desde quando?

— ...

— Não sei o que é.

— ...

— Deixas-me assombrada! Parece impossivel! Mas, é claro, desde menina que era muito coquete!

— ...

— Quem foi?

— ...

— Que barbaridade!

— ...

— E elle, que disse?

— ...

— Não tenho muita certeza. Creio que começa *pianissimo* e vae crescendo pouco a pouco.

— ...

— Dá-lhe magnesia. Eu não deixo que os meus comam doce... Só frutas.

— ...

— Que?

— De maneira alguma!

— ...

— Com visitas.

— ...

— Não valem tanto. Nunca pago a mais de mil réis a duzia.

— ...

— Emilia tambem não tem cozinheira.

— ...

— Irás?

— ...

— Bem. Então, até quatro horas. Tenho que vestir-me ainda...

— ...

— Lembranças... Obrigada.

FON - FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barrozo — THESOUREIRO: Cyro Machado

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4136 — Caixa Postal 97

RIO DE JANEIRO

UM PRESENTE DO DESTINO

A GARCIA DE REZENDE

POR mais que se esforce, não consegue esquecêl-a.

Não ha festas que o distraiam. Não ha distracção que o alegre. Nem attractivos que o encantem...

Aquelle amor puro, que era todo a sua vida, toda a razão de ser de sua existencia, — nascido de uma convivencia de alguns annos, harmoniosa e feliz — aquelles grandes olhos negros, naquelle lindo rosto moreno, ainda hoje o dominam.

Foi ha oito annos, mais ou menos, quando, em uma noite muito alva e muito linda, sob um céo muito lindo e muito azul, elle a encontrou. Os seus olhares tambem se encontraram. Houve um accordo tácito. Sorriram-se. Sendo rapido, como foi, o entendimento, attrahido, absorvido, elle a seguiu de perto, mas, a timidez o inhibiu de, nesse momento, aproximar-se, de falar-lhe.

Seria algum presentimento? Talvez...

Emtanto, elle não conhecia ainda a vida, nem as decepções que ella, perdulariamente, prepara para aquelles que se lhe procuram aproximar...

Ah, as decepções da Vida!...

Succederam-se outros encontros e, ainda por timidez, elle reagiu.

Mas, numa reunião mundana, o momento — esse momento que, ás vezes custa, porém que, fatalmente, chega — appareceu.

Conheceram-se...

Dahi, caminharam muito tempo juntos, deliciosamente unidos, dentro de de um mesmo sonho, vibrando numa só idéa, numa só vontade.

No emtanto, elle não podia ainda perceber que, no livro do seu Destino, todas as paginas das suas alegrias futuras estavam rasgadas pela mão traiçoeira do Anjo do Mal...

Ella, mulher bonita, e, como mulher bonita, voluvel. Vendo-se amada por um e cortejada por muitos, requintou sua vaidade e impôz dominio; elle, rapaz ingenuo ainda, e ainda adormecido no suave enlevo dos seus róseos sonhos, e mais: ignorando que, na vida, basta apenas um tropeço para se ver evolar com a poeira todas as esperanças e todas as fantasias de felicidade, e que, no amor, "*il-y-a toujours un qui embrasse et l'autre qui se laisse embrasser*", ouvindo as suas encantadoras mentiras de envolta com as suas fementidas juras, deixou-se dominar, tornou-se escravo.

"Quando o passado e o presente se conjugam para vos tornar felizes, temei sempre o futuro".

Uma noite, como de costume, estanto juntos, elle abatido e triste, contou-lhe haver soffrido a sua primeira decepção, haver o Destino vibrado um rude golpe nas suas lindas aspirações de moço, e, assim, para que novamente a vida lhe sorrisse, seria preciso esperar resignadamente algum tempo, num dispender incessante de esforços, a custo de muito trabalho, para o qual se achava forte, mas que, falhando, teria de, victima, abandonar-se desgraçadamente aos designios de sua propria infelicidade. Logo após essa confissão, elle notou que, no céo limpido do seu amor havia surgido uma nuvem negra sombreando-lhe o caminho, com prenuncio de proximas borrascas e uma onda forte de um vento de Realidade inundou o scenario calmo dos seus sonhos...

Nos encontros que se seguiram ella começou a provocar constantes discussões que, rarissimas vezes, não traziam grandes aborrecimentos, seguidos de pesados e martyzantes silencios entre ambos, até que, quando elle, depois de um somno muito agitado, abriu os olhos para a alacridade de uma linda manhã de sol, ainda tontos, o pensamento baralhado ainda, o que primeiro viu: foram os acontecimentos da vespera passarem-lhe pela memoria, confusamente, doloridamente; a impressão primeira que teve: foi de estar sozinho, abandonado em meio de um enorme deserto, sem a sombra confortadora de uma miragem, sem a esperança consoladora de um oasis... E, amarguradamente, pela primeira vez em sua vida, elle chorou. Chorou amarguradamente...

O Destino mentira-lhe nos Sonhos...

Desde então, nunca mais o viram alegre. Vive desgraçada e intimamente triste, retrahido. Mas, si, por acaso, elle se vê entre amigos, reunidos, alegremente conversando, faz-se tambem alegre e sorria muito: gargalha. "A lagrima que escapa do coração, não alcançando chegar aos olhos, se derrama pelos labios. A dôr tem tambem, seus sorrisos" — gargalha, para ver si, assim, consegue esquecer as paginas perdidas, tinadas no passado, para que as recordações não lhe torturem o coração, no rememorar as emoções que fôram sentidas e que lhe deixaram nalma o veneno martyrisante daquelle grande, primeiro e unico amor...

Mas, não póde, não consegue, por mais que se esforce, por mais que tente...

... E vae rolando pelo mundo sem illusões e sem crenças, como uma coisa inutil, um segundo Ashaverus da lenda, o Judeu Errante de sua inexperiencia, e obsedado por aquelles grande olhos negros que naquelle lindo rosto moreno, se infiltraram, numa felicidade e numa desgraça, pela sua vida e a aniquilaram para sempre...

Triste Destino! Pobre victima!...

STENIO DE SÁ

PAIZES EXOTICOS

DE JORGE DOLLEY

TRES da madrugada. O cabaret está cheio de gente. Corre o *champagne* pelas mesas, e o bailarino negro se contorce na sala.

Em uma das mesas, Alberto de Chartier, que já está na terceira garrafa, conversa com Kiki, o celebre pintor.

— Estou farto de cidade. Esta vida civilizada me aborrece. Eu queria ver algo novo. Partir. Ver paizes selvagens, negros que não sejam bailarinos, o sol, o deserto...

"Hontem fui ao *music-hall*: os mesmos numeros de sempre. Nos theatros, as peças de ha quatro mezes. Digo-te que estou farto dos bailarinos negros, da T. S. H. ... Quero alguma coisa nova, e amanhã vou tirar passagem para a Africa equatorial. Estou resolvido a abandonar a cidade para ir em busca do desconhecido. Que prazer não mais provar o *foie gras*, nem o *champagne*!"

No tombadilho do vapor, Alberto le Chartier sonha.

— Ha varios dias que embarquei. A travessia não será longa. Breve estarei no paiz dos selvagens.

Subito, um ruido espantoso. O vapor abalroou com uma pedra. Duas horas depois, Alberto estava só, em uma canôa, no oceano.

Cinco dias depois, meio morto de fome e de sêde, divisou uma ilhota.

— Até que emfim! Encontrei uma ilha deserta.

Despiu-se, lançou-se á agua, e quando as forças começavam a faltar-lhe, poude ganhar a praia.

Poz o pé em terra e cahiu sem sentidos.

Quando os recuperou, uma turba de negros se precipitou para elle. Amarraram-no e conduziram-no a uma grande choça, onde, sentado em um throno, estava um personagem com o corpo e a cabeça cobertos de plumas, ouropeis e objectos de vidro.

— Estou em casa do rei — murmurou Alberto. — Agora me comerão, na certa. Vamos ver si entendem alguma coisa de seu idioma.

— Como está o senhor Alberto le Chartier? — perguntou o rei, em francez correcto.

— Hein?

— O senhor Alberto le Chartier não me conhece? Sou aquelle que lhe dava massagens no club.

— Hasson?

— Exactamente. Economizei uns francos e vim para a minha ilha natal, onde me fiz proclamar rei. Mas o senhor Alberto ha de estar com fome.

— Muita. Confesso-o.

— Aqui tem um excellente *foie gras* e um *champagne* riquissimo. Recebi-os de um de meus antigos clientes de sua patria. O senhor Alberto deve estar cansado. Vou dar-lhe uma massagem e barbeál-o.

Uma hora depois, Alberto le Chartier, fresco como uma rosa, tomava um *cock-tail* com o rei negro, e contava-lhe suas aventuras.

— Almoçaremos juntos — disse-lhe o rei massagista. — Está convidada a soberana da tribu vizinha.

— Uma rainha!

E Alberto evocou a rainha de Sabá e pensou em ineditas voluptuosidades.

Coberta de plumas coloridas, e ostentando um cinturão de bananas, entrou a soberana.

— Bom dia, Alberto! — disse a rainha.

— Que?

— Não me reconheces? Sou a negra da avenida da Opera.

— E agora — falou o rei — emquanto almoçamos, ouviremos a senhorita Maud Partey em *O casamento da boneca pintada*."

— Hein?! — perguntou Alberto, espantado.

— E' que tenho *radio* — disse o rei.

Alberto le Chartier não podia voltar a si de seu espanto. Mas era aquillo o que tanto ambicionava conhecer? Onde estava a pureza selvagem da vida africana? Alli, tudo era igual ao que podia encontrar em qualquer metropole civilizada da Europa ou da America.

— Mais tarde — ajuntou o soberano negro, com a satisfação do homem que conhece sua verdadeira importancia — posso levál-o ao *cabaret*. Installámol-o no estylo dos de Paris, de Nova York, de Berlim, e temos nelle bailarinas que fizeram furor nas capitaes mencionadas... E' possivel que o senhor encontre entre ellas antigas conhecidas. Quero que leve uma grata recordação de meus dominios.

Aquillo era, positivamente, o cumulo. Alberto fugira de seu paiz para curar o tédio que provocára em seu animo um excesso de super-civilização e alli, naquelle remoto logar aonde o levára o acaso, o perseguiam os mesmos elementos que haviam motivado sua viagem.

— Diga: não passam navios nas proximidades daqui?

O rei negro esboçou um sorriso, e respondeu:

— Si o que o senhor deseja é abandonar a ilha, posso pôr á sua disposição meu *yacht* de recreio.

O PERIGO DA

ENTROU para o prelo o novo livro do escriptor Christovam de Camargo, nome victorioso nos nossos circulos literarios, onde se impõe com duas obras que alcançaram grande successo de livraria: "O estranho caso de Pelino Mendes" e "Enigma-Mulher".

Pertence ao livro que Christovam de Camargo nos dará dentro de alguns dias e cujo titulo é — "O inventor da appendicite", o conto inedito que aqui publicamos, por uma gentileza de seu autor.

AQUELLA fazenda, a "Samambaia", devia ter partes com o diabo. Diziam haver desapparecido, sem deixar o menor signal, um viajante que nella apeara uma noite pedindo pouso.

Nem todos acreditavam. Eram intrigas politicas, diziam. O coronel Julião, homem de grande prestigio, caracter violento, capaz de enterrar um adversario nas maiores difficuldades, contava naturalmente um grande numero de inimigos. Estes não o poupavam, mas, como não lhes sobrava coragem para enfrentál-o, teciam-lhe pelas costas as maiores vilanias.

Diziam tudo delle. Que havia seduzido a filha de um colono, garota com doze annos apenas de idade, que batia na mulher, que era avarento, que era maçon e agora, ultimamente, que tinha dado sumiço ao viajante.

O coronel não ligava ao que os adversarios diziam. Senhor de uma influencia consideravel, era delle que dependia a nomeação do delegado, do promotor, do juiz, de todos os funccionarios da cidade, emfim; de sorte que estava se ninando com as babozeiras que os outros espalhavam.

A ultima accusação, porém, era vehemente e precisa.

Havia desapparecido, como por encanto, o viajante de uma loja atacadista do Rio, e a ultima casa em que dormira tinha sido a delle.

O acontecimento começou a fazer ruido. Corria, á bocca pequena, que Julião tinha assassinado o rapaz para lhe ficar com o dinheiro, producto de cobranças feitas em todas aquellas redondezas.

Para roubar!! — diziam os conhecidos, com espanto. — Pois um homem como o coronel, de uma seriedade que nunca fôra posta em duvida, de mais a mais rico como era, ia lá matar um homem que se hospedára na sua fazenda — para roubál-o?

— Pois então, — retrucavam os seus inimigos, — cada um é honesto até o momento em que o deixa de ser. A's vezes, vêem-se coisas assim. Depois, isso de ser rico não tinha importancia. Olhem que duzentos contos é uma bolada!

Outros garantiam que o cometa trazia comsigo nada menos de quinhentos contos.

— O que é certo é que, com duzentos ou com quinhentos, concluia o pharmaceutico de Mercêdes, a villa proxima á fazenda — o pobre moço lá ficou sem vida. Eu é que não queria estar agora na sua pelle!

— Bem comidinha é que ella deve estar, pelos vermes, casquinou o Juca Ponteiro, o que fez á roda debulhar gargalhadinhas nervosas.

O desapparecimento mysterioso do cometa, com as suspeitas que pesavam sobre o coronel, estava fazendo escandalo em toda a comarca.

Constava que havia sido aberto inquerito, que a responsabilidade de Julião ficára perfeitamente delineada e que estava eminente o pedido de prisão preventiva do assassino.

Andavam as coisas neste pé, quando se apresentou ao coronel, com uma carta de recommendação, o sr. Pedro Meirelles, viajante tambem de uma grande casa de modas do Rio.

Uma vez installado, Meirelles foi percorrer a villa.

Vinha incumbido de fazer diversas cobranças de vulto, de regularizar negocios que o seu antecessor deixára atrapalhados.

Na villa, apresentou as credenciais que trazia para pessôas importantes do lugar.

Em casa do medico, dr. Barboza, uma das primeiras pessôas a quem se dirigiu, teve uma recepção muito cordial.

— Pois seja muito bem vindo, disse-lhe o doutor, depois de ler a carta de apresentação, e aqui estou para servil-o no que precisar. E si foi para o hotel, vou mandar buscar as suas malas, pois faço questão de que fique commigo.

— Sou-lhe muito obrigado, doutor, mas hospedei-me na fazenda do coronel Julião...

— Como?! atalhou o medico; o senhor diz que está hospedado...

— Em casa do coronel Julião, doutor.

— Ah!

O Meirelles, sabedor dos costumes hospitaleiros do interior, pareceu-lhe ler naquella exclamação simples despeito por ter dado preferencia a outro.

— O dr. Barbosa ha de me desculpar, mas o meu patrão deu-me uma carta para o coronel

«SAMAMBAIA»

de quem é amigo, dizendo-lhe que eu ficaria na sua casa. O offerecimento do doutor lisonjeia-me muito, mas, bem vê, no meu caso, não poderia agir de outra maneira.

— Não ha duvida, senhor Meirelles, mas é que... emfim, nada!

— Não quer dizer que me esqueça da sua gentileza, doutor. Provavelmente terei de vir por cá outras vezes e, numa dessas, será com immenso prazer que acceitarei a sua hospitalidade.

Conversaram algum tempo, e Meirelles percebeu que o medico conservava o seu ar preoccupado. Pelo caminho, foi-se rindo e pensando comsigo: esta gente do interior é engraçada; sensibiliza-se com qualquer coisa; afinal de contas, eu não posso ficar morando com todos ao mesmo tempo.

Em casa do dr. Epaminondas, rabula afamado nas redondezas e uma das grandes influencias politicas da zona, notou as mesmas reservas, as mesmas indecisões, quando declarou onde estava hospedado. Sahiu pensando: que diabo, já é o segundo que parece não gostar de eu ter ficado na fazenda. Emfim, deve ser alguma dessas intrigas de roça. Naturalmente alguma questão politica. Ha de ser isso. Ora, eu nada tenho que ver com essas coisas. O que eu quero é fazer o meu trabalho socegado e voltar para o Rio o mais depressa possivel.

Deu umas voltas pela villa, montou o cavallo e voltou para a fazenda. Trazia mais algumas cartas, mas ficariam para o outro dia. Ia descansar um pouco.

No dia seguinte, tocou para villa, depois do almoço, e passou o dia inteiro de cá para lá, com os freguezes da casa, pondo os negocios em ordem. Voltou á fazenda á hora da ceia, trazendo já comsigo o dinheiro de algumas cobranças.

Ao outro dia, apresentou-se para entregar o resto das cartas.

Antonio Guimarães, socio da firma Guimarães & Portocarrero, o melhor freguez da sua casa, no lugar, depois dos primeiros cumprimentos, emquanto abria a carta que acabava de lhe ser entregue, foi-se abrindo sem mais preambulos:

— Disseram-me que está em casa do coronel Julião... é verdade?

Meirelles teve um sobresalto.

— Sim, senhor, é verdade. E que ha com o coronel? Tenho notado da parte de todo uma certa prevenção para com elle...

— Então, não sabe?

— Si eu não sei? Eu... não sei de nada!

— Bem, bem, emfim, eu não me metto nessas coisas, mas achava bom o senhor tomar algumas informações a respeito desse homem.

— Mas, pelo amor de Deus, diga-me, de uma vez, o que ha! O coronel é morphetico, está louco, tem partes com o diabo? Todo mundo mostra um ar mysterioso quando digo que estou na "Samambaia", mas ninguem me fala com franqueza. Que é que o senhor sabe do coronel?

— Olhe, meu amigo, já lhe disse que não posso estar aqui a dar com a lingua nos dentes. Ao sahir, a primeira pessôa que encontrar deixál-o-á inteirado de tudo.

— Então, com licença; já que o senhor está com todos esses mysterios, vou procurar alguem que me elucide.

E sahiu, furioso.

— Arre, que esta gente já me está enervando com as suas maniganças. Pois si eu corro algum perigo em permanecer na fazenda, que me digam de uma vez! Ou, si não querem, que se calem e não comecem, com meias-palavras, a me aborrecer o juizo! E começou a reflectir: — não, aqui ha coisa! Não volto para a "Samambaia" sem saber tudo, tim-tim por tim-tim.

Poz-se a andar pela villa.

— Mas a quem me hei de dirigir? Parece que todos têm medo desse sujeito. No fim, vão ver que toda essa prevenção é porque o homem é maçon ou espirita. Si fôr uma coisa dessas, hei de me rir muito contando ao coronel os temores desses pandegos. Agora, o melhor é tirar tudo a limpo, e ha de ser já, com aquelle barbeiro.

Meirelles entrou na barbearia, sentou-se e, emquanto lhe ensaboavam o rosto, foi dizendo das suas preoccupações. Quando o barbeiro começou com aquellas eternas evasivas, endireitou-se na cadeira e encarou-o energicamente.

— Não, meu amigo, estou farto dessas manobras; você vae me dizer que diabo de historia é essa, ou eu volto para a fazenda e conto ao coronel os rumores que vocês fazem correr, citando os nomes dos que me falaram mal delle.

— Mas eu não disse nada, atalhou o barbeiro, já amedrontado.

— Não quero saber de historias; vou fazer uma intriga dos diabos. Vocês, depois, lá se avenham com elle.

(Continúa na pagina 10)

O PERIGO DA «SAMAMBAIA» — (Continuação)

Mas agora, rapaz, com franqueza, isto já está demais. Pelo que vejo, estou correndo um grande perigo e não ha quem me avise lealmente. Seja meu amigo, homem, conte-me tudo; juro que o não comprometterei!

O barbeiro, então, contou. Disse o que corria na villa, o fim tragico do viajante, as suspeitas que recahiam sobre o coronel... tudo.

Meirelles ficou apavorado.

— E vocês esperavam que o homem me matasse para depois me avisar? Sim, senhor, agora — bonito! E que pretexto vou dar ao coronel para me safar? Poz-se a se remexer na cadeira, obrigando o pobre barbeiro a fazer prodigios para não lhe arrancar uma tira do beiço.

— Vou já tratar da mudança, foi dizendo, ao sahir; o coronel não me pilha na sua fazenda nem mais meia hora. E tomara que o não encontre; assim agarro as malas e musco-me; quando elle der pela minha falta, já estou longe.

Depois foi pensando que não devia agir dessa maneira. Afinal, o coronel tinha-o tratado com tal gentileza, que não podia ir sahindo sem mais nem menos. E si fosse tudo mentira! O coronel era amigo do patrão e, si o desfeiteasse, talvez viesse a se arrepender, mais tarde. A questão é que aquillo tudo, apesar de inverosimil, podia muito bem ser verdade e, pelo sim, pelo não, o melhor era não facilitar. E resolveu: deixava uma carta delicada, despedindo-se com um pretexto qualquer.

E si o coronel estivesse em casa? ahi é que eram ellas! Emfim, na hora, veria o que convinha fazer.

Mal entrou, a primeira pessôa que viu foi o dono da casa. Passou por elle rapidamente, disse-lhe algumas palavras e metteu-se no quarto.

Fechou-se por dentro e sentou-se na cama, pensando. E começou a sentir-se horrorizado daquella situação. Emfim, era preciso decidir-se; não podia continuar ali assim. Explicaria depois tudo ao patrão.

Começou a arrumar as malas atabalhoadamente, na ansia de se ver livre daquella casa.

Atirou as roupas e os papeis a trouxe-mouxe nas canastras, e sahiu á procura do coronel.

O dono da casa recebeu-o carinhosamente.

— Então, o senhor ainda não me contou como o têm tratado por aqui, si está satisfeito, si tem gostado da terra...

Meirelles, que já tinha o seu discurso engatilhado, não sabia o que responder.

— Muito, coronel, tenho gostado muito. E' uma villa muito adeantada, com um commercio florescente...

— Não ha duvida, a villa é de primeira ordem, e espero que será breve elevada á categoria de cidade. O que estraga um pouco o nosso progresso é a politicagem. O senhor não imagina como a maledicencia campeia nesta terra. Que de intrigas se formam! Aliás, é o nosso grande mal; creio que em todos os lugares pequenos ha de ser a mesma coisa. Emfim, que se ha de fazer?

E o coronel suspirou.

— Coronel, eu queria falar-lhe...

— Estou ás suas ordens. Mas... o senhor está assim com um ar solenne; parece que me vae dizer alguma coisa grave!

— Não, coronel, é apenas...

— Si é algum embaraço, póde contar commigo, e vá falando, não faça ceremonias; a apresentação que me trouxe obriga-me a collocar-me inteiramente ao seu dispôr. Então, os negocios não têm ido bem por aqui?

— Não é isso, coronel; os negocios até têm corrido muito bem; tenho recebido mais do que esperava...

Meirelles arrependeu-se de ter sido tão franco.

— E então?

— O que eu queria dizer-lhe, coronel, é que sou obrigado a deixar a sua casa!

— Que? Como?!

Ante o espanto do coronel, Meirelles ficou enleado, sem saber como continuar.

— Pois o senhor tambem?! E que motivos ha para deixar a casa onde foi tão bem recebido! Não está sendo bem tratado? Falta-lhe alguma coisa?

— O coronel não me deixa explicar... Tenho que estudar com o Borges uns papeis, e só ha tempo de fazêl-o á noite. Trabalho longo. Então o Borges propoz-me ficar uns dias em sua casa, até acabarmos esse serviço. Voltarei depois.

— Ah! foi o Borges? Já me tardava esta. Pois, meu amigo, não o deixarei sahir. Não quero dar esse gosto aos meus inimigos. Isto é — si quizer ir, não poderei agarrál-o, mas fique certo de que me affronta gravemente e eu não deixarei de communicar ao seu patrão o succedido.

— Mas, coronel...

O coronel virou-lhe as costas, sem querer saber de mais explicações.

Meirelles ficou atordoado.

— E esta! Então era ficar quizesse ou não quizesse! Em que talas o haviam mettido!

Voltou para o quarto e pôz-se a meditar. O melhor era ir sahindo, assim á franceza. Mas, depois, si o que diziam do fazendeiro não passasse de uma dessas conspiraçõezinhas tão communs na roça, como se explicaria com o patrão?

Era o diabo. Tinha de ficar, désse lá por

(Conclúe nas paginas 12 e 13)

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre effeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a soffrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador Gesteira* todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador Gesteira*

O Melhor tratamento é usar *Regulador Gesteira.*

Sim! Sim!

Regulador Gesteira é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador Gesteira*

(Continuação) — O PERIGO DA «SAMAMBAIA»

onde désse. Ha situações na vida em que a gente tem de affrontar todos os perigos. Estava num desses casos; era impossivel recuar. Entregava a alma a Deus e o que fosse havia de soar.

Jantou com o coronel, que conversou muito, sem alludir ao incidente de ha pouco. Parecia nem se lembrar do que havia occorrido, apesar do hospede estar pensativo e mostrar-se meio nervoso.

A' noite, Meirelles recolheu-se tarde, pretextando falta de somno. O coronel, por delicadeza, fez-lhe companhia. Cearam e, á uma da madrugada, o amphitryão despediu-se, pretextando ter de se levantar cedinho, no dia seguinte. Meirelles não teve remedio senão recolher-se tambem. Entrou para o quarto, mais nervoso do que nunca, cheio de amargos presentimentos.

— Qual! o coração não me engana; esta noite vae-me acontecer alguma desgraça!

Quando abriu a luz, uma mariposa negra levantou vôo, indo projectar-se de encontro ao espelho. Meirelles sentiu um calafrio e instinctivamente abriu o quarto e precipitou-se no corredor.

— Inda mais esta, uma mariposa negra! Que havia de fazer?

A escuridão do corredor augmentava-lhe o medo; o melhor era voltar para o quarto; já estava decidido: agora era entregar o barco á correnteza.

Abriu a janella e, com a toalha, espantou a mariposa. Deu ainda pelo quarto largas passadas, cheio de agitação; depois, aferrolhou cuidadosamente a porta, barricadou-se com uma grande mala, e deitou-se.

Não havia meio de pregar olho. Revirou-se na cama durante muito tempo e, quando, cansado, ia adormecendo, pareceu-lhe ouvir ruido do lado de fóra, perto da janella.

Teve um sobresalto.

— Era pela janella que o ladrão ia entrar! E elle que se esquecêra de se defender por ali!

A janella ficava do lado opposto á cabeceira, de sorte que elle poderia examinar todos os movimentos do assaltante. Mas isso era o peor. Sentia-se inteiriçado, sem se poder mexer, e ter de acompanhar as manobras do ladrão era uma verdadeira agonia. Não era homem para se defender, para lutar, de sorte que preferia ser morto pelas costas, sem passar pela angustia daquelles longos minutos de espera.

De repente, na "embrasure" da janella destacou-se um vulto. Meirelles quiz gritar, mas sentiu na garganta

O PERIGO DA «SAMAMBAIA» — (Conclusão)

um caroço, interceptando-lhe a voz. Fazia luar, e elle poude distinguir as feições do coronel. Então era verdade: o dono da casa, com pretexto de uma larga hospitalidade, attrahia os viajantes para desvalizál-os! Depois, para se ver livre da policia, matava-os, dava-lhes sumiço!

Tentou falar e queria dizer ao coronel que lhe abandonava todo o dinheiro, jurava por tudo não o denunciar, mas que o poupasse, que não o matasse, pelo amor de Deus! Mas que horror, a voz não sahia!

O coronel saltou para dentro do quarto e, tacteando, dirigiu-se para o leito. Meirelles sentia que o coração ia arrebentar-lhe o thorax.

O coronel não lhe parecia o mesmo com quem horas antes conversáva; mostrava um semblante feroz, cheio de odio. E o seu vulto era maior; parecia de um gigante.

Era a allucinação do medo que fazia o carrasco assumir na imaginação da victima proporções phantasticas.

O assassino não trazia armas. Meirelles comprehendeu que ia ser estrangulado. Effectivamente, o bandido aproximou-se da cama e ergueu as mãos, com os dedos em garra. Estava perdido, perdido! Fechou os olhos para não se ver morrer. Lançou um ultimo pensamento á sua mãe, pobre velhinha, que ia perder com o filho o seu unico arrimo, e entregou a alma a Deus.

Começou a sentir que as unhas do algoz lhe entravam na garganta. Era o ultimo minuto da sua vida. Então, do fundo do seu ser, lá das camadas mysteriosas da alma onde se forjam os elementos cryptopsychicos, subiu-lhe ao animo uma invencivel vontade de reacção e aos musculos uma energia de mola que se distende.

Não podia morrer assim, covardemente, estupidamente, sem lutar. Galvanizado por uma força estranha, começou a bracejar, aos gritos, na ansia de viver.

Braços possantes agarraram-lhe os hombros, sacudiram-nos, emquanto o seu nome era pronunciado em altas vozes.

Como por encanto, dissiparam-se as sombras da noite. E Meirelles viu ao seu lado a face amiga e bonacheirona do coronel, que lhe dizia:

— Arre, que o senhor me pregou um susto! Tambem, o culpado fui eu, que insisti para que comesse, á noite, aquellas empadinhas...

CHRISTOVAM DE CAMARGO

MULHERES DE HOJE

DE ADAUCTO FERNANDES

A Gustavo Barrozo

AQUELLA noite, até parece, havia mais luz, e mulheres muito mais bellas e perfumadas no salão do Casino. A ceia, naquelle momento, ia cada vez mais animada, cheia de risos e ditos galantes, entrecortados, de quando em quando, pelo sabor áttico de phrases feitas, finissimas, armando, á esthetica delicada dos assumptos, entre os convivas, effeitos diversos, variaveis, de observação e de bom gosto, malleaveis uns, outros, de utilitarismo ethico.

Em todos elles, porém, resumava a eterna e debatidissima questão do encantador mundano, ora flagranteado na sua fragilidade espontanea, ora em lyricos madrigaes de amor e renda synthetizando o rythmo novo da coqueteria feminina, onde mais intima se traça toda a historia galante do coração humano.

A paixão e a tragedia, o delirio e a loucura, o ciume e o crime, como fórmas positivas da impulsividade sentimental de uma raça toda, eram, nessas coisas em que só falam a brutalidade e o egoismo, cambiantes carregadas, pesarosas, anuviando, por instantes, a belleza esthetica do ambiente.

— Lá fóra, nas ruas e pelas praias, a vida nocturna ia, na sua marcha continua, desenrolada, solta, trepidante, admiravel, soberba, povoada de fórmas encantadoras, boliçosas, cruzando-se multiplas, em todos os sentidos, como se fossem sombras errantes, coadas pela brancura luminosa, tremula, das lampadas electricas da Avenida.

A' mesa, em plano salião, o Rodrigues, o Jonas e o Fernandes, esvasiavam as ultimas taças espumantes de "champagne", — espirito capitoso de essencias embriagantes, — elevando mais alto o senso critico das coisas evocadas, como se a propria imagem do passado, feita realidade, fosse ainda, nas reminiscencias da memoria, o sonho orvalhado por esse aroma azul, esquisito, narcotizante, com que se perfuma dentro dalma toda a sensibilidade creadora. Agora, dentro dellas, só o coração falava.

O assumpto, á sua delicadeza tocante, lyrica, cheia de "snobismo" e de emoção, alongou-se excessivo, sentimental. Cada qual tinha a sua historia:

— Ah! meus amigos, nem é possivel que a imaginação humana, na sua pequenez, possa conceber, ou mesmo comprehender, a grandeza deslumbrante de tudo que me faz reviver essa recordação — falou o Rodrigues. — Parece que foi hoje. Em tudo que me rodeava fremia e estuava a delicia de uma outra sensação. Havia, naquella tarde, um ambiente mais puro, e, dentro do qual, a propria natureza divinizava a poeira parda do crepusculo, numa confusão luminosa de astros, commovendo os seres, cantando as coisas, estonteando a gente. Ah! nunca me esquecerei dessa tarde, em que a encontrei de joelhos, dentro da igreja, a rezar contricta, arrebatada de fé — relembrou, commovido. — Como era bella rezando, as mãozinhas postas! Parece-me que a estou vendo ainda, a alhar o Christo, tomada da mesma unção religiosa, numa transfiguração bemdita de virtudes. Orava, pallida, a fronte levantada para o céo, numa contemplação mystica de somnambula!... Foi assim que eu a vi rezando. E, quando, pelas faces brancas de jasmim, eu percebi que lhe corria o pranto, mudo, velado, comprehendi, cheio de amor e de paixão, que era por mim que ella chorava!... Até hoje, creiam, entre todas as mulheres, conserva a mesma candura de quando a vi pela primeira vez.

— Amor de Santa.

— Não! Amor de Laura. Sei que não ha, em nosso idioma, palavras com que me possa exprimir — continuou, arfando. — Mas sei, tambem, que a tarde, na sua grandeza nostalgica e pantheista, era, nesse fim de dia, como uma sonancia feita de luares, embalsamando pelo espaço, um resto de azul, que ainda se derramava sobre os restolho de oiro, que o sol, no seu ultimo arquejo, ia pulverizando pelo ar. Que maravilhosa agonia essa em que se extinguem as derradeiras claridades frouxas! O cimo esfumarado do Corcovado, o pico do Pão de Assucar, e o Céo e a Terra e o Mar começavam, numa transparencia radiante, o banho sensual das fluidificações tocantes, polarizando-se de névoa avermelhada, densa, cheia de recolhimento e de emoção, como si o Brasil todo, aos meus pés, falasse, pela bocca das Yaras, a linguagem luminosa das estrellas. Quanta magia! Até uma brisa mansa, fria, se encarregava de embalsamar de baunilha e rosas a alma muda das folhas, soprando, entre os ramos baloiçantes, a cantiga verde das frondes. E, no tango que as folhas dançavam, pelas ruas e pelas praças, chuvia o pranto dos galhos, descolmando-se symphonia amarellecida dos bretos. Em tudo isso havia uma suave e estonteante harmonia, opera de sonhos, repleta de doçura, que, aos meus ouvidos, mais parecia o rocegar voluptuoso de uma caricia veludosa, feita de arminho, pennugem e sandalo. A terra, a cidade, a bahia de Guanabara, os barcos e as velas, dentro do esplendor luminoso da noite que chegava em festa, deliravam e phosphoresciam rindo á vertigem dos espasmos, bailando agitados a grande valsa dos pano-

ramos vertidos. Tudo isso, nessa noite, formava, á visão de meus olhos tontos, um conjuncto deslumbrante de arte e de assombro. Foi nesse começo de noite, quando a cidade se luarizava, que eu me encontrei com Laura. Não sei si haverá recordação maior que esta, nem emoção melhor que a minha. E amei-a, desde logo, como se póde amar na minha idade. Eu, vinte e dois annos, e ella, apenas quinze!... O nosso amor foi um sonho, e nelle, ella foi a minha Deusa. Amou-me como nenhuma outra mulher poude amar ainda. Hoje, sou a razão de ser de sua vida, e tenho a certeza de que Laura me ama com a mesma vehemencia. E' alva, estatura mediana, delgada, elegante, com olhos vivos, negros, encantadores, cabellos cacheados, á nazareno. E' carioca, e, muito mais que tudo isso — é a mais amorosa de todas as brasileiras.

Calou-se.

Naquelle momento a emoção era completa. O Jonas, pallido, surpreso, cheio de ansia, falou, por sua vez, calmo, como si estivesse medindo as syllabas:

— Virtude! Pureza!... Eu, com franqueza, por mim mesmo, de amor maior ainda não vi. Encontrei-a num convento, entre praticas devotas e martyrios voluntarios. Que elegancia moral no desprendimento! Sobre os seus olhos pestanudos, redondos, castanhos, prenhes de nuances e de promessas, rodeados de olheiras roxeadas, eu senti que se derramou, ao nosso primeiro contacto, toda a ansia escaldante de minha alma em fogo. E, nos meus olhos abrazados, eu percebi que se abrazava e acendia a chamma do seu amor de monja. Nessa epoca eu tinha vinte e cinco annos, e ella apenas trinta. Nessa idade o amor da mulher é como uma fonte que se não esgota nunca. Oh! como foi sublime o nosso sonho de amor! Amámo-nos perdidamente. Todos os dias, á mesma hora, ella era a visão augusta da felicidade, compassiva e generosa, povoando, com a sombra da sua belleza surprehendente, a penumbra morna do meu quarto. Eu era para ella, o amor que se enfeitava de rosas, e ella, para o egoismo do meu desejo, era a rosa branca da volupia, abrindo-se ao orvalho escaldante de meus beijos. Amei-a como um louco. Nada, no mundo, até hoje, foi maior, nem mais puro, nem mais intenso, que o poema sensitivo da nossa purificação sentimental. Amámo-nos! E, com que grandeza dalma, nas minhas noites de cansaço, ella se deixava ficar, horas inteiras, á borda da minha cama, suavizando, com a sua graça, a aspereza nervosa da minha insomnia!... O seu amor desmedido era, para mim, como uma fruta sumarenta, cheia de doçura e de perfume, hóstia de todos os meus arroubos e fonte de todas as minhas aspirações. Ella, ainda agora, é a razão de ser de tudo que eu penso e sinto. E' estrella e é sol. Chama-se Margarida! E, é minha! Minha! inteiramente minha! E' nortista. Morena, de olhos magicos, negros e arrebatadores. E' o meu sonho e a minha ansia. Perfume das minhas noites, tortura dos meus dias. Perfume que me embriaga, tortura que me encanta. E, todo esse nosso desmedido amor é como um grande oceano daguas claras, tranquillas, dentro do qual os nossos corações se enchem de caricias e desejos infinitos. A's vezes, toda a minha alma, ao contacto morno de seus beijos, fica mais faminta, mais gulosa, e, então, eu sinto que meu amor estúa mais selvagem, ateando a chamma lampejante que me comprime e confrange quando ella não está presente. O amor, quando é puro demais, deixa de ser terreno para se evolar aos céos. E' como uma força divina que endoidece, conforta, deslumbra e purifica. Quando a Margarida me fala, eu sinto que ha, na musica sentida da sua voz, uma delicia doce, perfumada, narcotizante, que me exalta e me commove. Então, desperta dentro de mim uma outra alma, cheia de sêde, insensata, que me vae ao coração e me escalda a bocca!... Com que delirio nos amamos!... Amor que é a fonte perenne de toda a minha ventura humana e symbolo de gozo a se mesclar com o odor de seu corpo esbelto, delicioso, que me excita e me acalma!... Como é bella e bôa e linda!... Linda e virtuosa!... Não é mulher, é anjo!

— Amor que cega — falou, finalmente, o Fernandes. — Ah! meus amigos, tambem seria injusto si lhes não falasse de Nair. Tão in-

(Cont. na pag. seguinte)

MULHERES DE HOJE (conclusão)

genua, tão meiga que, quando me vejo dentro dos olhos della, azues, sempre muito serenos, noto que toda a minha alma se arrebata e vôa, e pasma, e sonha engolfada desse amor que não termina nunca! E, quando Nair me fala, com a meiguice magica e infantil de seus 18 annos, noto que no frescor musical de sua voz de anjo, toda a mulher desapparece, para ficar falando baixinho aos meus ouvidos, apenas, a harmonia luminosa dessa symphonia celeste, com que, no céo, as cem mil virgens conquistam os Deuses!... E' sulista, gaúcha dos pampas, encantadora como as rosas e virtuosa como os santos. Ah! meus amigos, no Brasil todo, não ha mulher melhor, nem mais bella que a gaúcha!... Encontrei-a, casualmente, numa festa de caridade. E com que dedicação a vi postada á cabeceira de uma criancinha enferma, toda desvelos, toda cuidados!... Ah! estou certo, si a Virgem Santissima a visse um dia, como eu a encontrei naquella posição, juro em como até a mãe de Deus teria ciúmes della! Amei-a na grandeza sublime desse postulado; e seu amor, filho dilecto de um coração trabalhado pela compaixão ás miserias alheias, cresceu, frondejou e hoje é a arvore dadivosa que me dá o pão do carinho e do conforto. Quando a vejo, meiga, manei rosa, cheia de bondade e de candura, me ponho a scismar si lá onde habita Deus, nos páramos infindos, quando eu morrer e lá chegar, encontrarei amor maior que o seu e paixão melhor que a minha. A sua alma é como um raio doirado de sol, e tão crystallina como uma lamina polida de crystal. Ama-me exclusivamente... A mim somente... Somente a mim!...

Havia terminado a ceia.

* * *

Um anno depois, no mesmo Casino, á noite em que se realizava o baile de mascaras, o grande salão regorgitava de dominós, colombinas e "pierrots". Os pares unidos, collados, ao compasso saracoteante dos tangos lascivos, desmanchavam-se d e s c o n j untados, comprimidos, envoltos em serpentinas coloridas, manchadas de "confetti", molhados de chloretil, respirando offegantes, dyspneticos, todo o resto de ar viciado do salão, que agora se embalsamava de perfumes estonteadores, rescendendo vivo, como um grande vidro de ether destampado. As doçuras entorpecentes das essencias volatilizadas, de mistura com as danças e a harmonia trepidante da musica,

*

O que nem

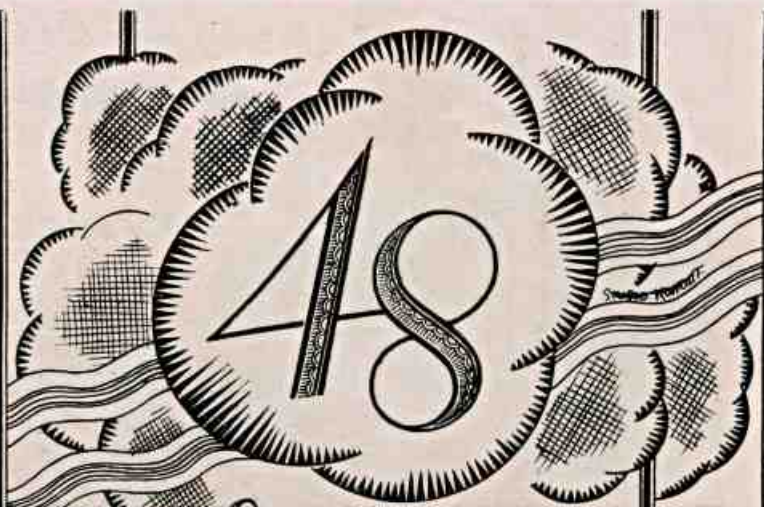
Numa bibliotheca de Nova-York, repararam que certa moça, assidua leitora, sempre que escolhia um livro, era pelo olfato. Interrogada a respeito de sua excentricidade, respondeu: "Nunca escolho um livro que cheire a perfume; prefiro os que desprendem odôr de tabaco, porque os homens são os que lêem os melhores livros"...

*

Ha uma lenda que diz que as perdizes só podem beber agua quando chove, porque as gottas que bebem devem vir do céo, pois desde que espantaram o jumento em que Nossa Senhora fugia do Egypto, ficaram assim castigadas.

*

Os gaúchos do Prata têm uma superstição interessante: quando vão domar um cavallo chucro, levantam-se cedo, fa-

enlanguesciam e predispunham os organismos cansados, á delicia suprema do prazer e da carne.

Numa das mesas do "bar" do Casino, dando para o grande salão, Laura, Margarida e Nair, de máscaras afivelladas, cobrindo somente os olhos, commentavam, cynicas:

— Não vêem?! — E' aquelle maia moreno, moço, de bigodinho, tal como Adolpho Menjou, que está dançando com aquella serigaita dengosa. — E' o Rodrigues, uma verdadeira criança, fraco e confiante. Enganei-o durante todo o tempo em que nos amámos. Como era divertido!... Os homens são uns grandes imbecis!... Acreditam em tudo que as amantes dizem. Como são ingenuos! O Rodrigues chegou ao ponto de nem mesmo suspeitar que o enganava com o seu criado de quarto, um bello e forte polaco, que me extasiava toda. Como é bôa essa recordação. Ainda hoje guardo o perfume dos beijos que elle me deu.

Deu uma risadinha nervosa, para concluir "coquette":

— Como elle era assombroso no beijo!

— Isso, Laura, é uma questão de gosto — lembrou Margarida. O meu amor tambem teve o seu eclipse. Não se recordam vocês de Jonas?! Era elle, ás minhas mãos, um grande ingenuo. Um dia, por capricho, enganei-o com o engraxate da esquina, e, desde logo comecei a sentir por elle um nojo invencivel. Abominei-o na grandeza da sua confiança. Ah! como elle era todo! Por mim, seria capaz de fazer tudo que eu quizesse... Pobre Jonas! Ainda hoje gozo o modo original como o trahi pela primeira vez... Esse amante, depois, foi a sua maior tortura. O amor de um homem só é como doce de laranja comido todo dia. — Termina amargando ou estragando o paladar.

E riu ironica, estalante.

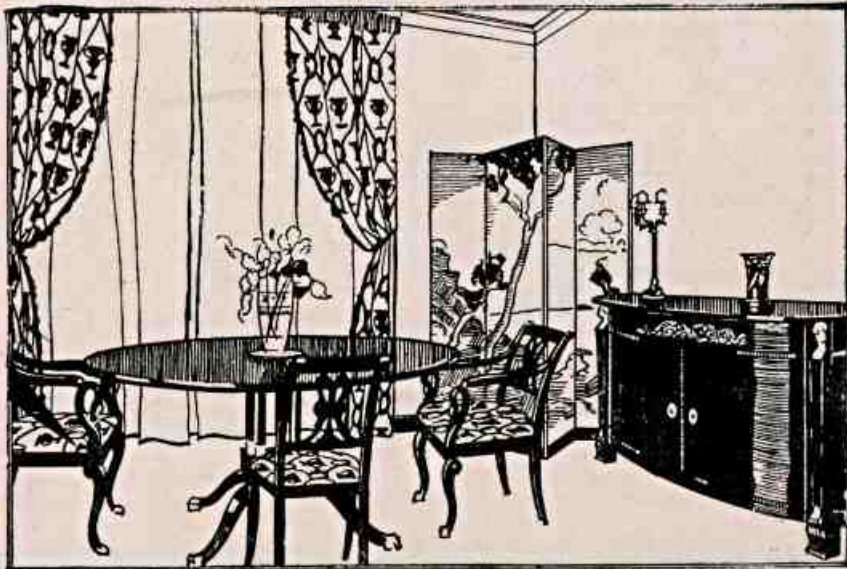
— Amor de engraxate! Uma estravagancia — lembrou Nair. — Eu tambem tive a minha loucura... o meu sonho... Amei o Fernandes! Quantas sensações, quanta ventura! Uma noite fartei-me delle, e nunca mais foi possivel toleral-o... Era bom, delicado... Mas o meu coração começava a sentir um vacuo... Era o tedio da nossa ligação. Venci todos os meus escrupulos e enganei-o com o nosso *chauffeur*, um individuo baixo, barrigudo, que mais parecia um selvagem. Foi a fealdade desse homem que me venceu. Sou loquinha por elle! ....

Na realidade flagrante da vida, ali estavam os typos mais curiosos da mulher de hoje.

todos sabem

zem um matte — chimarrão bem gostoso e vão offerecel-o a um velho. Quando o velho acaba de tomar a bebida, o peão tira a bomba de dentro da cuia, e, sacudindo-a, faz o matte corcovear: — assim corcoveará o animal que elle vae amansar. Essa sympathia fará o domador manter-se no lombo do cavallo sem cahir...

•

Saturno perdeu o famoso e brilhante annel que o rodeava durante certo tempo, que terminou em 22 de fevereiro do anno de 1923. Em 7 de novembro de 1922, a Terra começou a passar através do plano do annel pelo qual só se podia ver do nosso planeta a sombra do logar occupado por elle. Esse successo teve um verdadeiro interesse para os astronomos, pois se liga á solução de alguns problemas concernentes á estructura de Saturno.

Saibam

ANTONIO SIMPLICIO (Capital) — Ah, meu caro, ahi nessa terra quente, o sr. não faz idéa do que seja esse *ennui* que nós aqui no sul conhecemos, quando chega o inverno e os dias são cinzentos, cheios de bruma e garôa!... O sr. é feliz! Si pudesse imaginar o estado de alma em que nós, cariocas, nos encontramos nos dias de céo sujo e de neblina triste, os quaes nos enchem de melancolia e displicencia — algumas vezes — e outras nos conduzem a suaves "rêveries" — estou certo de que o sr. não viria estragar hoje as minhas horas de contemplação e benevolencia, com a moxinifada que me envia.

O sr. é de uma inconsciencia pasmosa. Não respeita as subtilezas da alma da gente, e muito menos o culto pela arte, que possamos ter.

Vejamos, primeiramente, a sua carta:

"Caro Yves. Perdôe-me pelo aborrecimento que talvez, lhe vá causar. Os culpados é você amigo, e sua cara metade a secção "Saibam todos", você principalmente, pois se não fosse a sua complacencia com alguns principiantes, jamais me atreveria a este lance por demais heroneo. E' engraçado, ha muito que leio o Fon-Fon, e só agora me infiui. Me infiui e me arvorei a poeta, a sentimental e tambem a novante. Eu compuz não sei como, dois sonetos e lhos envio enculhidinhos juntos á esta. Só muita coragem! Estreiar ás suas vistas, debaixo de suas criticas finas, servir de bigorna ao seu martello inclemente.

Os meus sonetos, caro Yves, nunca foram vistos por ninguem além de mim e por isso eu recomendo muito cuidado com elles, cuidado com as suas virgindades. Eu espero vel-os publicados, mas se elles não forem dignos... paciencia.

Compaixão para elles Yves, não os envie assim com passagem directa ao seu cesto que tem sido o carrasco de tantos sonhos. — Do amigo distante — *Antonio Simplicio.*"

Diz o sr. que sou o culpado do sr. me escrever, pois condescendo com os principiantes.

Qual nada! Que culpa tenho eu dos principiantes forçarem essa complacencia? O mais que posso fazer é mettel-os a ridiculo. Elles, porém, são de borracha — insensiveis como esta.

Para o seu castigo, dou aqui o amontoado de palavras a que o sr. chama soneto. Mas estou certo de que não desanimará — e muito breve estará aqui, de novo, com a mediocridade das suas tentativas literarias.

Leiamos o seu *soneto*...

EXPERIENCIA

Meu amigo! quando você tiver
Inclinação, quase amôr
A' qualquer uma mulher
Leve-lhe sem demora, uma flor.

Leve-lhe uma rosa, um cravo, um [jasmim
Ou um simples trevo mesmo.
Observe se ella a olha, assim
Indifferente, como se olha a esmo

Se por ventura, fôr este o seu olhar
Sê prudente então! Corre, procura
Num instante te afastar

Uma mulher que não ame uma [flôr
E' falsa, sem coração... e perjura
E' a sua amizade é o seu amor

ANTONIO SIMPLICIO

O. S. M. (Pernambuco) — Olá, conterraneo amigo, morador ahi nesse sertão de Palmares, terra de bois e engenhos de assucar! O sr. deve ser o representante legitimo dos sertanejos pernambucanos, desses caboclos graves, desconfiados e de faca á cinta, prompto para mergulhal-a no abdomen do primeiro desgraçado que tenha a sinistra idéa de chamar-lhe feio...

Não é isso, querido capiau?

Que é do chapéo de couro? E da garrucha? E do surrão? E as rapaduras, metteu-as na corona? E que fez do cavallo *chotão* — como se diz por ahi? Ah, caboclo velho da minha terra! Dê lembranças a essas roceirinhas bonitas e ao nosso patricio "Lampeão"...

Mas vamos á sua missiva. O sr. é um numero. Homens como o sr. é que eu desejaria ter á frente de *Saibam todos*, diariamente... Só assim teria a certeza de que este consultorio era uma secção engraçada...

Escreve o caro sertanejo de Palmares:

"Sr. Yves. Saudações. Não estou acostumado a escrever a jornalistas como o sr. porque penso como os inglezes: time is money, e tambem, porque desejo evitar o cahir no ridiculo, devido o meu portuguès imperfeito, e a pouca pratica na arte de escrever.

Na secção de 2 de maio de 1931, o sr. censura um cavalheiro por escrever "quão", e no emtanto o adverbio "quão" não está fóra da moda no idioma portuguès. Consultando os grammaticos Eduardo

todos...

Carlos Pereira, Othoniel Motta, Sul Ali, Julio Pires Ferreira e outros, são de accordo com o emprego de: "quão". E porque o sr. chicoteia o sr. Manon? Será para desanimar os que desejam fazer litteratura, ou será que, quando está de máu humor vinga-se em gracejar dos miseros que tem a audacia de lhe escrever!

Cada escriptor, artista, e profissional têm sua mania. Tenho lido muito, e tenho notado as manias humanas, e não são escriptores de terceira classe que commettem o crime de usarem palavras que soam mal, tanto ao nosso idioma como aos nossos ouvidos. Portanto, admitto que, o sr. Manon escreveu acertado, e que, o sr. Yves desejou desanimal-o.

Gosto muito de aprender e é por este motivo que lhe dirijo esta missiva. Peço-lhe que diga pela secção "Saibam Todos" qual o motivo de criticar "quão".

Ao vosso dispor. Peço responder a — O. S. M."

Respostas:

1º O sr., querido caipira da minha terra, leu o que escrevi, mas não o entendeu. Do contrario, não confundiria as coisas...

2º — Eu não disse que o adverbio *quão* estivesse fóra de moda. O que procurei fazer crer foi o seguinte: a pessôa que o usa é que está fóra de moda. Cheira a môfo... e a chatismo...

3º — O sr. pode usal-a, á vontade. Não será preso por isso; nem certamente o metterão no hospicio, por tão pouco. Mas, para a minha esthesia, a palavra *quão* é uma palavra estupida, é uma palavra feia, hedionda, como *meditabunda, pudibunda, procrastinar, abracadabrante, airoso, perolineo*, etc. A pessôa que disser esses termos junto de mim, está arriscada a levar uma bengalada. Salvo si ella fôr mais forte do que eu... Ahi então o caso muda de figura.

4º — Preoccupado com as suas rapaduras e o seu cavallo "chotão", certamente o sr. não poderá apprehender o que seja a sensibilidade esthetica de um homem de bom gosto. De modo que é inutil eu lhe explicar a minha ogerisa pelo adverbio *quão* e outras palavras como as que acima citei.

As palavras têm forma, côr, rythmo; quasi têm perfume. Já terá ouvido falar que existiu um grande poeta francez — Rimbaud — que cantou as vogaes, dando uma côr a cada uma dellas?

A noir, *E* blanc, *I* rouge, *U* vert,
O bleu...

Percebeu? Ha vocabulos que são como as creaturas — bonitas ou feias, bôas ou más, intelligentes ou cretinas. "Encantamento" lembra uma mulher bonita; "melancolia", dá a idéa de uma alma feita de elegancia e avelludamentos. "Tamanco", porém é uma palavra cretina. "Colica" é outra.

Agora, o que ignoro é si o sr., com o seu surrão e as suas rapaduras, será capaz de perceber essas coisas subtis da linguagem e da sua psychologia...

LADY GODIVA (S. Paulo) — Antes de tudo, quero agradecer-lhe as palavras gentis que me dirigiu, abrindo, assim, um hiato, na correspondencia prosaica e exhaustiva dos poetastros — que não fazem outra coisa senão enviar-me semsaborias, sob o nome de versos e contos.

Uma cartinha como a sua é um doce oasis para quem se fatiga nesse *deserto* de idéas, que é cada posta d'agua doce, em busca de nome e de glorias!

Leiamos a sua missiva côr de perola:

"Yves. Escrevo-te de uma terrinha quieta e atrasada, cujas praias o mar vem preguiçosamente beijar.

Hoje, chegou-me de S. Paulo a minha correspondencia, e com ella tres numeros do Fon-Fon que por aqui não ha.

Lembrei-me então de ti!

Sim, porque tu que és o estheta mais elegante e fino que conheço, havias de comprehender a belleza nativa desta cidadesinha que a mão do homem ainda não profanou.

Calcula que essa gente simples d'aqui não conhece automovel, não tem noção do que seja cinema e desconhece a vertigem do borborinho.

Sabes porque resolvi te escrever?

Para perguntar-te que ideia fazes da felicidade e se não achas que ella habita a moradia simples destes rusticos praianos!

Tu, que vives no "inferno" dessa metropole poderás bem avaliar que thesouro estou desfructando, como paulista saturada de civilisação, na paz bucolica da aldeiola em que veraneio, (aliaz inverneio).

Bom Yves, despeço-me com a presumpção de não te haver "amolado" muito porque com a minha pergunta venho apenas reclamar para mim uma nesga d'uma cousa que sobre todas as cousas aprecio:

"O maravilhoso pensamento de um homem superior cujo espirito me empolga".

(*Cont. na pag. seguinte*)

Até a tua resposta se eu a merecer.

Tua admiradora: — *Lady Godiva.*"

Quanto á pergunta que me faz, sobre a felicidade... que lhe posso dizer?

A felicidade é uma condição da vida humana, dizia Calino. Portanto, é relativa ao ponto de vista de cada individuo.

Para uma melindrosa, a felicidade é ser futil e cortejada pelos "almofadas".

Para uma viuva pobre, é arranjar um segundo esposo.

Para um sujeito que tem um tio millionario, é que esse seu parente morra o mais depressa possivel.

A felicidade para um pharmaceutico é que irrompa uma epidemia. Para o homem das corôas de defuntos, é que essa epidemia faça muitas victimas. Para os parentes dos enfermos, é que estes não succumbam, e o pharmaceutico e o negociante das grinaldas fiquem ás moscas.

Para mim, é ver-me livre dos poetastros.

Como vê, a felicidade é uma coisa profundamente relativa.

ISA (3) — Oh! Até que emfim, reappareceu? Pensei que a sua promessa não passasse de uma fantasia... Vejo agora que as coisas não decorreram de modo que pudesse dar cumprimento á sua palavra de mulher.

Ou será que só se recorda de mim para me pedir um obsequio? As mulheres têm muito disso... Nesse capitulo, são mais interesseiras do que os homens...

Emfim, o que fôr será, diria o proprio Calino.

A informação que me pede, v. ex. poderá obtel-a mais facilmente, dirigindo-se á Livraria Catholica, á rua Rodrigo Silva, n. 7, do sr. Augusto Schimidt.

FLAMMA (Capital) — Uma cartinha azul? Ainda bem. Amo essa côr. Ella me dá sempre a idéa de uma doçura muito calma, de uma pureza que faz bem ao coração.

Escreve v. ex.:

"Yves: Todo ser humano é uma creança eterna: por mais que saiba que umas tantas cousas vão aborrecer um semelhante, quando lhe vem á idéa fazel-as, nem se lembra mais de todas as recommendações.

Assim se deu commigo. Já sei de sobra que estás farto de aturar os "ditos" poetas e poetisas da nossa terra. No entanto não resisti á tentação de mandar-te este soneto para o julgares como merecer, mesmo que o unico merecimento seja a cesta — meu tormento e teu alivio!

Ahi vae:

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

BEIJAR...

Beijar—tocar com os labios outra [bocca,
sentir a vibração de um outro ser,
beber todo o calor, toda a ansia [louca
que faz um coração estremecer...

Beijar — viver a vida num se- [gundo
sonhar um sonho lindo., sem [dormir,
construir uma escada, neste mun- [do,
para a um outro melhor poder [subir...

Beijar — sorver no proprio favo [o mel
sentindo, ás vezes, o amargor do [fel,
numa caricia indefinivel louca...

Beijar — jurar em termos silen- [ciosos,
contar em lindos tons melodiosos
doce "segredo que se diz na bocca".

Baptisei-o a esmo somente para, no caso de morte, não ser pagão.

Muito grata, se chegares ao fim, te fica a — *"Flamma"*"

O seu soneto é um soneto como ha muitos. Vê-se que já foi escripto por milhares de poetas. Não encerra nada de novo. Apenas reúne idéas que já foram repetidas, muitas vezes, e que dispostas na ordem em que estão, ou invertidas, darão sempre os quatorze versos de um soneto.

Quer dizer, é um trabalho que está ao alcance de toda gente, pois não revela nenhum traço individual — nada que caracterize uma personalidade literaria.

De resto, é um mau soneto quanto á technica. Denota que seu autor o arrancou a muque, de um jogo banal de palavras.

Falta-lhe arte. Essa arte que tornou obras primas os sonetos de Heredia, Leconte de Lisle, Baudelaire e — por que não citar o nosso Bilac?

Os quartetos não obedecem as mesmas rimas, como de direito. E o ultimo terceto, fugindo á regra observada nos decasyllabos da composição, dá-nos rimas com palavras paroxytonas, quando devia dar as dos dois primeiros versos, isto é, em vocabulos oxytonos.

E' fatigante entrar nesses detalhes, que o autor devia conhecer tanto quanto o encarregado desta pagina.

Dahi a razão pela qual mando logo a collaboração para a cesta.

E' mais pratico.

MARIA HELENA (Capital) — A poesia a que se refere é do livro *Alvorecer* de Venturelli Sobrinho. Esse poeta é autor de varios livros e acaba de traduzir o lindo poema de Fanzi Maluf, *No tapete do vento*. O seu trabalho é tão perfeito, que João Ribeiro, fazendo a critica do mesmo, declarou: "Seus versos são tão espontaneos que parecem originaes."

Fanzi Maluf é morto. Era de nacionalidade syria.

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 18 - 7 - 1931

Data da consulta..............

Nome do consulente ....

....

CREAM
CRACKER

Ninguem póde saber tudo, minha filha. A experiencia é sem duvida a melhor mestra do mundo, mas não ha necessidade de apprenderes todas as lições da vida por experiencia propria. Apprende, assim, com a minha experiencia, que deves tomar com confiança

A Saude da Mulher

o melhor remedio para Incommodos de Senhoras

porque como nenhum outro, regularisa, acalma e estimula as funcções uterinas.

As *Mocinhas*, as *Senhoras*, mesmo as *Senhoras de mais edade* (de 40 a 50 annos) têm n'"A Saude da Mulher" um medicamento poderoso e seguro para combater as Flores-Brancas, as Suspensões, as Colicas Uterinas, as Regras Demasiadas e as demais doenças do Utero e dos Ovarios.

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 29

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 18 de Julho de 1931

BRASIL DO AMOR

CARICATURA...

A palavra, ao que dizem, é de origem italiana, *carica*, ou seja a *charge* do francez; dahi a idéa vulgarizada da sua principal funcção — fazer rir.

Mas, ha diversos processos de provocar o riso, como o homem ri de mil maneiras differentes.

O riso do saxão nada se parece com o do latino.

O riso do africano nada tem de semelhante com a superior manifestação da alegria do homem civilizado.

E' preciso, pois, distinguir...

Assim, chegaremos a outro raciocinio, opposto ao enunciado no começo desta chronica.

A' caricatura cabe uma funcção muito mais elevada que a de fazer rir.

Muitas vezes, apanhando a face ridicula das coisas, ella procura o seu aperfeiçoamento moral.

Si consegue regenerar costumes, habitos, concorre com uma pedra para a esthética da Vida.

Ao contrario, esboçando apenas um quadro *aprés-nature*, quasi nenhum valor representa.

Porém, que valor tem, para o publico, a theoria dos valores?...

O que o povo quer, é rir.

A caricatura, ferindo o lado ridiculo, provoca o riso.

Funcção hygienica...

O assumpto dá margem para uma longa palestra, para uma conferencia, mas, nós estamos mettidos na pelle do chronista.

E, divagando, poderemos escapar ao nosso objectivo: fazer sorrir.

Não queiram os leitores viver um instante a vida do chronista que tem de escrever, mesmo sem assumpto...

Ah! deliciosa vida!

Estamos quasi escrevendo sobre o valor esthético da colcha de retalhos, thema que talvez interessasse mais aos revolucionarios idealistas do que ás costureiras.

Mas... o Rio é uma grande capital, senhores, dotada de vastos jardins.

Extensos tapetes de verdura margeiam as praias onde hoje existe uma profusão de bancos destinados á commodidade dos amores cuja expansão pede ar livre...

A caricatura estrangeira sempre encontrou, nos bancos dos jardins publicos, bizarros motivos para desopilar o nosso figado.

Si a cidade tivesse os seus caricaturistas, tambem bizarros, seria uma delicia!

Porque os bancos da praia de Botafogo não se parecem com os do Flamengo, nem qualquer delles com os da Gloria.

Tres classes distinctas de bancos, frequentadas por castas differentes de amorosos...

Os bancos do Passeio Publico têm algo de semelhante aos da Praça da Republica.

Os da quinta da Bôa Vista são typicos...

Os do Meyer, profundamente cariocas.

Tantos motivos para a caricatura fazer rir o nosso povo!

Entretanto, só a policia de costumes começa a preoccupar-se com os bancos dos jardins publicos, o que, sem duvida, é uma grande massada...

A expressão melancolica da cidade não se reflecte no banco de jardim, porque o carioca tem a virtude de esconder as mazellas entre as quatro paredes de sua casa.

Para a via publica elle só traz a sadia alegria da alma, nas suas multiplas manifestações.

Por isso, não encontramos nos bancos dos jardins qualquer vestigio da miseria da cidade.

Não fére a nossa vista nenhuma figura esqualida de mulher, curvada, seios mirrados, com o garoto agarrado a um delles, como Paul Roger-Bloche esculpiu no marmore *La Faim*, symbolo tragico da miseria de Paris, que enternece pelo realismo forte.

Si não temos necessidade de esculptores, precisamos, entretanto, de caricaturistas...

Como seria interessante estudar a alma dos bancos dos jardins publicos do Brasil do amor!...

MARIO POPPE

Sonho Adormecido

Meu coração é como um lago
Cheio de estrellas reflectidas...
Nas suas ondas é que eu trago
As minhas maguas escondidas.

Quanta esperança que se esfuma
Antes que a noite nos recolha!
A minha vida é como a espuma
Que se desfaz em cada bolha...

Sem coordenar o que desejo,
Vou pela sombra do caminho,
A mendigar a flor de um beijo
E a doce esmola de um carinho.

Numa continua sarabanda,
As illusões por que me agito
Vão, como as nuvens, em demanda
Dos quatro cantos do infinito.

Deixo que passe a tempestade
E os dias corram sem doçura,
Pois vivo apenas da saudade
Que no meu peito se enclausura.

E ante o lethal desdem do mundo,
Desencantado e incomprehendido,
Meu coração guarda no fundo
O eco de um sonho adormecido.

OSORIO DUTRA

FAIANÇAS

Interrogação e reticencias...

Uma attitude elegante que varia...

HA crepusculos que nos fazem pensar na existencia de Deus. A belleza que elles exprimem, com as suas cambiantes, as suas côres esbatidas, que sempre acabam em uma apotheose, feita de claro-escuro, — suggerem qualquer coisa de divino. Algo que está acima das possibilidades humanas.

E é por isso, certamente, que ha os Murillos, os Velasquez, os Rabens, os symphonistas da côr.

Crepusculos...

Adoro essa hora indecisa, vaga, hora...

"Où des anges charmants, avec un
[doux souris
tout chargé de mystère, apparais-
[sent à l'ombre..."

Como está gravado no verso eterno de Charles Baudelaire...

Vendo, agora, pela janella aberta, sobre o poente, este manso e rosado crepusculo se fanar, como uma rosa de fogo, penso na doce belleza daquelles olhos cheios de claridades e de sonhos...

Olhos de claro-escuro, de auroras e crepusculos, de allelulas e "de profundis", de incandescencias lunares e de trevas de inverno...

Ah, os bellos olhos que não vejo, sobre os meus, nesta hora de extase em que a tarde se veste de galas côr de rosa para receber as primeiras sombras da noite!...

Onde os olhos pequeninos, inquietos e maliciosos, que enchem a minha vida de escuridões e de orgias estellares?

Rimbaud cantou nas rimas de um soneto immortal a côr das vogaes... Rostand achou que o beijo era o "ponto roseo do *i* do verbo *aimer*..." Gozlan emprestou uma tonalidade diversa a cada sentimento. Assim, a piedade, para elle, era "bleu tendre"; o amor era "rouge". Maeterlink assegura que a felicidade é azul — representada por "l'oiseau bleu"...

Ora, em vão eu tentaria definir a côr dos olhos dessa creatura-enigma, dessa mulher que, talvez, ao lêr esta chroniqueta, indague como aquella do soneto D'Arvers: "Quelle est donc cette femme?"

Debalde me esforçaria para traduzir, fielmente, em palavras, a côr dos olhos della...

Côr de bronze? De ferrugem? De fôlha secca? Verde-musgo? Cinza? Laranja? Azul-pervinca? Azul-saphira? Negro? Pardo? Côr de lodo? Não!

A côr dos olhos della é a da sua alma voluvel: não têm côr. Ou antes, é um tom que participa de todas as outras côres, sem fixar uma unica.

A côr dos olhos da creatura-enigma é como esse perfume complexo, que exhalam as perfumarias de luxo. Ha nella todas as tonalidades. E' uma côr-synthese e, por isso mesmo, indefinivel.

Mas como todos os que amamos sabemos ver coisas profundas nas coisas mais futeis e vulgares, acontece que sei ver e comprehender o que os olhos della me confessam...

Si alguem, entretanto, me pedisse traduzir essa linguagem da côr, eu lhe responderia com tristeza: "Amigo, elles me dizem apenas: "Interrogação e reticencias"...

YVES.

... de silhueta para silhueta — mesmo quando estas são bellas...

Samaritana

EDVARD CARMILO

Ao espirito perfeito de Reynaldo Porchat.

FOLHAS crestadas, de um amarello de labareda, arrastadas pelo vento, lembravam tremulinas, ephemeras lantejoulas, no rodopio da poeira, sobre a estrada. Trincolejavam estalidos de gravetos entre a ramaria das arvores que ardiam, resequidas, mendigas esguias a supplicar a esmola de um trinado, o carinho de um poisar de passaros. Os seixos se inflammavam de uma scintilla de sol e os caminhos queimavam como a trilha abrazada das areias adustas, que as caravanas abriam, rumo do deserto!

Desespero da canicula, enrubecimento auroral, delirio do esplendor! Esboroamento de arrebóes a distender um sudario cinereo sobre os vergeis fanados, incendendo a agonia da matta de um revérbero de queimada! Imaginava que, quando a noite viesse, os vagalumes lucilariam em tal myriada fagulhante, que toda a terra ficaria illuminada e que, após a chuva e o rocio, as arvores mortas renasceriam numa floresta fulva de ipês...

Pelos troncos estorcidos, calcinados, cigarras, como doidas, fiavam allucinadamente as estilhas de luz, e as abelhas estonteadas punham um halo iriçado de faiscas em torno dos favos côr de sol. O azul, a arder, espargia um cascatear de oiro diluido, o firmamento todo se entreabria em flabellos de fulgurações!

Nem uma gotta de orvalho sobre uma folha morta, nem uma sombra fugitiva para repouso dos meus passos tropegos, uma só moita silvestre, um tufo de relva!

Solitario viajeiro sem destino, sedento sob a inclemencia do céo doirado, sequioso sobre a aridez da terra accesa, na caminhada escaldante, ansiava pela agua fresca de uma fonte, palpitava pelo borborinho de uma ribeira clara!

Mas, súbito, na curva do caminho, appareceste, suavíssima samaritana! Teus passos eram leves como adejos e as tuas vestes alvas e translúcidas como um aranhol rorejado de orvalho. Desceste dos hombros, num gesto de misericórdia, o teu cantaro de argila, para mitigar o ardor da minha bocca em fogo com a agua pura das lymphas de crystal.

No teu seio me amparaste numa caricia e compuzeste os meus andrajos e, debruçando-te sobre o meu rosto, deste-me de beber a agua de tua amphora piedosa. Cheia a taça lyrial de tua mão, matavas a séde de meus lábios em febre.

Teus olhos pensativos boiavam, num reflexo, na agua que me davas.

Depois, outra vez no deserto da vida, nunca mais tive alegria, a pensar, em dolorida lembrança, que foi do teu pranto, alvissima samaritana, que me deste de beber...

A data de 9 de Julho, que assignala o anniversario da independencia argentina e é uma gloriosa data sul-americana, foi commemorada nesta capital com a recepção que o sr. embaixador Mora y Araujo offereceu, na séde da embaixada, ao corpo diplomatico, ás autoridades brasileiras e á sociedade carioca. Tambem a colonia platina festejou brilhantemente o grande dia de seu paiz, reunindo-se, por iniciativa do Club Social Argentino, em um jantar-dançante, que se realizou nos salões do Copacabana Palace Hotel. Esta pagina focaliza, ao centro, um grupo tomado na embaixada argentina, durante a recepção offerecida pelo distincto casal Mora y Araujo, e, no alto e em baixo, flagrantes do jantar-dançante do Copacabana.

TELEPHONIAÇÕES

Olga, interessante filhinha do casal João I. Eyer. Uma bonequinha de dois annos, que, mesmo séria como ahi está, não deixa de ser graciosa e bonita.

(Photo De los Rios)

Paulo Cesar, filhinho do casal Paulo Mendes Vianna, e que será hoje festejado pelos seus amiguinhos e... amiguinhas, por motivo de seu sexto anniversario.

O mocinho tem a veleidade de se suppôr irresistivel, e vae dahi a mania de deitar olhares alambicados ás mulheres que encontra no seu caminho.

Um pobre de espirito, lamentavel nas attitudes, mas, apesar dos pesares, lá uma vez por outra, consegue fazer a infelicidade de algum marido descuidado.

Porem, tantas vezes vae o cantaro á fonte, que...

Pois, o mocinho petulante sempre achou quem lhe aparasse as azas. E de que maneira! A senhora morena já não podia supportar o *vae-vem* do mocinho pela calçada fronteira á sua casa. Era abrir a janella, e o Adonis plantado, a escandalizar a vizinhança. Uma situação insustentavel, que necessitava o ponto final, para a honra ameaçada da distincta dama. Não havia outro remedio: o marido foi scientificado de tudo.

Então, ficou combinado o castigo para o peralvilho, o que devia ser executado sem despertar a attenção publica. A porta abriu-se e o rapaz entrou. Mas, que dura decepção! O dono da casa apanhou o visitante pela gravata, fêl-o passar por terriveis provas, e, por fim, rua...

Antes de partir, entretanto, o Adonis foi obrigado a firmar, de proprio punho, umas declarações que retratam a sua pusillanimidade. Que aproveite a lição!...

A divina dama vae, agora, diariamente, ao dentista.

Não se apercebe o illustre dono de tal prenda, de tão grande preoccupação no concerto dos dentes, por parte da sua companheira.

Ou, si percebe, finge não entender, o que dá no mesmo. A's horas tantas, ella ruma para a cidade, para o consultorio do dentista... E quando volta á casa, passa antes por um cinema, para distrahir-se.

No hotel, todos estão surpresos com os novos habitos da dama, que antes parecia viver trancada a sete chaves.

Dizem á surdina que a pombinha sem fél bateu azas e voou...

Os mais perversos commentam que se trata de effeito da *crise*.

Ella vae a um dentista a prestações...

Sinceramente, nada entendemos da perversidade alheia.

Mas, o facto é que a divina dama transformou por completo os seus habitos.

Ella e o companheiro.

Este, que fusilava olhares vigilantes para a turba, sempre que apparecia ao lado della, anda agora manso como um cordeiro!

Será que o dentista da divina dama tem trabalho para o resto do anno?...

Que peccado!...

NOVIDADES bôas, teve-as *madame* no ultimo chá em casa da sua amiguinha do peito. Soube, por exemplo, que o marido está gastando as economias com uma galante modista, e quando a amiga suppunha que *madame* ia agir immediatamente, ficou surprehendida com a sua calma...

Ella estava de posse de todos os dados necessarios para pilhar o ingrato com a bocca na botija, mas, desconfiou muito mais do interesse da amiga em lançal-a contra o marido. Um interesse feróz, inexplicavel, para quem nada tinha com o caso!

Madame, uma intelligencia viva, resolveu pesquizar por conta propria antes de romper com o esposo, e, assim procedendo, vae acertar o alvo...

A pobre modista entrou na historia como Pilatos no crédo, pois, tem sido aquinhoada com bôas quantias pela razão unica de ter confeccionado vestidos caros para uma ingrata creatura.

O resto é facil adivinhar...

O que é lamentavel é a pouca intelligencia das mulheres que se trahem pelo ciume atróz, quando sentem a ameaça da perda de certos *arranjos* discrétos.

E, ao que parece, *madame* está decidida a despedir a amiga, mas conservar o marido, no que mostra a superioridade de um espirito que sabe perdoar a fraqueza dos homens...

Margarida, filhinha do sr. Willy Fuchs. Uma garotinha que só conhece o mundo... de vista...

Eu tenho a volúpia dos rompimentos invulgares. Tenho a volúpia dos rompimentos fidalgos, que deixam para sempre, em todos os espíritos, uma eterna interrogação... Gosto de romper...

Também, si a gente fosse conservar tudo o que encontra pela vida...

O rompimento é o melhor remedio para um «Tande amor».

Faz mesmo parte desse grande amôr. O melhor de um romance é, quasi sempre, o fim. O rompimento em amor é, pois, o ultimo capitulo. Quando eu era criança, brigava com as minhas amigas. Depois, achei mais pittorescas as zangas com os namorados. E passei a brigar com elles também. O meu primeiro namorado, um moreninho franzino, soffreu muito com as minhas impertinencias. Todo o dia, á sahida das aulas, eu ficava escondida numa esquina proxima. E, quando elle, conversando com os collegas, passava descuidado junto a mim, eu o mimoseava com varias pinceladas de pó de arroz. Elle ficava irritado, os collegas zombavam do seu rosto empoado, e eu fugia fazendo caretas. Um dia, elle chorou. Fiquei tão penalizada, que nunca mais judiei com elle. Depois da pena veiu, fatalmente, a separação...

Rompi muitas vezes... Alguns, mais ferozes, guardavam-me rancor. Outros, continuavam meus amigos. Eu fazia scenas terriveis.

Hoje, um telegramma substitúe o grotesco dessas situações.

Porque é sempre com remorsos que a gente despede um companheiro de bôas horas... Mesmo assim, eu tenho bastante coragem para passar um telegramma laconico e ficar cantando:

Todo o amor que a gente perde,
é semente de outro amor,
si p'ra tudo tem remedio
tambem tem remedio a dor...

CONCHITA CID

O chefe do governo provisorio e exma. senhora Getulio Vargas offereceram, sabbado ultimo, no palacio Itamaraty, um banquete, seguido de recepção, em honra dos chefes das missões diplomaticas aqui acreditadas. Tomaram parte no ágape, que se revestiu da mais viva cordialidade e de brilhante imponencia, além dos amphitryões e dos homenageados, todos os ministros de Estado e algumas figuras da diplomacia brasileira. Houve, apenas, dois discursos: o do presidente Getulio Vargas, offerecendo o banquete, e o do núncio apostolico, monsenhor Aloisi Masella, que é o decano do corpo diplomatico estrangeiro, agradecendo. Após o banquete, que foi servido no grande salão de conferencias da Bibliotheca do palacio do Ministerio das Relações Exteriores, teve inicio a recepção, que decorreu finamente distincta e cordial. No grupo que illustra esta pagina apparecem o dr. Getulio Vargas e sua exma. senhora entre os diplomatas e autoridades que compareceram á festa de sabbado á noite no Itamaraty.

JARDIM ABERTO

FRANCISCO BRAGA

O maestro Francisco Braga é um artista nato. Desde menino, do tempo feliz, despreoccupado das garotadas, que a Musa o attrahia. Manifestou-se muito cedo o seu genio musical, genio que devia levantal-o da poeira da humildade ao clarão da gloria.

Começou a fazer pequenas composições no Asylo de Menores Desvalidos e dahi passou ao Conservatorio, actual Instituto de Musica, onde constantemente se distinguiu. Attingiu com rapidez e distincção o final do curso, sempre demonstrando grande facilidade de creação e notavel capacidade de trabalho. E, em 1887, era já executada nos Concertos Populares, fundados e dirigidos pelo maestro Carlos de Mesquita, sua primeira composição orchestral — a Pantasia-abertura, cheia de idéas novas, instrumentadas com habilidade e technica. A critica elogiou o jovem compositor, que, de então por deante, começou a ter seguidos triumphos. Seu Hymno da Proclamação da Republica obteve os mais vivos applausos no theatro Lyrico, mas o premio para o mesmo, no concurso realizado, coube a Leopoldo Miguez, que era mestre, emquanto elle não passava de simples alumno. Em compensação, o Governo Provisorio fél-o pensionista do Estado por dois annos, na Europa, em companhia de Alberto Nepomuceno, que tambem fôra concorrente.

Fez parte da classe de Massenet no Conservatorio de Paris, depois dum exame vestibular em que foi classificado em primeiro logar entre vinte e dois concurrentes. Embora seguindo religiosamente o curso do grande mestre, continuou a compôr pequenas peças para canto, piano, violino e outros instrumentos, que vendia aos editores da capital franceza. Datam dessa epoca Extase, Priére, Sérenade lointaine, Mimi, outras e a gavotte Marionettes, que teve popularidade mundial.

Ao terminar os seus dois annos de pensão, Massenet escreveu ao governo brasileiro, pedindo que a mesma continuasse a ser dada por mais dois annos ao seu brilhante alumno. E foi attendido.

Francisco Braga organizou e realizou em Paris dois grandes concertos vocaes e instrumentaes com producções de compositores brasileiros, na Galerie des Champes Elysées, em 1895 e 1896, tendo tomado parte no segundo, o glorioso Carlos Gomes. O exito desses concertos foi extraordinario.

Um dos mais recentes retratos do maestro Francisco Braga. No medalhão, o grande compositor brasileiro quando alumno da classe de Massenet, em Paris.

O maestro brasileiro esteve em Dresden e em Beyruth, onde ouviu religiosamente o Parsifal. Estudou a musica allemã e figurou em alguns concertos. Ali escreveu e executou o poema symphonico Marabá. Tambem compoz outras peças de variado sabor, entre as quaes o hymno-marcha-solenne Brasil, para grande banda marcial.

A exposição de Chicago premiou diversas composições suas.

Desejando produzir obra de maior envergadura, escolheu o assumpto da novella Jupyra, de Bernardo Guimarães, e recolheu-se, em companhia do grande pintor Baptista da Costa, ao silencio da pittoresca Capri, no golfo azul de Napoles. Dessa terra encantada trouxe concluida a partitura da sua opera. O Real Theatro de Dresden acceitou-a sem lhe mudar uma nota.

Regressou á patria em 1900 com o emprezario Sanzone, que, depois de grandes difficuldades, levou no Rio á scena a Jupyra, com um exito retumbante. E o enthusiasmo popular carregou-o pelas ruas em triumpho.

De então por deante, máu grado os despeitos, as invejas e as iras, a gloria levou-o pela mão.

Ainda agora o governo francez acaba de galardoar-lhe o merito, enviando-lhe, ao mesmo tempo que a Henrique Oswald, a cruz da Legião de Honra, distincção rara tratando-se de artistas extrangeiros. Infelizmente, Henrique Oswald já deixára de existir quando a embaixada de França no Brasil recebeu a venera que lhe era destinada; E essa condecoração vem realçar mais ainda o valor dos dois grandes artistas de que se orgulha o Brasil.

D. JAYME

Realizou-se sabbado ultimo, com grande animação e expressivo brilho mundano, o baile de anniversario do Club de Regatas Botafogo, que commemorou naquelle dia o 37.º anniversario de sua fundação, e offereceu, por esse motivo, uma rutilante festa aos seus associados.

FILIGRANAS

A minha vida é uma ascensão indefinida para a luz. Dia a dia, o meu espirito se desprende da capa de chumbo da matéria e sobe para ás altas regiões do pensamento. De maneira que, muitas vezes, eu já não presto ouvidos ao zumbir da inveja e ao rumorejo da calumnia que se arrastam nas trevas da inferioridade...

Dahi a minha despreoccupação, a minha displicencia, que é uma naturalissima attitude e toda a gente de pequenino sentir cuida ser pose artificial. Nas paginas dum livro, na decifração dum mysterio, num calculo scientifico, na deducção philosophica, na meditação acurada é que eu vou buscar o entretenimento das minhas horas de lazer e beber a energia com que encaro as miserias do mundo...

Nos salões do Club de Regatas Botafogo, durante o lindo baile de sabbado.

Balcão Florido

O AMOR DOS HOMENS

— O amor dos homens... Ah!, meu amigo, que coisa triste e decepcionante!...

— Triste e decepcionante?

"Mas, minha querida amiga, você, generalizando esse conceito, commette uma injustiça clamorosa. Os homens, creia, quando amam verdadeiramente, são bem mais sinceros e leaes do que as mulheres..."

— Esplendido, como blague, esse seu gesto de defesa e solidariedade á gente do seu sexo... Só assim você me faria rir, hoje... Obrigada.

— Mas...

— Mas?... Fale, não receie magoar-me. Tenho meu juizo formado sobre os homens ou, melhor, sobre o amor dos homens e, por isso mesmo, já me considero immunizada contra qualquer inoculação, em meu coração, das suas artificiosas e artificiaes... "culturas" sentimentaes...

— Prefiro calar-me, minha amiga. Sinto que está nervosa, hoje...

— Eu, nervosa?! Ora, como se engana! Não vê como rio, como estou a rir, espontanea e alegremente?

— Sim. Vejo tudo isso... Quanta vez, porem, rimos para não chorar, para conter a onda de pranto que se alteia no mar revolto do nosso coração, prestes a rebentar...

— Meu pobre e incorrigivel sentimental... Pierrot retardatario, eternamente enamorado por uma figurinha de sonho...

— Sim, e desilludido, completamente desilludido e decepcionado de tudo que sonhou...

— Tambem desilludido, tambem decepcionado?...

— Acha, então, que só as mulheres têm desillusões e decepções?

— De amor, creio que sim. Pelo menos são ellas, têm sido ellas as eternas victimas do amor dos homens...

— Dos homens que não comprehenderam ou a quem não souberam amar...

— A quem não souberam amar... Sempre o mesmo estribilho, decantado em falsête, por todos os homens que já esqueceram alguma mulher na vida... Uma mulher que não realizou o "sonho" delles, porque o amor de todos os homens apenas tem a duração do proprio sonho que alimentou o seu desejo... O desencanto não tarda e, com elle, o fastio. E era uma vez um grande, immenso, eterno... amor de homem... Amor feito apenas dos sonhos que vocês sonham, das illusões enganadoras e feitiças com que filigranam de sentimento o que, no fundo, responde tão somente a um impulso instinctivo, á satisfação momentanea de um desejo...

— E qual o amor, minha amiga, qual o amor que não seja feito de sonho, de illusão, de sentimento? Você — creia-o — você é que não comprehende, não sabe o que é o amor. Você, que nunca amou... Você que, ao seu egoismo de mulher bella, intelligente, culta e rica, vem sacrificando a sua propria feminilidade!

— Carlos!

— Perdôe-me se me excedi. Perdôe-me e... adeus...

— Carlos, que quer você dizer? Não, não vá. Fique, meu amigo, meu grande amigo, meu unico e bom amigo!

— Lú! Minha pequena Lú, você está a chorar? Perdôe-me, sim? Fui máu, fui grosseiro. Mas...

— Mas?...

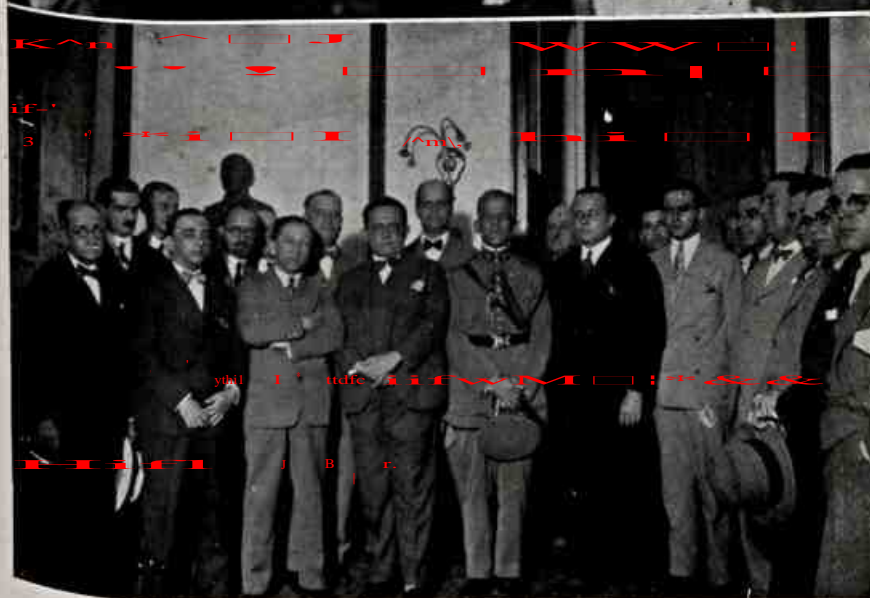
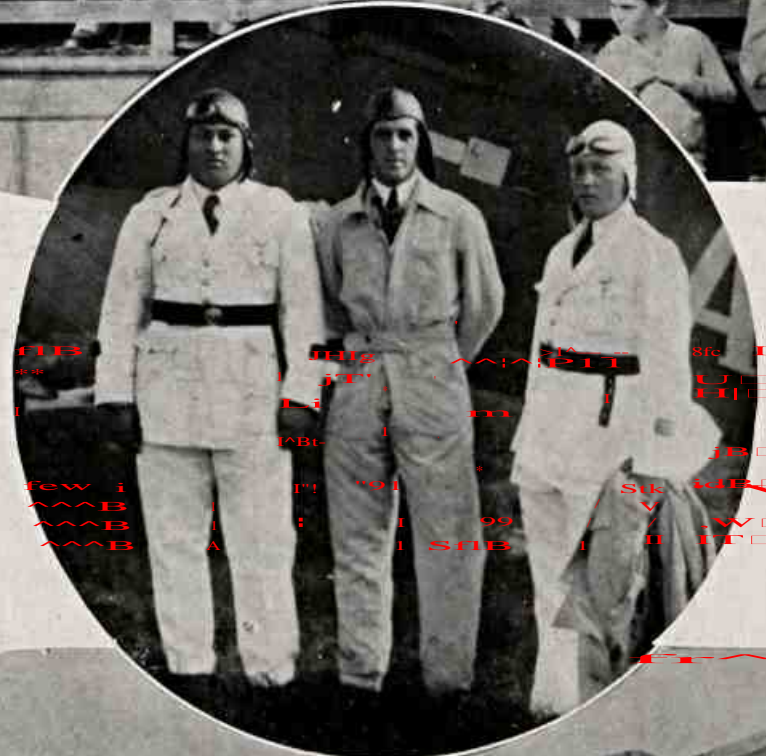
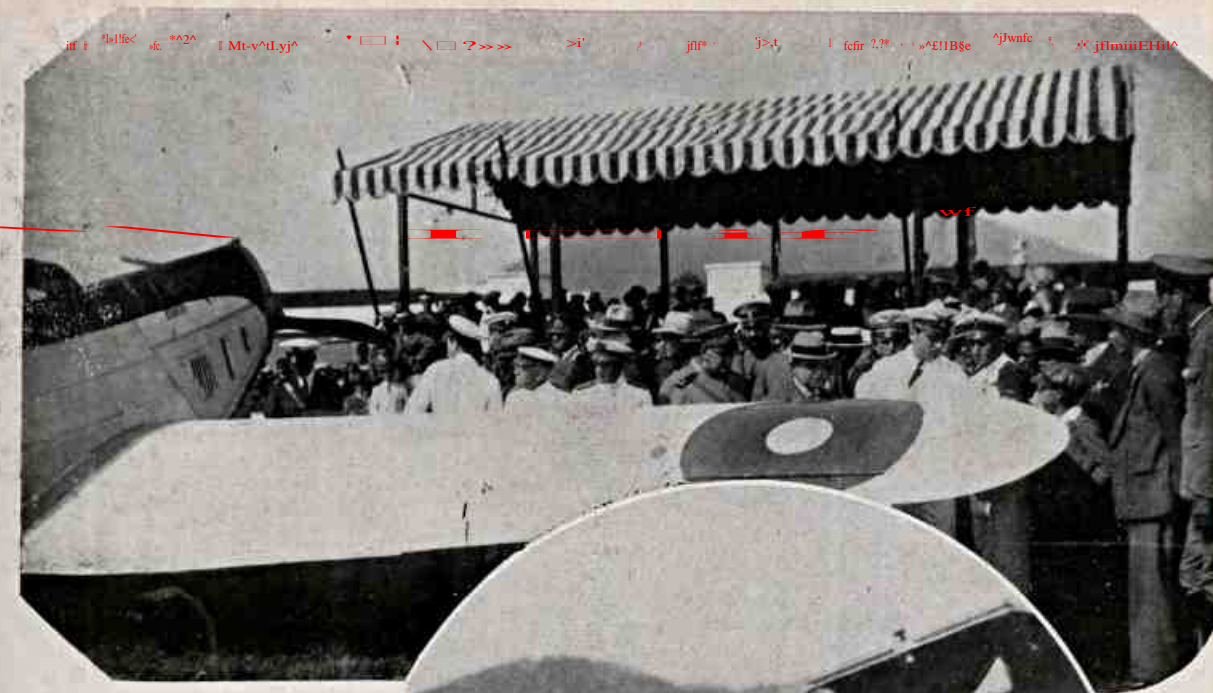
— Não pude conter a revolta do meu amor por você... Amor que nunca lhe declarei, pelo receio de me desilludir...

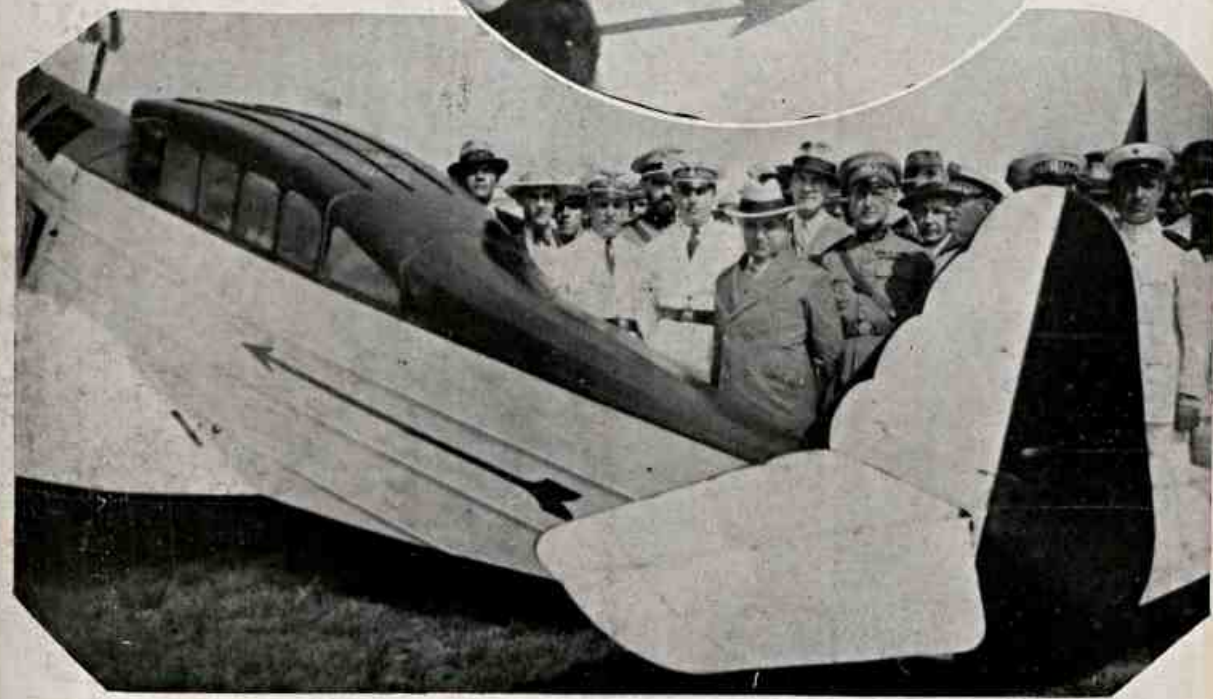
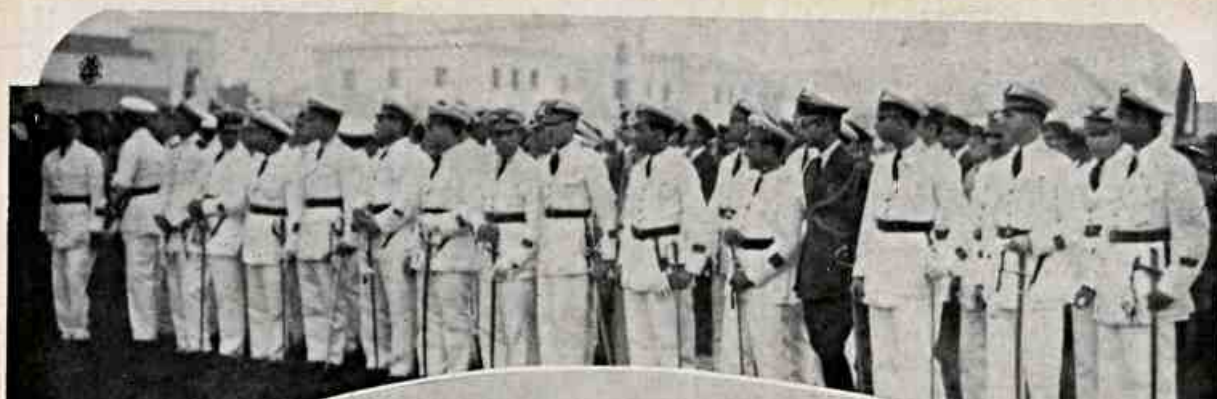
— Carlos, meu querido! E eu, que tambem o amava, em silencio, religiosamente. Mas tinha medo, muito medo do amor dos homens! — Tableau.

HELIANTHO

ARTE DE DIZER

Maria Sabina, que é, indiscutivelmente, uma figura de grande projecção no scenario das letras nacionaes, e que tantos successos tem alcançado com os seus livros, ora revelando a prosadora magnifica, ora a poetisa de rimas lucidas e cantantes, promette-nos, para o proximo dia 24, o seu recital de declamação, a realizar-se no Trianon. O nosso mundo artistico e elegante que, de ha muito, se habituou a applaudir a brilhante «diseuse», certamente irá levar-lhe, mais uma vez, naquella vesperal de arte, o seu applauso sincero e consagrador.

Teve o mais brilhante exito mundano o chá-dançante que se realizou na tarde de sabbado, no Palace Hotel, em beneficio das victimas da catastrophe da Directoria do Armamento, e que, organizado por um grupo de figuras de destaque em nossa sociedade, foi gentilmente patrocinado pela esposa do chefe do governo provisorio, senhora Getulio Vargas.

Inaugurou-se na tarde de sabbado, solennemente, a clinica gynecologica do Departamento de Assistencia Medica da Associação dos Empregados no Commercio, sendo presentes á cerimonia representantes officiaes e outras pessôas gradas. O professor Fernando de Magalhães, presidente da Academia Brasileira de Letras e reitor da Universidade do Rio de Janeiro, realizou, por essa occasião, uma conferencia allusiva á cerimonia.

A FESTA DA AVIAÇÃO MILITAR

De muita emoção e encanto foi o «meeting» aviatorio com que a Escola de Aviação Militar festejou a passagem do 12.º anniversario de sua fundação, na penultima quarta-feira, e que se realizou no Campo dos Affonsos. Obedecendo a um programma que se assignalou por brilhantes demonstrações da efficiencia da quinta arma de guerra, os nossos valentes aviadores militares realizaram proezas que collocaram muito alto o valor dos pilotos do Exercito. A natureza, o local, com as suas amplitudes, e o elemento distincto que constituiu a assistencia, tudo concorreu para que a festa tivesse um grande realce e brilho desusado. A ella compareceram o chefe do governo e outras altas autoridades civis e militares, conforme attestam os flagrantes desta pagina.

Fazia parte do programma de commemorações do 12.º anniversario da Escola de Aviação Militar a cerimonia do Juramento á Bandeira pelos conscriptos recentemente incorporados á Aviação Militar, e que se realizou no Campo dos Affonsos, em presença do chefe do governo e outras altas autoridades. Aqui estão os detalhes mais expressivos dessa solennidade militar.

LIVRO DE UM POETA

O poeta Oscar Ferreira Júnior acaba de publicar um volume de versos, a que deu o titulo simples e despretencioso de "Sonetos".

O talentoso homem de letras, em pleno ruido do modernismo, mostra-se um espirito independente, não se deixando levar pelas suggestões das correntes futuristas.

E' um artista sincero, que lavra o verso com amor da fôrma, sem prejuizo do sentimento, que o anima.

Em "Sonetos" ha producções de muito mérito, resaltando de tudo o espirito de verdadeira devoção artística do seu joven autor.

Os "Sonetos" do poeta Ferreira Júnior vão ser recebidos pela critica, entre os melhores auspícios.

Véra Sergine e Henri Rolland, os dois artistas que, mais uma vez, com a sua Companhia, vêm ao Rio interpretar variado e applaudido repertorio do theatro francez contemporaneo. Sua estréa annuncia-se para o fim deste mez, no Municipal.

OLHARES FEMININOS

De Conchita Cid

Ha o olhar-promessa... E' um olhar que diz sim... E' um desses olhares que nos prodigalizam as bôas num baile, num cinema ou numa rua movimentada...

E' um desses olhares que nos convidam a ter coragem, que nos incitam atrevimentos, que nos enchem, ás vezes, de vaidade e de convencimento...

— E's irresistivel! — murmura o nosso sub-consciente.

— E nós passamos a acreditar nesse poder de seducção... Olhar-promessa: olhar que nos fala de proximas emoções, que nos deslumbra, impossiveis... O olhar da "jeune fille" quando, chocando-se com o nosso, parece dizer: "segue-me"... O olhar da mulher casada, que traduz, ao mesmo tempo, tres coisas magnificas: "agradas-me" — "cuidado" — "espera"... Olhar-promessa... inicio de romances e de tragédias...

Olhar-promessa... E' sempre promettendo que os olhos de uma mulher fitam os olhos de um homem...

Ha o olhar-punhal. E' um olhar que arraza, que tem vontade de destruir, de reduzir a cinzas tudo o que o aborrece... E' o olhar que tem um pouco do psychologo, do medico, do advogado, do dentista, do professor, do astrologo, de tudo...

E' o olhar que traduz a ansiedade, o odio, a vaidade ferida, o receio de qualquer inferioridade physica...

Olhar-punhal: — é o olhar que as mulheres usam entre si...

A iniciativa pela vinda da companhia official franceza, que iremos apreciar na segunda quinzena do mez corrente, deve-se ao maestro Silvio Piergili, o verdadeiro animador da temporada do Municipal, no anno corrente, e que, sem medir sacrificios, se impoz a responsabilidade de offerecer á sociedade carioca as noites de bom theatro a que ella já se tinha habituado ha longos annos. Depois de nos ter proporcionado a presente temporada de concertos, que vae decorrendo entre os melhores applausos, merece o maestro Silvio Piergili a gratidão da nossa sociedade por mais este serviço que vem de lhe prestar.

LEGENDA DA LUTA SUPREMA

A Elcius Lopes

O lutador, sereno, vinha do campo da luta: batalhára por idéas apostolares, brilhantes e atrevidas, no grande sentido da felicidade social. Enfrentára, pois, todo um rebanho de espiritos illustres e egoistas, que haviam sophismado galhardamente na opinião do proprio lutador. Enfrentára, pois, a critica voluvel das multidões e recebêra, intangivel, pedradas e blasphemias em pleno coração e em pleno idealismo. Poucos os que o comprehenderam e que vieram para elle com um mesquinho punhado de rosas na sua commovida solidariedade.

O lutador, sereno, vinha do campo da luta: agora não era mais o encontro dos espiritos, mas o dos corpos resolutos e o das espadas descobertas. E, paladino insolente, voltava, sorrindo, para o lar, com as vestes manchadas de sangue.

O lutador, desvairado, levava as mãos ambas á cabeça morena. Agora elle tremia. Estava deante de um terrivel adversario: elle mesmo. O campo da luta era a sua alma. E elle, com o seu "eu" desperto para o bem e para a renuncia, lutava com o seu outro "eu", epicurista, grosseiro, com a cara bestial toda voltada para a terra.

O lutador tremia e uma grossa lagrima, lentamente, lhe desceu dos olhos. O lutador agora tremia.

MAURA DE SENNA PEREIRA

A canção dos verdes mares bravios e as canções de Juvenal Galeno — Por Suzana de Alencar Guimarães

(Da Academia de Letras do Ceará)

QUANDO o meu espirito começava a sua formação — nessa época, eu morava com minha familia na praia — a vida dos pescadores foi a primei, com que entrei em contacto, conhecendo-lhe todos os segredos da bravura e da pobreza.

Todas as tardes, de volta das aulas, onde o meu cerebro de criança se fatigava — com estudos que iam além da capacidade de quem contava apenas dois annos de escola primaria e se via transportada aos bancos do Lyceu — nesses minutos chegavam, noite fechada, no circulo dos pescadores, em torno dos peixes que o dizimeiro ia «avaliando», o meu vulto pequenino a projectar a sua sombra sobre a areia molhada, na semi claridade de um mortiço pharol a kerozene...

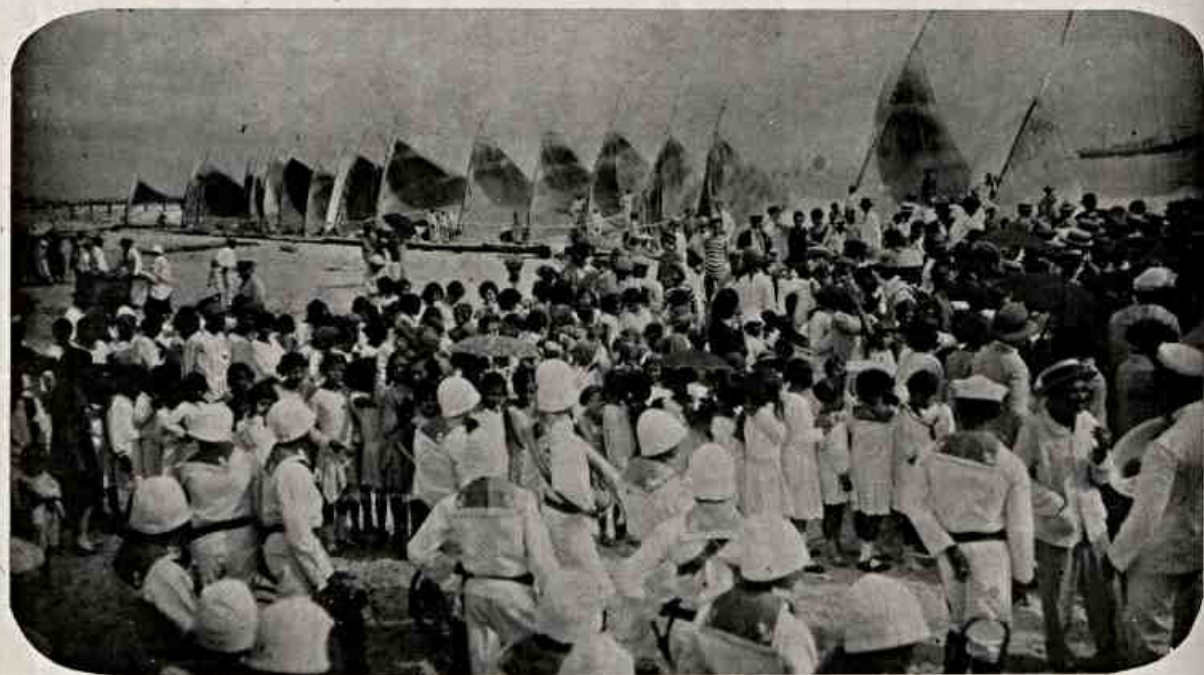
E era assim que essa vida de mar, vida em que o Destino é escripto com espumas sobre as ondas, me attrahia e insensivelmente infiltrava em minha alma um mixto de afoiteza e terror...

O mar era para mim uma esphinge!

Foi domingo passado.

O sol, um sol de fogo, fazia de cada grão de areia uma conta de missanga multicor que encandeava.

E a praia longa, muito longa, a perder-se na curva distante da «Volta da Jurema», para surgir além apresentando como em uma taça o pharol de Mucuripe, abrigava as jangadas perfiladas, com as velas pandas, em funeral, como lenços alvos que acenassem adeus ao seu ultimo cantor: — Juvenal Galeno.

Foi ahi que o pescador cearense homenageou a memória do velho bar-

A festa dos jangadeiros do Ceará, em homenagem posthuma a Juvenal Galeno, no 30.º dia do fallecimento do grande bardo cearense. As velas estão a meio mastro.

de quasi desanimo, eu dava commigo mesma, no abandono das horas mortas do dia, a olhar o velho mar, de cima de uma jangada ainda cheirando a salsugem...

A vida dos pescadores não tinha segredos para mim; sabia de cór os nomes pittorescos dos seus instrumentos de pesca; eram-me familiares a «caçamba» que levava a agua doce, a «kimanga» que matava a fome nas horas da pesca, o «samburá» onde se guardava o peixe, o «toassú» que fazia fundear a jangada, a «pinambaba» que, ligada ao anzol, prendia o peixe. Sabia da época das safras das «cavallas», dos «trinta e tres» e dos «pargos», e, nas noites em que o mar se tornava bravio e as jangadas retardavam a chegada, era de ver-se, na hora em que

Horas perdidas quedava a fital-o, enamorada. Si eu conhecia o viver dos seus filhos, si conhecia a sua alma simples, selvagem e rude, nunca conseguira aprender a linguagem desse monstro verde que me embalava os sonhos, que me dava a ansia de attingir algo que eu ainda não sabia explicar, que mandava até mim sua canção tristonha, quando á noite eu adormecia debruçada sobre os livros...

Eu não entendia a voz do mar. Sabia que ella era triste, porque a sua tristeza se communicava á minha alma; sabia que a sua canção tinha a attracção de um canto de sereia, porque, muitas vezes, ouvindo-a, adormecia com a face collada á areia fria das suas praias. Mas nunca a entendi...

do, ali, deante do mar que elle cantou, deante das jangadas a que elle emprestou a poesia dos seus versos.

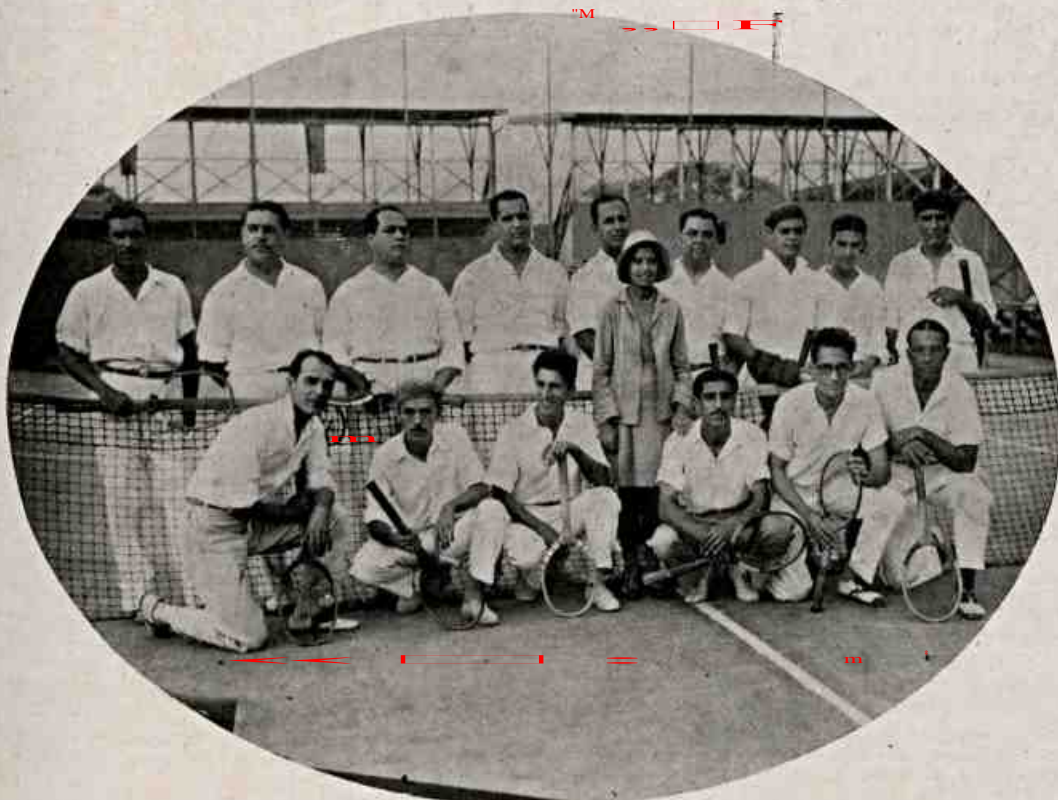
Então, só então quando o vento da praia espelhava as ultimas notas de um hymno fúnebre, que se misturavam ao gemido do mar, comprehendi que toda a tristeza que elle infiltrara na minha alma de criança e que me acompanhou através os annos, era a mesma tristeza que elle apprehendêra da alma dos jangadeiros cearenses, quando no dorso fragil das jangadas repetiam os versos doloridos e interrogativos de Juvenal Galeno:

«Minha jangada de véla
«Que vento queres levar?
«Tu queres vento de terra
«Ou queres vento do mar?

O salão da Associação Brasileira de Imprensa, á rua do Passeio, na tarde em que o illustre orador sacro padre Paul Coulet alli realizou uma das suas notaveis conferencias sobre assumptos sociaes, e que têm alcançado tão grande successo em nosso meio. Flagrante apanhado na occasião em que o primeiro secretario da Associação Brasileira de Imprensa, dr. Costa Rego, saudava, em nome daquella instituição de classe, o eminente e erudito sociologo francez.

FILIGRANAS

Si eu tivesse, manuseando alguns autores notorios, levado vinte annos a tratar de problemas financeiros ou economicos, mesmo sem entender sinceramente delles; si, no mesmo lapso de tempo, eu procurasse discutir problemas juridicos dentro da curta mentalidade do advogado, que é um dos encantos do brasileiro; si eu gastasse tão precioso tempo em commentar os factos politicos do momento, cujo passageiro interesse enche as columnas dos jornaes e faz a delicia da multidão, sabem o que aconteceria?

Seria, em vez dum rabiscador de revista, dum chronista da imprensa, dum literato, dum folklorista impenitente ou dum historiador, presidente do Banco do Brasil, jurisconsulto eminente, estadista insigne; porém não viveria contente commigo mesmo como vivo...

Os tennistas que tomaram parte na interessante competição de tennis que se realizou domingo pela manhã, nas quadras do S. Christovão Athletico Club, e dedicada ao director de FON-FON, sr. Sergio Silva. O departamento de tennis daquella sociedade sportiva, de que é director o prestigioso tennista sr. Djalma De Vicenzi, deu a essa partida a denominação de «Torneio de Duplas FON-FON». No presente grupo apparecem, além do sr. Djalma De Vicenzi, os vencedores do torneio, que foram o capitão Altair de Queiroz e o sr. Odilon de Almeida.

NOTAS DE ARTE

DE OSCAR D'ALVA

SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS — Sob a regencia dos maestros Lorenzo Fernandez e Francisco Braga, e com o concurso do grande pianista russo Iso Elinson, realizaram-se em 4 e 8 de julho, no T. M., o 171.º e 172.º concertos da S. C. S., com os seguintes programmas: I) MOZART — *Concerto em dó* (1.ª aud.); CHOPIN — *Concertos em lá menor* (1.ª aud.); LISZT — *Concerto em mi bemol*; II) BEETHOVEN — *Concerto em mi bemol*, op. 73; SCHUMANN — *Concerto em lá menor*, op. 54; TCHAIKOWSKY — *Concerto em si bemol menor*, op. 23.

Foram duas bellas e raras festas musicaes. Bellas pela escolha das peças; raras pela genialidade da solista. Se nem todas constituem obras-primas em relação a outras composições dos seus autores, os *Concertos* o são, individualmente considerados. Todos são poemas de amor inspirados na paixão pelas mulheres amadas. Constança Gladkowska, Carolina Wittgenstein, Julieta Guicciardi, Désirée Artot, são as musas inspiradoras de Chopin, Liszt, Beethoven e Tchaikowsky. Clara Schumann e Constança Mozart, as esposas adoradas de Schumann e Mozart, a fonte immediata e inesgotavel da inspiração dos dois geniaes poetas do som. Impregnados desse suavissimo perfume, cheios dessa fraqueza forte que dá o amor, os *Concertos* só por si encantam e enthusiasmam. Todos foram abençoado pretexto para Iso Elinson patentear mais uma vez os seus excepcionaes predicados de invulgar pianista. Alliando á mais prodigiosa bravura, o mais requintado sentimento expressivo, sabendo, no meio da vertiginosa agilidade, manter irreprehensivel nitidez, alheiando-se de tudo e de todos para absorver-se unicamente nas musicas que interpreta, o extraordinario virtuose, o pianista lisztiano, seduz e empolga; encanta e arrebata. Parece que não é possivel tocar melhor o *larghetto* do *Concerto* de Chopin, nem o *Allegro marziale animato*, do *Concerto* de Liszt. Foram estas interpretações que parecem ter excedido a propria perfeição com que foram executados todos os outros tempos de todos os *Concertos*. O piano de Iso Elinson afigurou-se-nos não ser apenas um instrumento da orchestra, mas a propria orchestra.

Louvores á S. C. S. que num esforço tenaz, proficuo, durante annos, revelando ao publico grandes obras e grandes mestres da musica estrangeira e nacional, já desenvolveu bastante o gosto pela musica symphonica, de modo a permittir o surto, no 10.º anno da sua existencia, de uma orchestra irmã — a Philarmonica do Rio de Janeiro. Burle Marx é um continuador de Francisco Braga. O que só deve ser motivo de jubilo para todos nós, que nos deliciamos e apprendemos com a obra de um e de outro, e nunca razão de desavenças e rivalidades. E' preciso que os cultores da harmonia musical não dêem o exemplo da desharmonia social...

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO — *Variações e fuga sobre um thema de Mozart*, op. 132, de Max Reger; 2.º *Concerto para piano e orchestra*, op. 18, de Rachmaninoff; 8.ª *Symphonia*, de Beethoven — foram o programma do concerto realizado em 6 de julho no T. M., 7.º da assignatura e 8.º da série, pela O. P. R. J., sob a regencia do maestro Burle Marx com o concurso da distincta pianista russa sra. Xenia Prochorowa, sem falar das peças de piano que por insistencia da platéa executou a solista, e foram: *Liebsleid* de Kreysler-Rachmaninoff e *E'tudes tableaux*, de Rachmaninoff; todas bem interpretadas e muito applaudidas.

Sem ser dos que mais nos impressionaram, não foi dos menos applaudidos o 8.º Concerto da Philarmonica. Todo elle constituiu uma trichromia sonora onde se entrelaçaram melodias, rythmos, harmonias de bello e variado effeito. Era a jovialidade, a frescura mozartina exaltando a composição de Reger e revelando-se ainda no minuetto do poema beethoviano; era a pompa, o esplendor da musicalidade slava fulgurando no *Concerto* de Rachmaninoff; era afinal o mixto de tudo isso, no *Allegro vivace* da 8.ª *Symphonia*.

Burle Marx conduziu-se com a costumada mestria. E Xenia Prochorowa, embora passasse assustado no principio da execução, soube depois dominar os nervos, de modo a impressionar cada vez mais no *adagio sostenuto* e attingir ao maximo da sua força communicativa no imponente e formidavel *allegro scherzando*, do grande *Concerto* de Rachmaninoff. Foi com a orchestra e o regente calorosamente ovacionada.

No intervallo votou-se, a convite da Sociedade Philarmonica, a indicação das peças que deviam fazer parte do 2.º concerto extraordinario. O publico escolheu *Bolero*, de Ravel; *Concerto*, op. 35, para violino e orchestra, de Tchaikowsky; *Concerto* op. 16, para piano e orchestra, de Bortkiewicz; *Prelúdios*, de Liszt.

Realizando esse concerto extraordinario na tarde de domingo, 11 de julho, teve magnifico exito. O Municipal estava quasi cheio. Tanto a orchestra, sob a regencia do maestro Burle Marx, como os solistas, profs. Tomás Terán e Romeu Ghipsman, repetiram, com o mesmo ou ainda maior primor, todas as peças escolhidas e já tocadas nos 1.º, 2.º, 4.º e 6.º concertos de assignatura. O auditorio saudou os interpretes com ruidoso e merecido enthusiasmo.

O illustre compositor uruguayo F. Eduardo Fabini, que hoje será ouvido pelo nosso publico nas suas grandes obras musicaes intituladas «Campo» e «Isla de los Ceibos», composições descriptivas, de rara originalidade, e que, ainda ineditas nesta capital, alcançarão, por certo, brilhante successo entre nós. No programma do grande concerto symphonico que, em commemoração do anniversario da independencia uruguaya, se realiza esta noite, no Municipal, figuram as duas composições do mestre compatriota do ministro Ramos Montero, confiadas á notavel regencia da maestrina brasileira senhorita Joanidia Sodré.

AUTORES

«Dia de Sol» foi o titulo que o poeta Prado Maia escolheu para o seu livro de estréa. E fez bem. A escolha foi feliz, porque o «Dia de Sol» é um poema cheio de claridades, o que compensa, de algum modo, as sombras de melancolia que adormecem em algumas de suas paginas. Os versos de Prado Maia revelam, ademais, uma alma sonhadora e profundamente emotiva.

Joanidia Sodré, a jovem artista brasileira, a primeira moça que no Brasil se consagra á nobre e difficil missão de directora de orchestra, e que o Rio ha pouco applaudiu, no Municipal, onde, sob a sua regencia, tocou o grande pianista allemão Max Pauer, vae, novamente, exhibir a sua technica, regendo a grande orchestra do concerto symphonico que hoje á noite se realiza no nosso primeiro theatro, em homenagem á Republica do Uruguay, e por motivo da data da independencia do paiz amigo. Joanidia Sodré apresentará, nesse concerto, que será assistido pelo chefe do governo provisorio e pelo ministro do Uruguay, dr. Ramos Montero, duas partituras do grande compositor uruguayo F. Eduardo Fabini, e que lhe foram cedidas pela legação da Republica Oriental.

(Photo De los Rios)

Enlace da senhorita Altina Cunha de Oliveira Machado, distincta figura da nossa sociedade, com o capitão-tenente Gabriel dos Santos Almeida.

Enlace da senhorita Eglê Malta com o engenheiro civil Richard Kossat. A noiva é filha do major Augusto Malta, director do gabinete photographico da Prefeitura.

COCAINA

A vida é uma brutalidade, um jogo de egoismos.

* * *

O amor é uma illusão dos sentidos, superexcitados pela amoralidade do seculo.

* * *

Dentro da nossa vida, ha sempre uma mulher que fica...

Em regra, a mulher moderna procura no casamento a liberdade propria, pela submissão do marido aos seus caprichos femininos.

MARION

Acaba de visitar a nossa capital, onde permaneceu alguns dias, em excursão scientifica, uma embaixada de alumnos da Faculdade de Odontologia e Pharmacia da Universidade de Minas Geraes. Aqui, os moços estudantes visitaram varios estabelecimentos scientificos, entre elles, o Instituto Freuder, onde foi tomada a presente photographia, na qual se vêem o professor Frederico Eyer, eminente mestre da odontologia brasileira, em companhia dos graduandos José Dicksand de Menezes, Diogenes Neves, Joaquim Ribeiro Vilella, Lygio de Souza Mello, Paulo Xavier de Almeida, Alvaro da Nobrega e Duilio Pelegrino e funccionarios daquelle Instituto.

Um aspecto da exposição de pinturas e artes applicadas que madame Ruth Bella Gamba e suas alumnas realizaram no salão de honra do Gymnasio Piedade.

FILIGRANAS

Alguem que passára sua vida no acurado estudo da jurisprudencia romana, ousou uma feita avançar esta pergunta: "Si o direito de Roma não se tivesse enxertado na legislação dos povos barbaros que se estabeleceram sobre as ruinas do imperio dos Cesares, a evolução natural dos costumes e leis dos germanos não teria sido mais proveitosa á humanidade?"

Mutatis, mutandis, poderemos indagar andaciosamente no nosso paiz: "Si o genio formidavel de Ruy Barbosa não tivese resuscitado o amor ao portuguez classico, a evolução da lingua entre nós, com a direcção brasileira que lhe imprimira José de Alencar, não seria mais fecunda e melhor para a nossa literatura?"

Parece que em ambos os casos a affirmativa é a resposta natural.

* * *

Uma fita recentemente exhibida nos cinemas mostra com palpitante verdade os mysterios do coração do continente negro: as feras incontaveis, os animaes exoticos, as paizagens maravilhosas e as humanidades negras vivendo no seio da barbarie primitiva. Quando a gente reflecte nos perigos que passaram e venceram os Stanley e os Livingstone para penetrar no coração dos sertões africanos e desvendar os seus segredos seculares é que reflecte no grande esforço collectivo de gerações e gerações que hoje permitte que se vá ver por alguns mil réis numa casa de espectaculos o que nossos antepassados somente de oitiva ou desafiando a morte poderiam conhecer. E, então, é que a grande continuidade do trabalho do homem á face da terra se apresenta solennemente ao nosso espirito.

Flagrante da cerimonia inaugural da exposição de aquarellas, pastais e carvões dos artistas Alvaro de Barros e Raymundo Aguiar, ultimamente levada a effeito, com grande exito, na capital bahiana.

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

XADREZ PARA DOIS

Producção comica da Metro-Goldwyn-Mayer, com

STAN LAUREL E OLIVER HARDY

Combinando a fuga.

Os nossos amigos Laurel e Hardy resolveram, num dia de ocio, fazer qualquer coisa que, hoje em dia, fosse fóra do commum. Ora acontece que, embora a bebida, na America, seja uma coisa prohibida, e as coisas prohibidas nada tenham fóra do commum, os nossos amigos Laurel e Hardy, justamente porque beberam e quizeram vender bebidas, foram "guindados", convidados para uma hospedagem num presidio...

Acostumados a uma vidinha regalada fóra das grades, bem distante do xadrez, Laurel e Hardy custaram a acostumar-se com a disciplina e os rigores extremos, peculiares a todas essas casas de hospedagem de quem são fóra do que é considerado lei.

Os "contratempos" começaram quando Laurel e Hardy foram "apresentados" ao mais feroz dos presidiarios, justamente um companheiro de cella. Depois, quando Laurel precisou ou antes, foi levado a precisar dos cuidados do dentista, faz com que Hardy tambem tenha um dente arrancado, embora não tivesse, como Laurel, nenhum motivo para isso.

O cognome de Laurel no presidio é "Botão de Rosa". Isso o aborrece

Que plano admiravel!

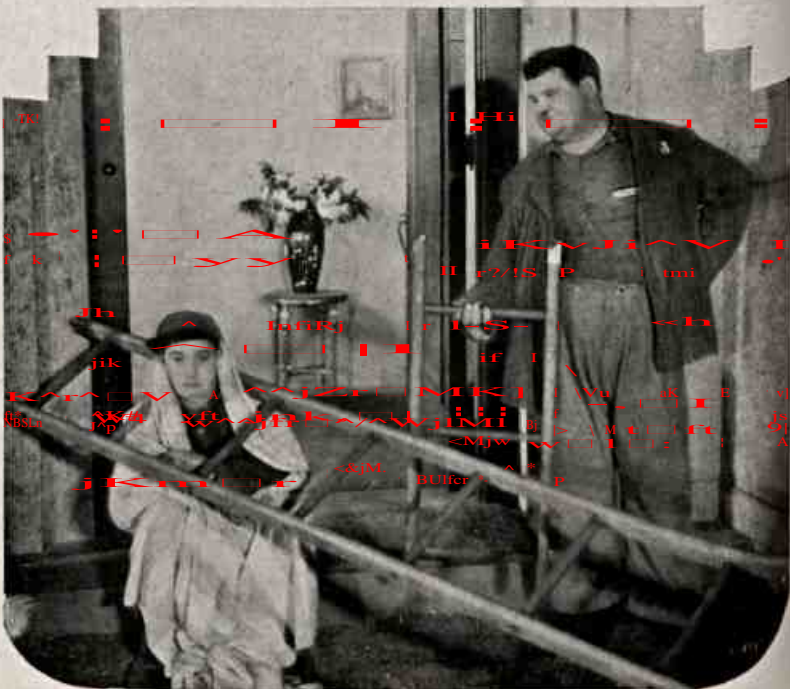
profundamente, sobretudo porque elle nunca se mostrara pisa-flôres... Assim, de aborrecimento em aborrecimento, "Botão de Rosa" sente "florescer" em seu cerebro a idéa de fugir. Mas para fugir seria necessario ir com o seu amigo Hardy, e Hardy é, como todos sabem, um rapaz de "peso", um rapaz que deve pesar no minimo cem kilos...

Lá um dia, porém, a sorte sorriu aos nossos heróes e elles abandonaram, muito risonhos, o presidio... dentro de uma carroça. Pintados de negro, foram, como plantadores, para os algodoaes de Alabama. E lá, trabalhando e cantando, passaram dias e dias felizes, descuidados, mas de olho sempre alerta... Um dia, viram, pregado a uma arvore, um cartaz, em que se offerecia a somma de 500 dollares a quem capturasse os senhores Stan Laurel e Oliver Hardy, evadidos... Riram-se do cartaz, como se riram de todos os que, á roda delles, viam, com ambição nos fugitivos, a promessa de 500 dollares... Nunca seriam reconhecidos, nunca seriam pegados... até que o foram, naquelle mesmo dia, á tarde, quando se metteram a arranjar a "limousine" do proprio director do presidio, que passara pela estrada. Nas lides do arranjo, elles perderam a graxa do rosto e appareceram na sua côr natural.

Meia hora depois, estavam novamente hospedados no presidio, com cama, mesa e roupa lavada...

Mas a vida não continuou bôa; era peor, agora, até, porque, no presidio, só se falava numa revolta, e, para os seus perseguidores, Laurel e Hardy eram espiões, traidores, creaturas perigosas, que era preciso eliminar de um momento para outro. Chega o dia combinado para a revolta. Ao almoço, o cozinheiro traz, na formidável panella da sopa, as balas que seriam utilizadas emquanto as mãos dos prisioneiros, sob a mesa, distribuem por todos os revólveres. A's mãos de Stan vae parar um fuzil-metralhadora. Attonito, sem comprehender o que aquillo era, elle levanta a arma e, sem querer, dispara... quasi no nariz de Oliver Hardy. Alvoroço dos diabos. Arma-se, tremendo, o motim. Stan Laurel, sem querer, antecipara a revolta!

No meio da confusão, as scenas attingem o auge da comicidade, por causa dos palpos de aranha em que se vêem os nossos heróes. A luta continúa por umas duas horas. O director do presidio não se mostra enfraquecido, o mesmo acontecendo com a massa de homens revoltados. Para felicidade de Laurel e Hardy, porém, irrompe fogo na casa do director do presidio. Elles se dirigem para lá, attendendo aos gritos de soccorro da filha do director. Por um bamburrio — porque tomaram as providencias que justamente não deviam tomar — conseguiram salval-a. Emquanto isso acontecia, o director conseguia vencer os revoltosos.

No dia seguinte, muito lampeiros, elles saem do presidio, como heróes, com os maiores elogios do director... Mas Stan Laurel e Oliver Hardy, homens de aventuras, não poderiam ficar nisso, pois se elles são da "activa"...

«Você ha de ser sempre uma cavalgadura.»

JOHN Madison vivia com sua esposa, duas filhas e um pequeno de 10 annos, na cidade de Council, em Ohio.

Marianne, a mais joven, embora vaidosa e imprudente, conseguira, pela sua belleza, prender as attenções e o amor de Wade Trumbull e Dick Lindley.

Laura, a irmã, ficou deveras sentida ao saber do noivado de sua irmã com Dick, joven medico, a quem amava occultamente.

Marianne, que pouca importancia dava a Trumbull, tambem o surprehendeu, com o compromisso que tomara com Dick. Um convite de Trumbull foi rejeitado; entretanto, o de seu rival foi acceito.

«Adeus!»

Procurando convencel-o.

"Garota rebelde"

Drama da Universal

com Sidney Fox
Bette Davis
Conrad Nagel

Sahiram e foram ao cinema. Depois do espectaculo, Marianne desejava voltar de automovel, mas como Dick não tivesse carro, abandonou-o, para seguir com Val Corliss, um estranho na cidade, conhecido justamente naquella occasião. Parado o carro junto delles, Marianne deixa seu futuro marido, seguindo com Corliss, que a leva em casa. Laura convida-o para jantar no dia seguinte. Durante o jantar, Corliss ficou impressionado com a familia Madison, dizendo-lhe que era representante dum syndicato, o qual tencionava construir em Council uma grande fabrica.

Immediatamente Corliss convidou Mr. Madison, pae de Marianne, para occupar um logar de responsabilidade no novo estabelecimento, podendo

(Conclúe na pag. seguinte)

«Com papas e bolos»...

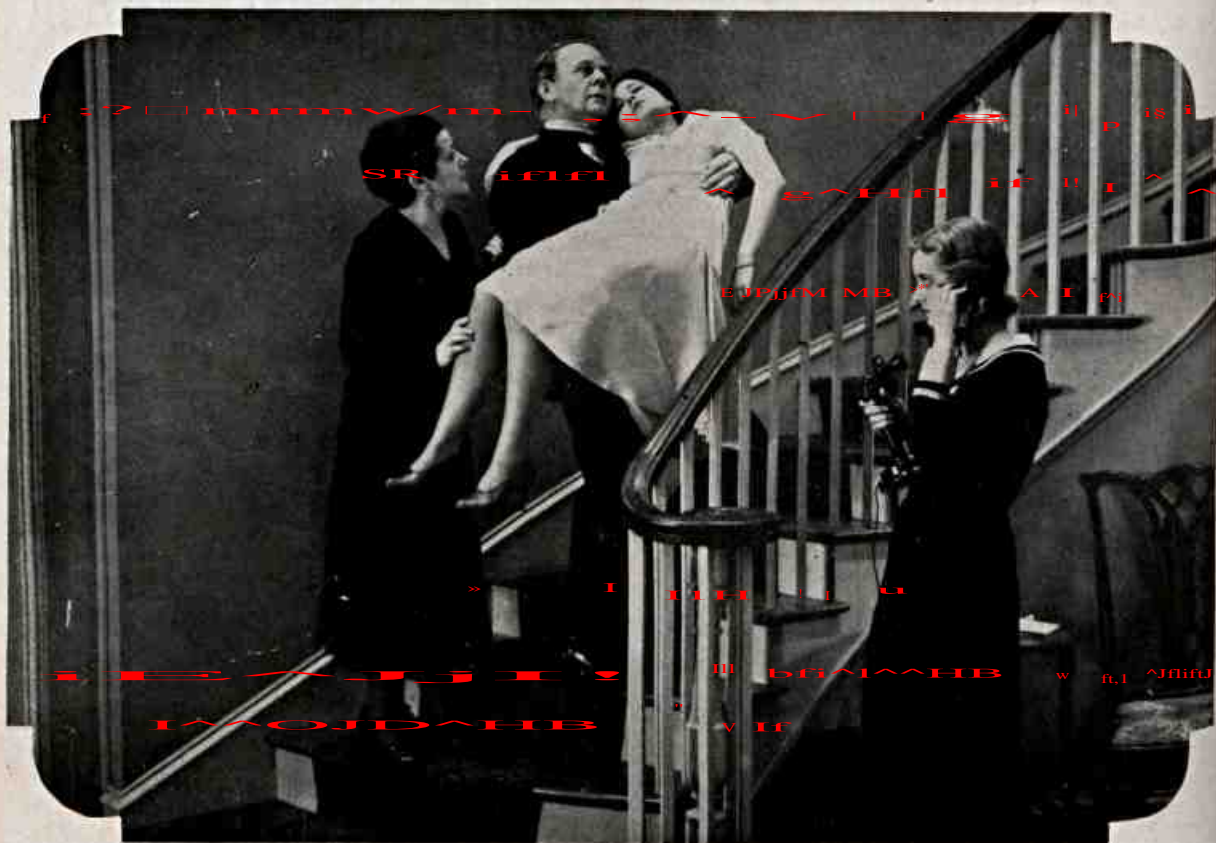
o mesmo concorrer para que alguns amigos tomassem interesse pelo emprehendimento, ajudando-os monetariamente.

Quando Dick chegou, depois do jantar, ficou bastante admirado por encontrar Marianne conversando intimamente com Corliss. Emquanto Dick olha para Laura, Marianne consegue sahir com Corliss, sem ser percebida.

gasse uma informação de Nova York, o que bastante enfureceu sua filha, chegando a ponto de o descompôr. Sua irmã intervem, dando-lhe uma bofetada, desafrontando assim seu pae. Marianne fica prostrada com um ataque. Dick, como medico, foi chamado. Emquanto Marianne se encontra deitada, um collapso se apossa do velho Madison.

Marianne, que, triste, pesarosa, volta ao lar. Seu pae, convalescente, recebe a visita de varios amigos, que vêm pedir explicações pelo dolo que Madison lhes causou. Nesse momento chega Marianne, confessando seu crime. Seu pae perdôa-lhe. Depois desta lição, Marianne leviana, passou a ser uma exemplar esposa do sr. Trumbull e Laura a companheira de Dick.

E a surpresa desses moradores subiu a tal ponto que, quando acordaram, na manhã seguinte, encontraram no logar onde vinte e quatro horas antes havia só campos desertos, uma cidade chineza, que havia apparecido como por encanto.

Parecia um conto de fadas, daquellas velhas historias que os nossos avós contavam quando

Transe doloroso.

Algumas semanas mais tarde, Corliss mostra a Marianne uma carta que deveria ser assignada pelo velho Madison. De facto, Corliss já se havia avistado com o pae de Marianne para que elle assignasse, mas Madison escusava-se sempre. Marianne propoz-se a levar a carta e a pedir a seu pae que a assignasse. Madison, no emtanto, não queria pôr seu nome na carta emquanto não che-

Hedrick, o endiabrado "gury", consegue apoderar-se do diario de sua irmã Laura, entregando-o a Dick. Esse diario era a confissão sincera de seu amor por Dick. Depois de restabelecida, Marianne falsifica a assignatura de seu pae, sahindo de casa para encontrar-se com seu namorado, Val Corliss.

Este, uma vez senhor da carta assignada, desappareceu, abandonando

DA NOITE PARA O DIA

Os moradores de Hollywood que residem perto dos studios da Metro-Goldwyn-Mayer tiveram certa noite uma grande surpresa ao observar que á borda de um riacho vizinho estavam sendo feitos, activamente, trabalhos de construcções, que os curiosos, espantados, não sabiam a que attribuir.

eramos crianças, em que appareciam palacios admiraveis da noite para o dia. Mas esta cidade chineza foi construida da noite para o dia, apenas com a habilidade dos operarios dos studios da Metro Goldwyn Mayer para que uma scena passada em Singapura fosse filmada naquelle mesmo dia pelos artistas que estavam trabalhando em "The way for a Sailor".

Ingagi
=Gorilla=
O raptador de Mulheres
Um film da CONGO PICTURES Ltda — que nos
conta coisas que se diriam impossiveis...
Os exploradores se metteram pelas mattas densas e escuras do sertão africano, photographando a vida dos animaes e dos selvagens...
...e foram esbarrar com essa cousa formidavel!
GORILLAS que raptam mulheres e que as tornam suas escravas!
—
Sensacional
Interessante
Nunca visto
2ª feira no
PALACIO-THEATRO
Cia. Brasil Cinematographica

— Tens algum projecto para o futuro, querido?
— Como não? Tenho um tio riquissimo, ao qual restam apenas duas vidas...

ETERNOS EXPLORADOS

NÃO ha, entre as varias fabricas editoras de discos que disputam o nosso mercado, uma tabella, propriamente, regulando a taxa dos direitos artisticos e autoraes.

Todas ellas, entretanto, fazem-no de maneira identica, pagando 200 réis por face do disco ao autor da producção (musica e letra inclusive) e 200 réis ao interprete.

Isto faz crer que haja entre as referidas fabricas um accordo tacito, um entendimento por detraz das cortinas, visando os beneficios de quem edita... e os prejuizos de quem produz.

— Que fiel companheiro tem você!
— E, além de fiel, é muito util. Molha-me o dedo toda vez que preciso virar a pagina.

Ora, vamos e venhamos, realizando o milagre de ficar no mesmo logar, achamos que esse estado de coisas não deve continuar, de maneira alguma.

Não é consentaneo, não entra na cabeça de ninguem que um disco vendido por 12$000 ao consumidor, só dê a ganhar 200 réis (ou 400 réis, no maximo, si os dois lados da chapa forem occupados por producções do mesmo autor) a quem teve o trabalho de produzir a musica e a letra de uma canção ou de um samba.

Ao todo, pelas duas faces e pelos direitos autoraes e artisticos, o editor despende 800 réis por disco, menos de mil réis, portanto, realizando um lucro fabuloso e distribuindo com os artistas verdadeiras migalhas, que, reunidas, só raramente apresentam um total menos irrisorio.

Para que um autor ou interprete chegue a receber um conto de réis, é preciso que se vendam 5.000 chapas, o que, á razão de 12$000, perfaz a importancia de 60 contos!

Está claro que isto não repre-

Ella — Tens mudado muito, querido. Antes de nos casarmos, cada beijo teu durava, pelo menos, tres kilometros, e agora não necessita mais do que cem metros...

senta o lucro liquido da fabrica editora.

Esta tem de pagar orchestra, tem de pagar o material empregado na confecção, tem de dar desconto aos revendedores, tem varias despesas a mais, tambem.

O que não acreditamos, porém, é que os seus lucros não attinjam uns 40 ou 50 por cento, revertendo, assim, para a caixa das mesmas, algumas dezenas de contos em cada producção de successo.

Porque, para vender 5.000 discos, no nosso paiz, e principalmente neste momento de crise, é preciso que se trate de qualquer coisa de realmente extraordinario no sentido do agrado popular, que prefere, quasi sempre, a producção inferior, derivada dos sambistas do Morro do Salgueiro.

Faz-se mistér, portanto, que os artistas se organizem na defesa dos seus direitos, pois já é tempo de sahirem da incommoda posição de eternos explorados em que se vêm mantendo com tanta displicencia.

Agora, então, que alguns autores já estão batendo ás portas da Justiça, reclamando direitos conspurcados, essa reacção teria um caracter de opportunidade que não se póde deixar de levar em conta, impressionando bem o publico e cortando as azas da ganancia que esvoaça sobre a pobreza da classe.

E' preciso agir, esquecendo um pouco o sonho e cuidando da vida, para poderem continuar sonhando...

NOVIDADES

"No Rancho Fundo", samba-canção de grande successo, com musica de Ary Barroso e letra interessante escripta por Lamartine Babo, acaba de ser lançado em discos "Victor" n. 33.444. A parte de canto foi desempenhada pela joven cantora senhorita Elisa Coelho, que lhe dá uma interpretação á altura dos seus meritos. Apenas, em vez de mulher, preferiamos que fosse homem o cantor de "No Rancho Fundo", pois a voz feminina só raramente agrada, através o microphone e a cêra dos discos.

— Vem ahi o grande film de Jeanette Mac-Donald, intitulado "Monte Carlo", e no qual ha numeros de musica encantadores. Destaca-se, entre elles, o fox "Always in all ways", que, nos discos "Victor" em que está gravado, apresenta um ruido de trem em marcha progressiva, de effeito muito suggestivo.

— Em discos "Odeon" n. 10.807, a senhorita Isalinda Serrantola, uma das candidatas ao titulo de "rainha" da colonia portugueza no Rio de Janeiro, canta o "Fado da Mensagem" e o "Fado do Amor", ambos muito bonitos.

— "El penado 14", o conhecido tango de Magaldi e Noda, tem mais uma gravação em discos "Brunswick" n. 1.816, executado por uma esplendida orchestra typica.

— "Sinto falta de você" é mais um bom samba da actualidade, de autoria de Roberto Borges e J. C. Marinho. Quem o cantou foram os conhecidos interpretes Jonjoca e Castro Barbosa, e quem o gravou foi a fabrica "Victor" nos seus discos 33.447.

— Um disco que deverá fazer as delicias dos phonophilos nacionaes é o "Odeon" n. 5.117, que traz a celebre "Symphonia do Guarany" admiravelmente executada. Vale a pena ouvil-o.

TRISTEZA

Véu que envolve o coração da gente com a sua caricia feita de renuncia...

Sombra que se lançou sobre a paizagem alegre dos nossos sonhos...

Vento sêcco que fez tombarem, uma por uma, as folhas mortas da illusão que passou.

Sopro do infortunio! Halito da descrença. Alma da saudade brasileira...

Voz do enfermo sem esperança de curar-se!

Toque de sino no bojo da tarde que morre!

Tristeza!...

Irmã do Silencio e das Trevas! Amiga dos poetas, herança dos desgraçados!

Canção dolente que chora a saudade cinzenta de um amor que feneceu.

Crepusculo da alma!

Lagrima do coração!

Nuvem que encobre o sol da Felicidade! Flor que vive do orvalho das lagrimas... Estrella que reflecte a magoa dos vagalumes que não podem ser astros!

Tristeza...

Suspiro de Jesus ao ver chorar Maria Santissima!...

RUBEM FERREIRA DA ROCHA

UMA RECEITA

DE JORGE AURIOL

ERA no mez de maio, e fumavamos nossos cachimbos. Emquanto alli, dentro de casa, a temperatura era bastante agradavel, graças ao lume do fogão, fóra, a chuva batia, intermittentemente, sobre os crystaes.

De repente, meu amigo soltou uma sonora gargalhada e deixou cahir seu cachimbo. Ainda estava rindo, quando o interroguei a proposito do motivo de seu bom humor.

— E' uma historia engraçada — respondeu-me. — Sempre que a recordo, não posso deixar de rir.

— Então, conta-me essa historia. Emquanto a escuto, é possivel que cesse a chuva.

— Todos os povoados desta região são grandemente saudaveis. Aqui, as enfermidades não conseguem firmar-se. Mas, talvez leve a palma entre todos elles, nesse particular, a villa de Steinquerque, situada escassamente a quinze kilometros daqui: Seus habitantes dizem que nunca morreu ninguem alli. Mas eu custo a crer. Seja ou não seja verdade, entretanto, é o caso que, certo dia, uma mulher de cento e dezeseis annos se sentiu repentinamente indisposta. Inutil me parece dizer-te que o acontecimento causou sensação e que, na localidade, não se fallava em outra coisa. Havia sessenta e dois annos que não se recordava um caso analogo.

"Em Steinquerque não ha medico, uma vez que seus serviços são perfeitamente, inteiramente desnecessarios. Foi, portanto, preciso chamar o medico de uma localidade vizinha para examinar a doente.

"O esculapio examinou-a escrupulosamente, e depois disse, satisfeito:

"— Isto não é nada!... Vou, agora mesmo, receitar-lhe uma coisa que não só a curará, mas ainda a deixará como nova.

"E escreveu a receita.

"Copiaram o que estava no papel, e um mensageiro partiu immediatamente para Pourgetts, onde ha botica.

"Mas o boticario, recebendo a receita, approximou-a dos olhos, e começou a fazer imprecações, em voz alta:

"— Ninguem será capaz de entender o que está escripto aqui!

"— Pois foi o mestre-escola quem escreveu.

"— Eu já o imaginava, porque elle não sabe ler nem escrever... Além disso, não posso aviar uma receita expedida por um mestre-escola. A lei mo prohibe. Traga-me o original, de punho e letra do medico, que eu aviarei. De outro modo, não me é possivel.

"Deante de taes razões, voltou o mensageiro.

"Mas, no dia seguinte, cedinho, quando mal haviam aberto o estabelecimento, o mensageiro de novo se apresentou ao boticario, apresentando-lhe, com o auxilio de outros, uma enorme porta de madeira, que fôra retirada de um carro, e cujo peso não seria inferior a trezentos kilos. A porta foi depositada sobre o balcão da botica, que quasi vae abaixo, não habituado a supportar tão enorme peso.

"O senhor boticario veiu de dentro dando gritos:

"— Mas, que é isso?... Os senhores estão loucos?!... Que é isso?"...

"— Não é nada, senhor boticario — respondeu o mensageiro da vespera. — Hontem, o senhor me pediu a receita do medico. Pois aqui está ella. E' esta. Como não quiz acceitar a copia tirada pelo mestre escola, resolvi trazer-lhe, cumprindo suas ordens, o original da receita. Repito-lhe que é esta. Como em casa da enferma não havia tinta, nem papel, o medico se viu obrigado a escrever a receita na porta, com um pedaço de giz. Creio, agora, que o senhor não se opporá em vender o remedio."

A estação de cura

Felippe Lebel á senhora Lebel:

"Fonte Santa, 15 de janeiro.

Querida mulherzinha: Vês que cumpro minha promessa. Ha apenas dois dias que te deixei, por tres semanas, ai de mim!, e já te escrevo.

Creio que meu excellente amigo de infancia doutor Purgon teve uma excellente idéa prescrevendo-me uma estação de cura neste balneario. Ha uma tranquillidade absoluta, o ar é tonico, bem confortante, e as aguas muito activas. Comecei a tomál-as hontem e já tive fortes cólicas.

Meu hotelzinho é muito socegado. Hospedam-se nelle algumas senhoras de idade madura e algumas damas veneraveis, que seguem seu tratamento como eu e só falam de suas enfermidades. A' noite, jogamos uma partidinha de cartas, e ás dez horas, todo mundo vae para a cama. Verás que tive razão não querendo que me acompanhasses. Aqui te aborrecerias enormemente, e confesso-te que, por meu lado, si não me preoccupasse tanto minha saúde... Quando eu ia pensar que, aos trinta e dois annos, podia ter os intestinos tão deteriorados? Que sorte que o nosso amigo Purgon o haja notado a tempo!

Só penso uma coisa: em curar-me. Que contrariedade tão grande passar as férias longe de ti!

A' tarde, passeio pelo campo, que não tem nada de particular: pastagens, arvores e algumas vaccas tranquillas...

A proposito de vaccas, vou contar-te um facto extraordinario. Hontem, passeando, vi uma vacca que se coçava no poste telegraphico. Pois hoje, ao passar pelo mesmo logar, e á mesma hora, vi a mesma vacca a se coçar no mesmo poste. O pobre animal passou vinte e quatro horas coçando-se sem parar! E' assombroso!

Contei esse caso ás senhoras e aos cavalheiros do hotel, que não sahiam de seu espanto.

E ahi tens como passamos o tempo.

Fico pensando no feliz momento em que receba noticias tuas. Entretanto, para ti os beijos mais apaixonados de teu maridinho, que te adora, *Felippe.*"

* * *

Felippe Lebel ao doutor Purgon:

"Fonte Santa, 15 de janeiro.

Querido e velho amigo: O truc interite sahiu ás mil maravilhas. Eis-me aqui, seguindo tuas prescripções, por tres semanas... E só. Que encanto! Que differença do verão do anno passado, quando eu não podia afastar de meu lado a absolutista de minha mulher!

Como te agradeço!

Quando digo que estou só, exagéro. Isto aqui se acha animadissimo. O Splendid Hotel, onde me encontro hospedado, está abarrotado de gente "chic". No casino se dança e se joga até tres horas da madrugada.

Adivinha, agora, quem tenho como vizinha de mesa e de quarto. Nonnette! A lindissima Nonnette, com quem rompi ha tres annos quando me casei: Si visses como bem depressa reatámos nossa velha amizade!

Ah, querido amigo! Como te agradeço a invenção desta enfermidade que me trouxe aqui!

Nonnette pede-me que te envie seu carinhoso reconhecimento. E eu te mando um forte abraço. Teu amigo, *Felippe.*

P. S. — Ao fechar esta carta, recebo um telegramma de minha mulher annunciando-me sua chegada, porque teme que eu me aborreça.... Que azar!....."

Por copia

WHIF

FALLIDO!

DE RIBEIRO PONTES

ESTAVA provado, duma maneira real, insophismavel, concreto, que Aureliano Cardoso nada mais poderia querer de mulheres.

Arremessára-se, cansado, amodorrado, na "mapple" confortavel, a olhar com um interesse despretencioso as volutas de sua cigarrilha de "tabac blond". Seu olhar, firme num ponto occulto, não decifrava a preoccupação febricitante de seu cerebro, em cogitações desvanecedoras...

No emtanto, era mais que preciso, era necessario, era fatal: devia pôr um fim áquella ultima sensação feminina que o atormentava.

Folheou com um aborrecimento classico as aventuras de tribade da Condessa Gamiani, e, por uma intuição toda natural, reconheceu que Alfred de Musset era immoral como os outros!

Levantou-se, emfim. Fóra, o declinar sensual duma tarde quente de verão, enervando homens e coisas, obrigou-o ao bocejo quotidiano de entédiado.

Até alli, porém, houvera sempre, no agazalho sedoso de seu "chambre", um qualquer perfume aphrodisiaco de mulher que lhe dilatava, vez a vez, as narinas, em haustos de anseio.

Tudo tinha que ceder ao determinismo implacavel que o levára a perder, talvez por uma tolice, quem sabe si por uma questão de honrabilidade, a mulher que amára unica e sinceramente até então.

Não podia haver meios termos.

Vira-a aquella manhã, pelo braço de outro, tomar um auto de luxo, alegre, ingenua, offertando-se, sem procurar occultar-se.

Teve repente de reclamál-a. Trazêl-a a si.

A moral resistiu ao coração. Conteve-se.

E, desappareceu na primeira esquina, para que ella o não visse. Correu para casa. Fechou-se.

E, alli, estava indeciso, titubeante, vencido por tanto cynismo.

Lembrava-se, ainda, de seu ultimo "tailleur" de Drecoll e de seus beijos com gosto de *ice-creamsoda*...

A voz fina, cantante, cheia de emoção, ainda o perturbava.

Estava, porém, resolvido.

Falhára para as mulheres — não havia duvida. Arriscar-se-ia, agora, a novos prazeres. Ao sport. Ao jogo. Saberia, depois, si realmente era um fallido.

Sahiu. Pequenas gottas de chuva batiam a calçada, como acariciando-a.

Foi a um cinema qualquer. Implicou terrivelmente com o companheiro do lado. Não esperou que a cinta acabasse e veiu para a Avenida.

Em uma casa alguem se sentou-se ao piano. A emotividade christã de Lohengrin fez-se ouvir nas teclas através os accordes de sua "Marcha Nupcial"...

Aureliano enervou-se. Sacudiu, fóra, raivoso, o cigarro.

Em sua frente um corpo fino, esgalgo, de mulher — fitava-o.

Typo moderno de peccadora honesta, simples, natural...

Proferindo um nome, Aureliano entrou no club, e, querendo sopitar sua raiva, sua infelicidade, rougouguejou sombrio.

— Ella... Era fatal aquella "marcha" de Lohengrin... Sou um fallido... Só me restam — e ainda sou feliz em me sobrar alguma coisa — as orgias, os vicios, o esquecimento...

MEU CRIADO DE QUARTO

Chama-se Leonardo, e é um phenomeno.

Vou apresental-o aos senhores, sem risco de ferir-lhe a modestia. Nunca lê jornaes, embora goste muito de ler. Mas sua leitura predilecta, como a de todas as pessôas sem imaginação, são os livros sem folhas.

Um espirito superficial diria que era um rapaz distrahido.

Sua supposta distracção provém do facto de ter um espirito extraordinario.

Por isso, quando lhe recommendo que me prepare meu traje de rigor em um desses momentos em que o preoccupa outra coisa, elle me limpa, cuidadosamente, o terno de passeio, porque nunca deixa seus motivos de distracção.

Tambem é muito frequente que se esqueça de acabar de limpar os sapatos, e não é a primeira vez que sahi á rua com um pé admiravelmente engraxado e outro cheio de barro...

Quando lhe chamo a attenção para algum desses erros, é elle o primeiro — e, ás vezes, o unico — que ri. Acha que ha nelle outro ser, a quem trata com grande indulgencia.

Quando telephonam, e eu estou ausente, raramente deixa de dizer-mo. Entretanto, nunca se lembra do nome da pessôa que telephonou.

— O de que me recordo — diz-me — é que o senhor que telephonou me disse que o patrão tocasse para elle, logo que chegasse, porque tinha urgencia em fallar-lhe.

Falta-lhe, tambem, a memoria das physionomias. Mas se lembra perfeitamente dos nomes de alguns amigos e de meus credores.

Quando um amigo bate á minha porta, Leonardo se julgaria deshonrado si lhe perguntasse o no-

---

Quarta-feira!

Botemos as mascaras nas mulheres!...

Como é que no Carnaval as mulheres differem dos homens!

Estes, nos tres dias consagrados ao deus Momo, mascaram-se e mostram o que não são!...

As mulheres, pelo contrario, usam mascaras de innocentes todo o anno e só nos 3 dias de folia mostram o que são verdadeiramente...

CINZAS

Quarta-feira!

Quanta saudade!

Ao invés de se sentir o coração invadido pelo desespero de já ter findado o Carnaval, sente-se um vacuo... é qualquer coisa que nos falta...

Parece que o Carnaval levou uma parcella do nosso coração...

Quarta-feira!

Quantas recordações... um olhar... um sorriso tentador... um corpo provocante que passa... uma lembrança do corpo esculptural que se estreitou nos braços ao som de um samba...

Quarta-feira!

Recordações do primeiro dia de Carnaval: Barulhada infernal!... Momo que entra com todo o seu cortejo ensurdecedor... Mulheres bonitas... sambas... sambas... sambas... convites tentadores...

"Mulatinha frajola,
Entra aqui p'ro cordão,
Que a fuzarca consola
As magoas que a gente
Traz no coração..."

Quarta-feira!

Lembranças do segundo dia: Momo se retrae um pouco; talvez se resinta de algum cansaço... Alguns dos componentes do seu bando vão procurar, no somno, descanço para o corpo... Apesar disso, ouvem-se, embora mais fracos, sambas... sambas... sambas...

"Não tenho medo de bamba
Na roda do samba...
Eu sou bacharel,
Sou bacharel...
Andando pela batucada,
Onde vi gente levada
Foi lá em Villa Isabel..."

Quarta-feira!

Reminiscencias do terceiro dia: A barulhada infernal redobrou... Os dorminhocos do reino da folia já voltaram a formar no cortejo do seu soberano... Retornaram á luta com vontade de desforrar o dia

De Tristan Bernard

me. Escolhe, porém, ao acaso, um dos nomes de que se recorda, e annuncia-me sua visita. E assim acontece, ás vezes, que me annuncia um amigo intimo, e quando me precipito ao seu encontro, me vejo em presença de um terrivel credor, de quem costumo fugir...

Ao levantar-me, digo a Leonardo que limpe meu aposento, onde gosto de trabalhar.

A's vezes, o faz rapidamente. Outras vezes, porém, leva tanto tempo, que me vejo obrigado a fechar a janella e começar a trabalhar respirando as nuvens de pó que levanta com o espanador.

Prosegue sua tarefa, que interrompe para contar-me casos da vizinhança. Si lhe digo que se cale, continúa esfregando os moveis e ri em silencio, embora me observe:

— Não pense o senhor que rio delle.

O outro dia, entrou em meu quarto como um tufão. E, parando, de repente, exclamou:

— Não me lembro o que vinha dizer ao senhor.

Continuou no aposento, a perguntar, em voz alta, o que tinha a dizer-me...

Seu olhar fixou-se em um livro que eu estava consultando. Viu que era um livro sobre a guerra.

Isso lhe serviu de pretexto para falar-me de suas campanhas. Fôra citado varias vezes por seu valoroso comportamento. Mas de uma vez, foi passear, por distracção, nas linhas inimigas.

E assim, durante mais de uma hora, esteve narrando-me as aventuras mais insignificantes do *front*.

— Em outra occasião — proseguiu — estavamos na trincheira...

E, de repente dando uma palmada na testa, exclamou:

— Já sei o que tinha a dizer ao senhor! O almoço está na mesa!

---

de João Figueiredo Siqueira

que perderam e, desenfreadamente, ouvem-se sambas... sambas... sambas...

"Nem tudo que se diz se faz.
Eu digo, e serei capaz
De não resistir,
Nem é bom falar,
Si a orgia se acabar..."

Mas eis que se aproxima a quarta-feira... Recolhem-se os retardatarios... O pandeiro já perdeu o enthusiasmo e as vozes vão sumindo... sumindo... sumindo...

" ....
Si a orgia se acabar..."

Quarta-feira!

Para um anno para o outro Carnaval... Um longo anno ainda para as mulheres tirarem novamente as mascaras...

Quarta-feira!

Recomecemos a vida normal... Vida normal sim... No carnaval vivemos anormalmente... de sonhos... de perfumes inebriantes... de sorrisos lindos... de tentação... de supplicio... supplicio de não poder beijar boccas tentadoras que se nos offerecem... beijar... beijar... e... cantar...

" ....
Eu quero uma mulher bem núa...

Quarta-feira!

Recomecemos a vida interrompida por 3 dias... Hoje é consagrado ao descanço e penitencias, e amanhã é o dia do perdão das pequenas... Um pedido para no proximo anno não a abandonar e, então, lembrando ainda o Carnaval que se foi, ouve-se a promessa:

"Si você jurar
Que me tem amor,
Eu posso me regenerar...
Mas si é para fingir mulher
A orgia assim não vou deixar..."

Quarta-feira!

Esqueçamos as mulheres tentadoras que tiraram as mascaras...

Passemos uma esponja sobre os tres ultimos dias, para que a nossa vida não fique, até o Carnaval futuro, cheia de saudades... tristezas e recordações...

Quarta-feira!

Esqueçamos o Carnaval passado e esperemos o futuro...

Não nos recordemos mais... hoje é quarta-feira...

O ESPIRITO JUDEU

O Lusitania acaba de ser torpeado e está se afundando.

No tombadilho, ha dois judeus. Um delles chora. Então, o outro, animando o patricio, diz-lhe:

— Ora, Salomão, por que choras tanto? Porventura o navio é teu?

*

ARAHÓN, no leito de morte, chama seus filhos, e diz-lhes:

— Meus filhos, vou morrer. Mas quero, antes, fazer-vos as ultimas recommendações. Conduzi-vos sempre como bons judeus. Não esqueçaes nunca que nosso desterro cessará no dia da volta do Messias. Já sabeis que, quando chegar esse dia, os christãos passarão sobre uma ponte de ferro, que se quebrará, e os judeus, sobre uma ponte de papel, que resistirá. Isso não ha duvida. Entretanto, meus filhos, quando chegar esse dia... subi na ponte de ferro.

*

MAYER vae á casa de seu amigo Oscar e o encontra sentado á mesa com o dedo mettido dentro de uma chicara de agua.

— Que fazes ahi?

— Muito simples: o medico aconselhou-me a tomar banhos, e estou procurando acostumar-me.

*

ISAAC e Moysés vão, de trem, a Moscou, onde têm que ultimar uns negocios. Mal adormecem, são despertados por umas vozes, que os intimam:

— Mãos para cima!

Os viajantes obedecem, alarmadissimos, vendo que dez revolvers estão apontados para elle. Isaac treme horrivelmente deante dos ladrões. Moysés não treme menos. De repente, com uma voz apagada, este exclama:

— Eu poderia baixar as mãos um momento? Dóem-me tanto!...

— Verdadeiramente, este velho judeu é pouco perigoso — disse o chefe da quadrilha, que acaba concedendo a permissão.

Então Moysés tira do bolso uma nota de mil rublos, e, dirigindo-se a Isaac, lhe diz:

— Olha, Isaac, agora que me lembro: devo-te mil rublos. Eil-os aqui.

*

A' hora da morte, Samuel chama seus dois filhos, e lhes diz:

— Preciso recommendar-vos, meus filhos, que sejaes sempre bons judeus. O maior desgosto que podeis dar-me será casar-vos com mulheres christãs, ou ter relações com ellas. Si tal fizesseis, ficae certo de que de tão desgostoso, meu cadaver daria meia volta no tumulo.

Depois de falar assim, Samuel morre.

Passam-se os mezes, e os irmãos, cada um exercendo profissão diversa, se perdem de vista. No fim de um anno, o mais moço encontra o outro, acompanhado de uma mulher que, evidentemente, não é uma filha de Israel. E, censurando, lhe diz:

— Isaac: já esquecestes o que papae nos recommendou á hora de morrer?

O outro não sabe o que responder, e baixa a cabeça, envergonhado. Alguns mezes depois.

CABELLOS

TENHO trinta annos, Lúdace, e já estou cheio de cabellos brancos.

A culpa é de vocês, ou a culpa é minha. E' minha, sim, de andar com o coração nas mãos e de amar as mulheres.

Cahem-me os desenganos sobre os desenganos, as amarguras sobre as amarguras: todos os meus cabellos brancos têm uma dona — e eu continúo a amar a vocês...

"On devient vieux, mais qui devient sage?" Je E' verdade, embora Mephistopheles: a gente fica velho mas ninguem cria juizo. Continuamos a soffrer do mesmo modo, porque reincidimos sempre nos antigos erros.

Quem me mandou nascer homem? ... velho Tem razão o Freud com as suas theo-

De Raymundo Geiser

Isaac vê seu irmão ao lado de uma mulher que, desde logo, percebe ser christã.

— Escuta, Jacob: ainda te lembras da supplica de papae, quando morreu, e das censuras que me fizeste?

— Pois, Isaac, eu só procedo assim para collocar papae em sua posição primitiva.

•

ISAAC e Levy encontram-se na frente russa, durante a guerra européa. Como ambos estranhem o encontro, se explicam:

— Eu sentei praça no exercito porque sou solteiro e amo a guerra.

— Pois eu — diz o outro — sentei praça porque sou casado e amo a paz.

•

SALOMÃO está sem dinheiro e manda a seu pae, que reside no interior, numa cidade proxima, a seguinte carta:

"Querido papae: estou mal de dinheiro e muito grato lhe ficaria si quizesse remetter-me, o mais breve possivel, 500 francos. Seu filho, que o abraça, *Salomão.*"

Dias depois, recebe uma carta de seu pae, acompanhada de uma nota de 50 francos. Dizia a carta:

"Meu filho: junto te remetto o dinheiro que me pedes. Devo observar-te, entretanto, que cincoenta só se escreve com um zero, e não com dois, como, erroneamente, puzeste na tua carta."

•

NO enterro de um rico proprietario e negociante, um velho judeu, que acompanha o cortejo funebre, chora incessantemente, chamando a attenção de todo mundo. Afinal, um conhecido se aproxima delle, e lhe diz:

— Mas, homem, por que choras tanto?... Si o morto não era teu parente!...

— Eu sei disso — respondeu. — E é por isso que chóro.

•

NO principio da grande guerra, *Le Matin* prometteu cinco mil francos ao soldado que tomasse a primeira bandeira aos allemães.

Levy pensava:

— Si fosse eu!...

Os azares da guerra fizeram com que elle se encontrasse com seu primo Hirch, de Munich, que servia nas fileiras allemãs.

Quando o viu numa trincheira proxima, Levy lhe gritou:

— Olá, Hirch! Leste *Le Matin?*

— Não.

Levy atira o jornal ao primo. Hirch lê, comprehende, toma sua bandeira, envolve-a no mesmo jornal e a atira com todas as suas forças a Levy, gritando-lhe:

— Vamos rachar o premio!

•

EM seu leito de morte, o velho Moysés, taberneiro afamado, se dirige a seus filhos, dizendo lhes:

— Meus filhos: aconselho-vos a que nunca abandoneis meu ramo de negocio. Não conheço nenhum mais productivo. Ha cincoenta annos que o exploro e sei, por experiencia, que se póde fazer vinho de tudo... até de uvas!

BRANCOS...

Ha s pan-sexualistas: o amor domina toda a nossa vida. Cupido está sentado sobre o craneo da humanidade, como o viu Beaudelaire, soprando bolhas de sabão com as nossas illusões e loucuras...

Renunciar? Isso não, meus cabellos brancos de trinta annos! Não serei eu quem o faça.

Esse velho coração, que as mulheres têm despedaçado, quando eu morrer quero que o enterrem numa cova raza e plantem roseiras vermelhas por cima. Porque assim, mesmo eu morto, elle ha de subir em seiva até os rebentos novos e ha de dar rosas côr de sangue para enfeitar os cabellos das mulheres...

Almeida Cousin.

(Do livro inédito "Cartões a Lolace").

AMIGA DO PEITO

ESTOU quasi certo de que os leitores terão visto em scena Jenny Mousse, essa encantadora mulherzinha cujo mérito principal, como actriz de comedia, consiste no garbo e na esquisita elegancia com que sabe vestir os trajes de moda. Mas, não a viram nem a conhecem? Peor para os senhores. E' pena que ignorem a existencia de tal monumento artistico. Emfim...

Vista em scena, magnificamente envolta em sêdas e cheia de joias, Jenny é a imagem mais deliciosa e delicada que conheço. Como sabe baixar os olhos e ruborizar-se! Com que pudor escuta as declarações de amor do galã joven! Com que delicadeza se inclina sobre seu velho pae... theatral! Sua voz é uma leve caricia. Seus gestos estão cheios de harmonia. Sua sensibilidade é esquisita. Sua elegancia, indiscutivel!

Tudo isso, comprehende-se, em scena. Porque, fóra do theatro, Jenny é um verdadeiro camelio, por incomprehensiva, por dura, por antipathica. Qualquer mulher, por mais ridicula que seja, é uma creatura encantadora ao lado de Jenny Mousse.

—Jenny tem muito bôas amigas, a quem detesta cordialmente. O verdadeiro sentimento da amizade é desconhecido para ella. Nunca pretendeu conhecêl-o nem interpretál-o. Talvez para evitar o mais ruidoso fracasso...

Mas a melhor de todas as amigas de Jenny, isto é, aquella a quem odeia mais, é Rita Jouvard. E quem é Rita Jouvard? Meus amigos, ao iniciar esta historia, não me propuz fazer estudos biographicos. De maneira que se conformem em saber que Rita é uma grande actriz. Uma actriz graciosissima nas obras que lhe toca interpretar.

Agora vão ver o que fez Jenny á sua melhor amiga, Rita.

Cumpre notar — e é uma advertencia muito importante — que Jenny não tem motivo algum para vingar-se da outra. Só abriga esses vagos rancores que bastam, sempre e em todos os casos, para justificar uma inimizade feminina.

Si Rita tem grandes exitos no theatro, não prejudica, de maneira alguma, a Jenny, que desempenha papeis muito differentes. Mas basta que tenha exito...

Si Rita tem um velho muito rico — banqueiro e industrial — que a sustenta com luxo extraordinario, não menos rico, nem menos generoso, nem menos velho é o protector de Jenny. Mas basta que a outra viva com luxo... Que querem? Ha pessôas muito felizes que não transigem com a felicidade dos outros.

E eis aqui o facto, que é o mais interessante desta narrativa, e que eu, historiador a meu modo, não posso deixar de lhes expôr com todos os detalhes do successo:

Pela manhã, Rita telephonou a Jenny e, depois das mil perguntas e respostas innocentes e estúpidas que as mulheres se fazem mutuamente, disse á sua amiga da alma:

— Esta noite é a estréa de "Queres dar um passeio?". Apresso-me a informar-te que tenho um papel magnifico, mas de muito trabalho e responsabilidade. Estou em scena quasi toda a peça. Vaes assistir á representação? Espero ver-te applaudindo-me de teu camarote. Tenho muito medo, confesso-te. Gostarei? Pelo menos conto com tua sympathia e com teus bons desejos. Que isso já é sufficiente para dar-me forças e affirmar meus enthusiasmos.

Jenny respondeu:

— Terás um exito louco, querida. Não tenhas medo. Eu te acompanho com meus melhores votos e bons desejos. Tenho confiança em ti e já desconto o triumpho que mereces.

E, ao dizer isso, pensava:

— "Seria muito engraçado que, ao sahir em scena, recebesse Rita uma noticia má. Impressionavel como é, prejudicaria a obra e fracassaria ruidosamente."

Tenho ou não razão ao dizer que Jenny é um magnifico exemplar camello? Porque Jenny não se contenta em ter mão pensamento para com sua amiga da alma, mas ainda procura pôl-o em pratica immediatamente.

Viram? Não lhes dizia eu que a mulher mais mal intencionada era uma figura de bondade e de nobreza ao lado desta Jenny encantadora? Bem vêem que eu tinha razão.

HOMEM FELIZ. — O empregado. — Desejava, senhor, ir ao enterro de minha sogra.
O chefe. — Eu tambem desejava...

De André Birabeau

Jenny reflecte. Que é que mais importa a Rita? Evidentemente, o rico protector que a sustenta com luxo asiatico. Si este lhe faltasse, seria para ella uma verdadeira desgraça.

— "E' isso. Si o senhor Vabeux morresse, seria fatal que Rita teria um ataque de nervos legitimo, desses que não dão tempo para se escolher a maneira de cahir bem, elegantemente, sobre um commodo sofá.

Jenny mostra, naquelle momento, um sorriso angelical, de theatro. Está preciosa e insinuante. Feliz.

A sorte vem em seu auxilio. O senhor Vabeux, que tem setenta e dois annos e está com a saude muito delicada, se encontra em tratamento em um sanatorio de Ramos Mejia.

A's seis horas, Jenny, satisfeita de si mesma, quasi orgulhosa de ter nascido tão ingenua e tão leal, toma um carro e se dirige a Ramos Mejia. Chega. E dali expede um telegramma urgente, cujo texto me permitto reproduzir, como um documento que garante a veracidade desta narrativa historica:

"Rita Jouvard. Theatro Moderno. Capital. Vabeux falleceu repentimente. Condolencias."

Pagou, sorriu ao empregado do telegrapho e novamente foi occupar seu logar no auto, regressando com a consciencia tranquilla do dever cumprido.

A's nove em ponto, sorridente, angelical, brilhante o olhar traductor de intimo regosijo, Jenny occupa seu camarote no theatro Moderno. Sua fascinante belleza, unida ao luxo extraordinario de sua *toilette*, bem depressa attrae a attenção de toda a sala. Jenny goza. Jenny está orgulhosa de ter nascido. O mundo é pequeno para seu triumpho.

Sôa o timpano e sobe o panno, emquanto a minuscula orchestra arremette com uma musica de occasião.

Que se passará?

Sahirá o director da companhia a communicar ao publico que, por uma ligeira indisposição da primeira actriz, Rita, a estréa é suspensa?

Que occorrerá?

Jenny suffoca-se de angustia e de impaciencia.

Não occorreu nada. Rita, em pessôa, sae á scena. Jenny examina-a inquisitorialmente com seu *lorgnon*. E, com surpresa, verifica que a collega não está pallida e começa a declamar com uma naturalidade assombrosa. Parece muito dona de si mesma. Como trabalha bem! Que expressionismo admiravel! Que desgraça para Jenny!

O primeiro acto foi um exito clamoroso. O segundo é maior. O publico, de pé, applaude delirantemente a actriz genial, glorificando-a.

Jenny conseguiu evitar um grito de applauso tambem.

Desafiadora, levanta-se e deixa o camarote. Aonde vae? Ora, é muito simples. Dirige-se, cheia de ira, ao camarim de Rita, para dar-lhe um abraço de felicitação e homenagem.

Frente a frente, depois do abraço, Jenny sorri a Rita. E esta ultima pergunta:

— E s t o u b e m, não a c h a s? Que applauso, meu Deus! Que publico amavel! Estou muito satisfeita. Imagina! E' tão bello sentir-se invejada! Daqui á glorificação só falta um passo. Não é verdade?

— Bem a mereces, já que és uma grande actriz. E bem sabes que eu não te minto, que sou tua amiga.

— Oh, bem o sei! E' por isso que te confio tão espontaneamente minhas impressões.

— E eu te agradeço, embora não faças mais do que corresponder á minha lealdade para comtigo.

— Somos duas mulheres muito felizes!

— Não comprehendo.

— E' que ainda não sabes de tudo.

— Não sei de tudo?

— Não, não sabes de tudo, querida.

Jenny treme. Espera a revelação do segredo. Terá recebido o telegramma? Rita continúa:

— Imagina que, ao chegar ao theatro, recebi um telegramma... (só te digo a ti, porque és minha melhor amiga) que me trouxe a grande noticia. Sou livre! Vabeux morreu!

— E' verdade?

— Certissimo. Mas, como eu receava que isso occorresse quando menos se esperasse, h o n t e m mesmo estive no sanatorio e consegui que fizesse testamento a meu favor.

O vendedor de loção para fazer crescer o cabello. — Perdôe, senhor, mas costuma jogar bilhar?
O freguez. — Sim; por que?
O vendedor. — Porque, neste caso, aconselho-o a que, sempre que usar esta loção, lave bem as mãos, antes de tocar nas bolas do bilhar...

SEDUCÇÃO

DE FREDERICO BOUTET

— Então, irmãzinha, acabastes de installar-vos? Não estaes com saudade de vosso casarão da provincia?

— Soffremos tantas contrariedades desde que morreu meu pobre Edmundo, que deixámos aquella casa sem saudade. Claudina e eu. Como vos estou agradecida, a ti e a teu marido, pelo apoio que nos prestastes!...

— Mas, Magdalena, não valeria a pena ter uma só irmã para não querêl-a!

— E sabes que correspondo á tua grande estima, Theresa.

As duas irmãs abraçaram-se. Pareciam-se muito; eram esbeltas e loiras ambas. Mas o luto severo de Magdalena não a favorecia, emquanto que Theresa, com os cuidados com que tratava sua belleza, parecia bastante mais joven, apesar de ser mais velha do que a irmã.

— E que pensas fazer agora? — perguntou Theresa.

— O unico interesse de minha vida é a felicidade de minha pequena Claudina. Quero que encontre um marido digno della — um marido que a faça feliz. E é esse o grande favor que espero de ti. Não temos relações, nossa situação economica, depois da morte de meu marido, é muito modesta, e eu quero que me ajudes a casar a Claudina.

— Tua filha é encantadora, e tão bonita como tu na sua idade. Isso facilita muito as coisas. Conta commigo para procurar esse marido que convém á pequena. Virás ás nossas reuniões. Não protestes. Teu luto terminou ha bastante tempo, e é preciso cultivar amizades. Tambem, tu e Claudina, tereis que mudar um pouco. Sobretudo tu. Nada de vestidos tão severos como os que usas agora. E' necessario que não dês essa impressão de austeridade provinciana, que te envelhece.

— Mas pensas que eu?...

— Tu dás sombra a Claudina. Ella é bonita. Realça sua formosura, em vez de nublál-a, e não a envelheças, envelhecendo tu propria, prematuramente. E' esse o teu primeiro dever, irmãzinha. Quando ella se casar, poderás voltar á tua sombra, si quizeres. Mas, agora, não deixes de seguir meus conselhos.

Não sem alguma repugnancia, Magdalena Lecordier resolveu seguir os conselhos da senhora Larcher, em quem tinha absoluta confiança. Mas, pouco a pouco, foi modificando sua attitude e seu aspecto, o que a rejuvenesceu sensivelmente, pelo que se sentiu, no intimo, satisfeita, mesmo que toda sua attenção estivesse concentrada no casamento da filha.

Claudina, tão bonita quanto intelligente, alcançára um grande exito na sociedade. Era muito cortejada. Mas, embora houvesse cinco ou seis rapazes que pareciam provaveis pretendentes, nenhum se declarára, e isso tornava desolada a mãe.

— Mas, Theresa — disse, um dia, a sua irmã. — Os rapazes de hoje são tão interesseiros, que uma joven que não tenha dote, como Claudina, apesar de bonita, não encontra casamento assim com muita facilidade... Não achas?...

— Querida Magdalena, agora mesmo ia annunciar-te uma visita. Não se trata de um rapaz, precisamente... O senhor Frilay perguntou-me si podia falar contigo...

— O senhor Frilay? Mas, Theresa..., é tão velho...

— Não é, com effeito, um homem moço. Entretanto, é um cavalheiro cortez, educado, amavel, intelligente, muito rico, e a quem todos conhecemos muito bem.

— E quer casar com Claudina?

— Apenas me perguntou si podia visitar-te, e eu lhe respondi que o receberias amanhã.

No dia seguinte, o senhor Frilay, um homem que possuia a bôa qualidade de não pretender apparentar uma juventude que não tinha, se apresentou em casa da senhora Lecordier.

— Senhora, — disse-lhe — o passo que dou é, para mim, de uma importancia extraordinaria, e tem a approvação de sua irmã e de seu cunhado.

— Cavalheiro — respondeu Magdalena, muito commovida já sei de que se trata. A primeira pessôa a quem tenho que consultar é Claudina. Eu não quero forçál-a...

— Mas, senhora — contestou o senhor Frilay, espantado. — Precisa, então, consultar a sua filha antes de saber si a senhora quer casar commigo?

— Que diz o senhor?!

— Mas, sua irmã não a preveniu? Pelo menos, acaba de dizer-me... Reflicta, querida amiga. Pensar em casar-me com uma joven que não tem ainda vinte annos! Não sou dos que se arriscam em semelhantes aventuras. Quero casar-me, mas com a senhora...

Elle continuou falando, com uma galanteria respeitosa e familiar. Magdalena Lecordier, em meio de sua surpresa, estava dominada por uma grande alegria, uma alegria vaidosa, que nunca sentira em sua existencia monótona. Estava, portanto, novamente formosa, desejavel... Era amada.

— Como poude a senhora crer que eu ia commetter a loucura de casar-me com uma criança? — proseguiu o senhor Frilay. — Como não comprehendeu immediatamente a sympathia que despertou em mim? Quando a vi pela primeira vez em casa de sua irmã, reservada, attrahente, sem apoio, com toda a doçura sem coqueteria da provincia de outr'ora, comprehendi a felicidade que, a seu lado, póde alcançar um homem como eu — um homem experiente, farto de mulheres falsificadas, farto de bellezas febris e de seducções encarniçadas: seducções que não sabem desarmar, mesmo, talvez, que fosse o meio de seduzir ainda, abdicando...

Continuava falando... E Magdalena tinha vontade, agora, de gritar-lhe, com toda a amargura da decepção que lhe cansava cada palavra:

— Então, si é porque já não sou moça, nem formosa, que quer casar commigo, eu recuso a proposta!

Mãos vazias

Talvez porque eu sonhasse pouco, outróra,
mãos vazias, em concha, para o céo,
nunca a esperança que de luz se enflóra,
á minha voz sem éco respondeu.

Sonhei tanto, depois, estrada a fóra,
tão cheias tive as mãos do que era meu,
que, de uma aurora aos olhos de outra aurora,
tudo, em torno de mim, refloresceu.

Mas tudo isso passou, ao vir dos dias.
Cansado de sonhar, voltei ao pó
em que não se alicerçam fantasias.

Mas cansei. Olhei tudo e tive dó.
Chorei de pena destas mãos vazias
e enlouqueci da angustia de ser só.

WENCESLAO BRANDÃO

RESPEITO

NESTA época do anno penso no campo e penso em minha terra.

Si eu voltasse á minha terra, pediria noticias de cada um.

— Que é do filho do ferrador?

— Está na capital. Fundou um banco.

— E Coralinha, aquella formosa loirinha que guardava as vaccas?

— E' estrella de cinema.

Quem sabe! Talvez encontrasse algum camponio de quem me dissessem: "Continúa cultivando a terra".

Em todo caso, estou certo de que alguma coisa surprehendente me diriam do tio Payas. A ultima noticia que me deram delle foi que o haviam nomeado administrador de uma estancia. Um bom cargo. E o que me surprehendeu, quando mo disseram, não foi que conseguira tal emprego, pois não lhe falta habilidade para conseguil-o, mas que o houvesse conservado.

Porque é pesada a administração de uma estancia. Ha muitos hectares em torno da casa. Bosques, vinhas e arvores fructiferas, toda especie de terras cultivadas. E um curral. E um invernadeiro. E uma cancha de tennis. E um jardim inglez. E de tudo é preciso cuidar.

Tive muita pena de Payas quando me disseram que havia acceito aquelle emprego. Porque conheço Payas e conheço o novo proprietario da estancia, homem que usa luvas para falar, que não sabe aborrecer-se sem ser violento, nem violento sem ser grosseiro. A primeira vez que teve que censurar Payas, o fez com sua maneira habitual. Payas tornou-se livido, olhou seu filho César, que estava trabalhando a pouca distancia, e disse a seu patrão:

— Senhor, tudo o que diz é muito justo. Reconheço que fiz mal e que o senhor tem razão para lhe reprehender-me. Entretanto, rogo que não continúe neste momento. Meu filho nos está ouvindo, e, eu receio que elle, assistindo aos insultos que o senhor me atira, venha a perder o respeito que tem a seu pae. E, assim, em casa eu não mais poderia ter autoridade alguma sobre elle. Não poderia dar-lhe ordens. De maneira que, entre nós, me diga o que quizer; mas, estando presente meu filho, supplico-lhe que não me diga nada.

A supplica era, afinal, bem razoavel. Não se deve humilhar um pae deante de um filho. A dignidade paterna é coisa sagrada. O proprietario deixou de gritar.

Poucos dias depois, Payas cahiu novamente em falta. Um barril de vinho que se furou. O proprietario gritou:

— Payas! Onde está esse idio-

Contraste

A minha vida é um contraste!
Ando sempre fantasiado de palhaço...
No guiso do meu riso
vou afogando as minhas magoas,
que são como as aguas correntes
que nascem nas vertentes
e fogem para o mar!
A minha vida é uma cidade
em pleno carnaval...
A dôr e a tristeza são os habitantes
dessa cidade paradoxal!
E o meu pensamento é um salão de baile
onde as estrellas fantasiadas de luz
dançam, á symphonia do vento,
a dança triste da saudade!

FERNANDO CORRÊA LOPES

de André Birabeau

ta? Onde está essa...? Ah! Está ahi? Ah!...

— Chiss! — disse Payas. — O pequeno!...

O pequeno chegava, com effeito, com um regador na mão. Que queriam que o patrão fizesse? Dar meia volta. E assim agiu, engulindo as palavras.

Houve, depois, uma questão de uma parede desmoronada, umas gallinhas roubadas, umas frutas abandonadas... Payas é um homem bom, mas um mal administrador. Um proprietario de melhor genio teria vociferado. Aquelle, que o tinha mal, não vociferava. Apenas começava a vociferar. Porque o menino immediatamente apparecia.

Payas podia commetter as maiores faltas, e notál-as o patrão. O resultado era este:

— Payas. Por sua culpa, morreram duas vaccas.

— Sim. E então, senhor?

— Então... nada.

Uma vez, no emtanto, o proprietario se irritou. Não me lembro por que motivo. E gritava:

— Si continuar assim, despedil-o-ei! Estou farto de supportar os seus desleixos!...

O pequeno estava perto, escutando. Mas o patrão teve a surpresa de ver que Payas lhe respondia, insolente:

— Não será o senhor quem me despedirá! Eu mesmo deixarei sua casa! Si o senhor está farto de mim, mais o estou eu do senhor!

E, depois de gritar assim, ajuntava:

— Perdõe, senhor. Vejo-me obrigado a fazêl-o, por causa do pequeno. Elle me respeita, e, si eu não respondesse, deixaria de respeitar-me.

E houve uma ultima questão. Foi quando, por negligencia de Payas, a granja se queimou. Quando o soube o patrão, rugiu:

— Payas! Payas!

E correu á casa do administrador, que chamava seu filho:

— César! Anda depressa! Não ouves que o patrão me chama? Furioso como está, sabe Deus o que aconteceria. Toma qualquer coisa e fica perto de nós, como de costume.

O patrão ouviu que o pequeno, que tanto respeitava seu pae, respondia:

— Deixa-me em paz, que tenho mais o que fazer! E mesmo que elle te despedisse, era bem feito, pois bem o mereces; és preguiçoso, e não fazes nada, obrigando-me a fazer tudo. Não grites, que eu não tenho mêdo! Não tenho mêdo!... Ouviste?!

Não é necessario accrescentar que Payas perdeu seu emprego. Si eu fosse á minha terra, saberia o que foi feito delle.

A CARA AMARELLA

Ao publicar estes pequenos esboços dos numerosos casos em que fui ouvinte, e por vezes actor, nos dramas estranhos que o constituem, e em que se exhibiram os dons singulares do meus companheiro, é natural que mais me occupe dos seus exitos do que dos seus insuccessos. Não em proveito da sua fama, pois nunca a sua energia e malleabilidade se tornaram mais adoraveis do que nos casos para que não encontrava solução; mas porque, em elle errando, quasi sempre acontecia que ninguem mais acertava no assumpto, e este ficava para sempre sem explicação. Tenho nota de meia duzia de factos desses. Este que vou contar é dos que apresentam traços de maior interesse.

Sherlock Holmes era um homem que raras vezes fazia exercicio por achar nisso prazer. Comtudo poucas pessôas ha capazes de tão grande esforço muscular, e era um dos melhores "boxeurs" que tenho conhecido; mas considerava um inutil dispendio de energia o exercicio dado ao corpo sem um fim determinado, e raras vezes se punha em movimento, a não ser para qualquer fim profissional. Então era absolutamente infatigavel. E' devéras notavel que nestas circumstancias se encontrasse sempre treinado para o exercicio; mas devia-se esse facto á extrema frugalidade do seu regimen e aos seus habitos tão simples que quasi tocavam ás raias da austeridade.

Não tinha vicio algum, a não ser usar ás vezes a cocaina, a que aliás só recorria como protesto contra a monotonia da vida, quando os casos da sua especialidade rareavam e os jornaes se apresentavam sem interesse.

Um dia, no começo da primavera, condescendera em ir dar commigo um passeio pelo Parque, onde os primeiros rebentos verdes irrompiam dos olmos, e os castanheiros ponteagudos começavam a abrir as suas largas folhas. Durante duas horas vagueamos ambos quasi sempre calados, como é natural entre duas pessôas que se conhecem intimamente. Eram quasi cinco horas da tarde quando voltamos para Baker Street.

Ao abrirmos a porta, o nosso creadinho disse, respeitosamente:

— Sr. Holmes, esteve aqui um senhor a procural-o.

O meu companheiro olhou reprovativamente para mim, concluindo:

— Ora ahi tem no que dão os passeios á tarde. E então esse senhor já se foi embora?

— Foi sim, meu senhor.

— Não lhe disseste para entrar?

— Disse, sim senhor; e elle chegou a entrar.

— Quanto tempo se demorou?

— Meia hora. Era um senhor muito impaciente, sempre de cá para lá, e a bater com os pés, emquanto esperou. Eu estava cá fóra e sentia-o sempre nesse desatino. Até que por fim sahiu para o corredor gritando: "Então, esse homem nunca chega?" Foram as suas proprias palavras. Eu disse-lhe que o sr. Holmes não podia tardar. "Então espero cá fóra ao ar livre, que já estou meio abafado! Volto daqui a pouco". E dizendo isto, abalou pela porta fóra, e não me foi possivel conseguir que se demorasse.

— Bem, bem, fizeste o que pudeste, disse Holmes, entrando na nossa sala. E comtudo é para damnar, Watson, accrescentou. Estava tão ávido de um assumpto, e este, a julgar pela impaciencia do homem, devia ser importante. Olá! este cachimbo que está em cima da mesa não é o teu, portanto deve ter sido elle que o esqueceu.

E' um cachimbo já usado, de raiz de roseira branca com a boquilha de ambar. E' caso para perguntar quantas boquilhas de verdadeiro ambar haverá em Londres! Pensa muita gente que o signal é terem uma mosca encravada. E' um ramo de commercio como outro qualquer o de pôr moscas fingidas em ambar fingido.

O pobre homem devia estar bem perturbado do espirito para deixar esquecido um cachimbo que com certeza tem em alto apreço.

— Como sabe que elle o aprecia tanto? — indaguei.

— Eu lhe digo. O mais que o cachimbo póde ter custado são sete schilings e sete pence. Ora, como vê, já foi duas vezes concertado, uma vez na haste de madeira e outra na boquilha. Cada um destes concertos, feitos com uma virola de prata, ha de ter custado mais de que o proprio cachimbo. O homem deve portanto tel-o em grande estimação, visto que prefere remendal-o a comprar um novo por egual preço.

— Nota-lhe mais alguma cousa? perguntei ao ver que elle virava e revirava o cachimbo de uma maneira que lhe era muito peculiar, quando cogitava.

Holmes ergueu o objecto e disse, dando-lhe pancadinhas com o seu fino e longo indicador, como um professor de anatomia que preleccionasse a respeito de um osso:

— Os cachimbos são ás vezes de um interesse extraordinario. Nada ha com mais individualidade, a não ser, talvez, os relogios e os atacadores das botas. Neste, porém, esse cunho é pouco accentuado e de pequena importancia. O dono é com certeza um

Sherlock Holmes — Por Conan Doyle

homem musculoso, canhoto, com uma excellente dentadura, descuidado nos seus habitos e não precisando de ser economico.

O meu amigo fazia rapidamente esta analyse, mas notei que me ia olhando de soslaio a verificar se eu seguia o seu raciocinio.

— Conclue então, disse-lhe eu, que um homem está bem de haveres porque fuma em cachimbo de sete schillings?

— Este fumo é o Groswenor, respondeu Holmes, batendo no fornilho do cachimbo, para que lhe cahisse na palma da mão um resto do seu recente conteúdo. Como se póde obter por metade desse preço outro fumo excellente, claro é que elle não precisa economizar.

— E as outras particularidades?

— Tem por costume accender o cachimbo á luz das vélas ou do gaz. Como vê, o fornilho está um tanto queimado em um dos lados. E' fóra de duvida que um phosphoro não produz isto, nem é natural que, ao accender o cachimbo com um phosphoro, se applique o lume de um lado só. Mas o que não é possivel é accendel-o numa véla sem o queimar de um lado. Ora este está queimado do lado direito, portanto o homem é canhoto. Experimente accender o seu na véla; como não é canhoto, porá o lado esquerdo em contacto com a chamma. Você podia, uma vez ou outra, fazer o contrario, mas não por habito. Ora com este não se deu o mesmo. Tambem se deve notar que o ambar está muito marcado pelos dentes, o que indica tratar-se de um individuo musculoso e energico, e com fortes dentes para produzir este resultado. Mas, se me não engano, já ouço o homem na escada, o que nos fornece assumpto de melhor interesse para o estudo, do que o seu cachimbo.

Minutos depois abria-se a porta e entrava pela sala a dentro um homem novo e forte. Vinha bem vestido, mas com um fato castanho escuro, simples e discreto, e trazia na mão um chapéo baixo de feltro. Podiam-se-lhe dar trinta annos, comquanto tivesse realmente mais do que essa edade.

— Peço desculpa, disse elle, um tanto embaraçado. Creio que devia ter batido á porta; devia, não ha duvida! mas a verdade é que estou um pouco transtornado, e devem por isso desculpar-me. Passou a mão pela testa como um homem meio tonto, e póde dizer-se mais depressa que cahiu sobre uma cadeira, do que se sentou.

— Vejo que não dorme ha uma ou duas noites, disse-lhe Holmes com aquelle seu modo despreoccupado e leve. Isso esgota mais os nervos de um homem do que o proprio trabalho ou os divertimentos. Permitta-me perguntar-lhe de que fórma posso prestar-lhe o meu auxilio?

— Careço do seu conselho, sr. Holmes. Não sei o que hei de fazer; e parece-me que toda a minha vida está estragada.

— Deseja consultar-me como agente de policia?

— Não é só nessa qualidade; preciso da sua opinião de homem judicioso, de homem do mundo. Necessito assentar na fórma por que hei de proceder immediatamente, e espero em Deus que me saberá aconselhar.

Dizia isto em tom precipitado e com voz aguda; mas parecendo que o esforço de falar lhe era penoso, e que a sua vontade de explicar-se estava violentando o instincto que lhe pedia o contrario.

— Trata-se de um caso muito delicado, accrescentou. Ninguem gosta de falar a estranhos sobre os seus assumptos domesticos. E' horrivel ter de o fazer! Mas já fui até onde podia ir para o evitar; chega o momento de vir pedir-lhe o seu conselho.

— Meu caro senhor Grant Munro... começou Holmes.

O nosso visitante deu um pulo na cadeira.

— O que! Pois sabe o meu nome?

— Se deseja conservar o incognito, respondeu Holmes sorrindo, aconselho-o a que não mande pôr o seu nome dentro do seu chapéo, ou então que volte esse nome para o lado contrario das pessôas com quem estiver falando. Ia eu dizer-lhe que tanto o meu amigo como eu temos ouvido nesta sala bem estranhos segredos e que temos tido a fortuna de restabelecer a tranquillidade em muitas almas afflictas. Espero que comsigo se poderá dar o mesmo. Permitta que lhe peça, — porque ás vezes, torna-se irreparavel a perda de tempo, — que principie a fornecer-me dados para eu julgar o seu caso.

O nosso visitante passou novamente a mão pela testa, como quem emprehende uma tarefa difficil. Cada uma das suas expressões e dos seus gestos denunciava que havia nelle um homem concentrado, que se sabia conter; orgulhoso por indole; mais propenso a esconder as suas dores do que a pranteal-as. Mas, subitamente, fazendo um gesto violento com o punho fechado, exclamou, como quem deita a reserva para traz das costas:

— Os factos são estes, sr. Holmes. Sou casado.

(*Continúa na pagina seguinte*)

ha tres annos. Durante todo esse tempo minha mulher e eu fomos o par mais amante e mais feliz deste mundo. Não havia entre nós uma divergencia, nem de pensamentos, nem de palavras. Mas eis senão quando, desde segunda-feira passada, estabeleceu-se entre nós uma barreira, e vejo que ha alguma cousa na vida e no espirito della, de que eu sei tão pouco, como se minha mulher fosse uma estranha que passasse por mim na rua. Estamos alheiados um do outro, e eu quero saber qual o motivo disso. Antes de continuar, ha uma cousa que necessito gravar bem no seu espirito: é que Effie me tem amor. Sobre este ponto não haja duvidas. Ama-me com toda a sua alma e coração, e nunca me amou mais do que agora. Sei-o, sinto-o. Sobre este ponto não quero discutir. Não é difficil a um homem saber quando é amado por sua mulher. Mas ha entre nós este segredo, e emquanto elle se não esclarecer, não podemos voltar a ser o que eramos dantes.

— Tenha a bondade de me expôr os factos, senhor Munro, disse Holmes, já um pouco impaciente.

— Vou passar a dizer o que sei sobre a historia de Effie. Quando pela primeira vez a encontrei, já ella era viuva, se bem que muito nova. Tinha apenas vinte e cinco annos. O seu nome era então Mrs. Hebron. Fôra muito nova para a America e ahi casára com um tal Hebron, que era um advogado muito habil.

"Só uma vez foi mãe, mas, tendo grassado no sitio com intensidade a febre amarella, tanto o marido como a creança morreram dessa febre.

"Vi as certidões de obito.

"Isto desgostou-a da America, e voltou para Pinner, em Middlesex, a viver com uma tia solteira.

"Devo notar que o marido a deixou muito bem de meios, e que ella propria tinha um capital de cerca de duas mil e quinhentas libras, que fôra por elle tão bem administrado que rendia o juro de sete por cento.

"Havia apenas seis mezes que Effie estava em Pinner quando a encontrei: enamoramo-nos um do outro e casamos umas semanas depois.

"Negocio em lúpulo e, como tenho um rendimento de setecentas a oitocentas libras, vivemos muito desafogadamente. Aluguei em Norbury, por oitenta libras ao anno, uma bonita casa.

"O sitio é quasi campo, apesar de ficar muito perto da cidade. Um pouco acima do ponto em que vivemos ha uma hospedaria e duas habitações, e no terreno fronteiro á nossa casa está um "cottage" completamente isolado. (1).

A não ser isto, não existe casa nenhuma até meio caminho da estação. Em algumas quadras do anno os meus negocios prendem-me muito na cidade; mas no verão tenho menos que fazer e então, tanto minha mulher como eu gozavamos muito da nossa casa, eramos nella felizes.

"Asseguro-lhe que até surdir este maldito incidente, nunca entre nós houve a menor sombra.

"Tambem succedeu outra coisa que lhe quero dizer antes de proseguir. Quando casamos, minha mulher fez-me depositario de todos os seus bens, muito contra a minha vontade, por ver quanto isto seria desastroso no caso de correrem mal os meus negocios. Comtudo, Effie quiz que assim fosse, e foi assim. Ora, ha cerca de seis semanas veiu ter commigo e disse-me:

— Thiago, quando te entreguei o meu dinheiro disseste-me que, se alguma vez precisasse delle, t'o pedisse, não é assim?

— E' claro, respondi. E' todo teu.

— Pois bem, accrescentou ella, preciso de cem libras.

Mostrei-me um tanto surprehendido, pois imaginára que se tratava apenas de uma compra de um vestido ou de coisa semelhante.

— Para que podes tu querer esse dinheiro? perguntei.

— Disseste-me que eras apenas o meu banqueiro, respondeu ella em tom de brincadeira, e os banqueiros, como sabes, não fazem perguntas.

— De certo. Se é esse realmente o teu desejo, terás o teu dinheiro, accrescentei.

— E', realmente, disse ella.

Tive de contentar-me com isto; era no emtanto a primeira vez que entre nós se estabelecia um segredo. Dei-lhe um cheque e não pensei mais no assumpto.

Talvez este ponto nada tenha com os factos posteriores; em todo o caso entendi mencional-o. Ora, como ha pouco lhe disse, existe um "cottage" não longe da nossa casa. Separava-nos delle apenas um terreno, e para lá chegar temos de ir pela estrada e depois descer um atalho. Mesmo contiguo á sala, fica para traz, um pequeno e lindo massiço de pinheiros da Escossia, e eu tinha por costume ir de vez em quando até lá, porque acho sempre adoravel o convivio das arvores. Havia seis mezes que a casa estava devoluta, o que me fazia pena, porque era uma bonita moradia de dois andares, com um portico antigo e enramado de madresilva. Pensava muitas vezes que devia ser uma habitação encantadora. Na segunda-feira indo eu dar por ali uma volta, encontrei uma carroça que sahia do atalho e reparei ao mesmo tempo num monte de tapetes e muitos objectos de mobilia sobre a relva, junto da porta. Era evidente que a casa fôra alugada. Parei então defronte della, dei-lhe uma vista de olhos, pensando quem seria a gente que iamos ter por vizinhos. E estava nestas cogitações, quando percebi de repente que de umas das janellas do primeiro andar um rosto me espreitava.

Não sei o que essa cara tinha de especial, mas ao vel-a senti um calafrio de horror. Estava a demasiada distancia para eu poder distinguir-lhe as feições, mas havia naquelle rosto o que quer que fosse que não era humano nem natural. Foi a impressão que recebi. Aproximei-me rapidamente, para me affirmar melhor na pessôa que me observava, mas quando o fazia, o rosto desappareceu tão subitamente que parecia ter-se afundado na escuridão interior da casa. Ainda me demorei cinco minutos pensando no incidente e tratando de analysar as minhas impressões. Não poderia dizer se a cara era de homem ou de mulher. Mas, o que nella mais me impressionou foi a côr. Era de um amarello livido, e com alguma cousa de rigido e immovel que a tornava afflictivamente estranha! Fiquei tão perturbado, que resolvi ali mesmo saber mais alguma coisa sobre os novos moradores. Aproximei-me e bati á porta, que me foi immediatamente aberta por uma mulher magra com modos pouco convidativos e cara de poucos amigos.

— Que é que quer? perguntou-me, com pronuncia accentuadamente do norte.

— Sou seu vizinho, moro além; disse eu, indicando-lhe a minha casa. Como vi que se mudaram para aqui, pensei que lhes poderia ser util em alguma coisa, e...

(*Continúa no proximo numero*)

---

(1) — Casa de campo.

DÔR?

GUARAINA

Casa de Saude dr. Francisco Guimarães

ARISTIDES LOBO, 115
TELEPHONE 8 - 3957

DIARIAS DESDE 15$000

Kola Cardinette
O Tonico Mundial.
O mais delicioso e efficaz tonico e reconstituinte.
O melhor e mais positivo para combater rapidamente a debilidade em qualquer de suas manifestações.
KOLA CARDINETTE é uma combinação scientifica dos mais poderosos elementos fortificantes naturaes.
Tonifica e sustenta.
Seu sabor é delicioso.
Contem os valiosos principios vitaes de «Noz de Cola» e as propriedades tonicas e antipyreticas da «Quina», combinadas com as «vitaminas de cereaes» e a acção fortalecedora da «Noz Vomica».
Unicos concessionarios:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Rio — Ouvidor, 98
S. Paulo — S. Bento, 85
O TONICO MUNDIAL